



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**



**LARISSA LAINI LEÃO GOMES**

**EXPERIÊNCIAS FEMININAS NO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO  
RAVENSBRÜCK**

**MARIANA**

**2022**

**LARISSA LAINI LEÃO GOMES**

**EXPERIÊNCIAS FEMININAS NO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO  
RAVENSBRÜCK**

**Dissertação de mestrado apresentada ao Programa  
de Pós-Graduação em História do Instituto de  
Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal  
de Ouro Preto**

**Orientadora: Dra. Ana Mónica Henriques Lopes**

**MARIANA**

**2022**

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

G633e Gomes, Larissa Laini Leão.

Experiências femininas no campo de concentração Ravensbrück.  
[manuscrito] / Larissa Laini Leão Gomes. - 2022.  
113 f.: il.: color., tab., mapa. + Cartas.

Orientadora: Profa. Dra. A.M. Lopes.

Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade Federal de Ouro Preto. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História.

Área de Concentração: História.

1. Ravensbrück (Campo de concentração). 2. Prisioneiras de campo de concentração. 3. Holocausto judeu (1939-1945). I. Lopes, A.M.. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 94(4)"1939/1945"

Bibliotecário(a) Responsável: Iury de Souza Batista - CRB6/3841



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
REITORIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA



**FOLHA DE APROVAÇÃO**

Larissa Laini Leão Gomes

Experiências femininas no campo de concentração de Ravensbrück

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Aprovada em 16 de dezembro de 2022

Membros da banca

Doutora Ana Mónica Henriques Lopes - Orientadora Universidade Federal de Ouro Preto

Doutor Sérgio Ricardo da Mata - Universidade Federal de Ouro Preto

Doutor Roger Andrade Dutra - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Ana Mónica Henriques Lopes, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito no Repositório Institucional da UFOP em 07/03/2023



Documento assinado eletronicamente por **Ana Monica Henriques Lopes, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 21/03/2023, às 14:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0494707** e o código CRC **4092D85C**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.003521/2023-19

SEI nº 0494707

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35402-163

Telefone: 3135579406 - [www.ufop.br](http://www.ufop.br)

***Para as mulheres de Ravensbrück***

## AGRADECIMENTOS

Uma fala de um dos meus personagens preferidos me marcou profundamente, ele diz em seu discurso que acreditava que suas conquistas eram apenas suas, mas que isso estava longe de ser verdade pois sua família e seus amigos sempre o ajudaram e o suportaram. Eu, assim como ele acreditava que tudo que eu conquistei e que ainda iria conquistar seria devido apenas ao meu esforço e que a jornada fora solitária. Eu, assim como ele, estava enganada.

Agradeço acima de tudo à minha mãe Elizabeth, a pessoa mais importante da minha vida. Ela esteve sempre ao meu lado me encorajando, me dando forças, e me estimulando a melhorar. Mas o mais importante é que ela sempre esteve me inspirando. Somente através do seu exemplo e da sua força que eu consegui chegar até aqui.

À minha irmã Izabelle que sempre esteve comigo, me dando forças e acreditando em mim mesmo quando eu mesma não acredito. À minha orientadora, prof. Dra. Ana Mônica Lopes, por todos os ensinamentos, conselhos e principalmente por toda paciência. Sei que foi difícil lidar com meus textos sucintos, com minha cobrança e com meu estresse.

Estendo meu agradecimento ao meu professor de língua alemã, Heiner Gerhardt. Sem as aulas eu não conseguiria compreender inúmeros testemunhos e fontes usadas neste trabalho, e não poderia sonhar em tentar um doutorado neste mesmo tema.

Agradeço à minha família e aos meus amigos que estiveram comigo durante esse tempo, mesmo que a distância, sempre me incentivando.

Por último agradeço à UFOP e ao Programa de Pós Graduação em História e a todo o departamento de História com seus excelentes professores que contribuíram para minha formação acadêmica e aos professores que participaram da minha banca, Dr. Sérgio Ricardo da Mata e Dr. Roger Andrade Dutra que com suas notas e conselhos me ajudaram a aprimorar meu trabalho.

*“Im Kampf zwischen dir und der Welt sekundiere der Welt.”*

**Franz Kafka**

## RESUMO

Tomando como exemplo Ravensbrück, o maior campo de concentração feminino, construído no norte da Alemanha, o objetivo desta dissertação é mostrar a experiência feminina no Lager, narrando a história das mulheres, mostrando sua luta, sua resistência, seus traumas e como conseguiram superá-los. Ao longo do seu aprisionamento elas demonstraram compaixão com as companheiras, criaram laços, e encontraram forças em colegas, que naqueles anos passaram a ser consideradas “família”. As mulheres de Ravensbrück sofreram com a fome, exaustão, trabalho forçado, frio, espancamentos, torturas físicas e psicológicas e um grupo de mulheres foi obrigado a passar por experimentos médicos que as mutilaram, tornando ainda mais difícil superar esses horrores.

**Palavras-chave:** Ravensbrück; Holocausto; Mulheres; Experiência.



## **ABSTRACT**

Taking Ravensbrück as an example, the largest female concentration camp, built in northern Germany, the intention of this dissertation is to show the female experience in the Lager, narrating the women's history, showing their fight, their resistance, their traumas and how they overcame them. Throughout their imprisonment they demonstrated compassion with their fellow inmates, they bonded, and found strength in others, which in those years, were considered to be "family". The Ravensbrück women suffered with hunger, exhaustion, forced labor, the cold, constant beatings, both physical and psychological tortures and a group of women was forced to participate in medical experiments that maimed them, making harder to get through these horrors.

**Key-words:** Ravensbrück; Holocaust; Women; Experience.

## **ABREVIATURAS**

**CICV-** Comitê Internacional da Cruz Vermelha

**GESTAPO-**Geheime Staatspolizei

**IKL-** Inspektion der Konzentrationslager

**Kripo-** Kriminalpolizei

**KZ-** Konzentrationslager

**SA-** Sturmabteilung

**SD-** Sicherheitsdienst

**SiPO-**Sicherheitspolizei

**SK-**Sonderkommando

**SS-** Schutzstaffel

**SS-TV -** SS-Totenkopfverbände

**T4-** Tiergartenstraße 4

**USHMM-** United States Holocaust Memorial Museum

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2 OS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO E O HOLOCAUSTO</b>	<b>17</b>
2.1 O cenário pré-guerra	17
2.2 Inimigos do Estado nazista	23
2.3 As três fases segundo Hannah Arendt	25
2.4 Early Camps	27
2.5 Classificação dos campos	31
<b>3 RAVENSBRÜCK</b>	<b>39</b>
3.1 A chegada	46
3.2 O cotidiano de Ravensbrück	48
3.3 Trabalho	50
3.4 As guardas	52
3.5 Blockovas	56
3.6 A experiência no Lager através de algumas mulheres	59
3.6.1 Olga Benário Prestes	60
3.6.2 Elisabeth Saborowski Ewert (Sabo)	61
3.6.3 Käthe Pick Leichter	62
3.6.4 Gemma La Guardia Gluck	65
3.7 Torturas e castigos	66
<b>4 PARTICULARIDADES DE RAVENSBRÜCK</b>	<b>69</b>
4.1 Uckermark e os subcampos	69
4.2 As mães e as crianças do campo	71
4.3 Diferenças entre os demais campos e Ravensbrück	77
4.4 Redes de solidariedade e resistência	81
4.4.1 Cartas secretas	89
4.5 Experimentos médicos	91
4.5.1 Idiotenstübchen	96
4.6 Médicos de Ravensbrück	97
<b>5 LIBERTAÇÃO</b>	<b>100</b>
5.1 Reféns para troca	100
5.2 Negociações suecas	101

<b>5.3 Libertação de Ravensbrück</b>	<b>104</b>
<b>5.4 Fases no campo de acordo com Viktor Frankl</b>	<b>106</b>
<b>5.5 Dificuldades após a libertação</b>	<b>108</b>
<b>5.6 Responsabilidade</b>	<b>111</b>
<b>5.7 Vida pós-holocausto</b>	<b>113</b>
<b>6 CONCLUSÃO</b>	<b>116</b>
<b>7 ANEXOS</b>	
<b>8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	

## 1. INTRODUÇÃO

Embora não seja um assunto fácil, muito menos agradável, o estudo do Holocausto é necessário, tanto para compreendermos esse evento sombrio, quanto para podermos reconhecer sinais de regimes desumanos e impedir que progridam. Esse assunto é tema de meu interesse de pesquisa desde a disciplina de História Contemporânea, no segundo período. Como trabalho final escolhi discorrer sobre o totalitarismo dando ênfase no regime nazista e suas principais características. Desde então não mudei meu objeto de pesquisa. Essa foi a temática de minha Iniciação Científica e apesar de não haver nenhuma dúvida que gostaria de continuar a mesma linha no mestrado, me vi durante a pesquisa, questionando minha escolha.

Não foi fácil separar minha pesquisa da minha vida pessoal. Na verdade, falhei nesse quesito. A vontade de desistir foi grande, e em algumas situações me arrependi do percurso. Não por ter sido difícil, mas por ter me proporcionado uma dura visão das pessoas e da vida em si. Comecei acreditando que a fé, tanto em Deus, quanto nas pessoas, dos prisioneiros nos campos de concentração os ajudaram a suportar todo aquele horror, mas acabei por ter certeza que não há explicação para tantas atrocidades. Não existe explicação para todo sofrimento imposto sobre eles. A Shoah foi desumana. Uso aqui a palavra desumana por falta de outra que descreva tais horrores. Os prisioneiros eram tratados como se não fossem nada. Não podemos dizer que eram tratados como animais, porque o tratamento dirigido a eles foi inúmeras vezes mais cruel.

É difícil acreditar que seres humanos pudessem ter ideias e ações tão atrozas com seus semelhantes. Apesar disso, não podemos negar que tais ações aconteceram e suas consequências não se limitaram ao passado, elas existem ainda hoje e existirão por muito tempo.

Quando alguém escolhe pesquisar o holocausto, sabe que vai se deparar com narrativas cruéis, mas o que eu não esperava era que minha pesquisa seria feita durante uma pandemia.

A pandemia do COVID-19 chegou de forma inesperada e levou consigo milhões de vítimas. As notícias só cobriam o número de infectados, o número de mortes e o quanto o vírus era letal. A todo momento fomos bombardeados com óbitos,

falta de sensibilidade por parte de autoridades do país, ineficiência no combate ao vírus, etc. É necessário reforçar a ideia de que a pandemia afetou minha pesquisa, e minha pesquisa afetou como eu lidei com a pandemia.

Os oficiais nazistas dos campos lotados não lidavam com a morte, simplesmente a banalizaram. Lidar com corpos era incômodo, e também uma tarefa que a SS se recusava a fazer. A família não tinha notícias, somente ao final da guerra que puderam tentar se reunir e então perceberam que sua mãe, seu pai, seu filho, sua filha, fora assassinado, pois os registros foram queimados, assim como os corpos.

O Holocausto foi um evento único na história. Foram anos extremamente cruéis, difíceis de serem estudados em tempos “normais” (...) até o momento em que escrevo, e não obstante o horror de Hiroshima e Nagasaki, a vergonha dos Gulags, a inútil e sangrenta campanha do Vietnã, o autogocídio cambojano, os desaparecidos na Argentina e as muitas guerras atroz e estúpidas às quais em seguida assistimos, o sistema concentracionário nazista permanece ainda um unicum, em termos quantitativos e qualitativos. Em nenhum outro tempo e lugar se assistiu a um fenômeno tão imprevisto e tão complexo: jamais tantas vidas humanas foram eliminadas num tempo tão breve, e com uma tão lúcida combinação de engenho tecnológico, de fanatismo e crueldade. Ninguém absolve os conquistadores espanhóis pelos massacres por eles perpetrados na América durante todo o século XVI. Parece que provocaram a morte de pelo menos sessenta milhões de índios; mas agiram por vontade própria, sem ou contra as diretrizes de seu governo; diluíram seus crimes, na verdade pouco “planejados”, por um arco de mais de cem anos; e foram ajudados pelas epidemias que involuntariamente trouxeram consigo. E, por fim, não tínhamos tentado nos livrar disso, alegando que eram “coisas de outros tempos”?<sup>1</sup>

Após o término da Segunda Guerra e com a libertação dos campos os sobreviventes enfrentaram inúmeros problemas, sendo um deles a dificuldade de falar sobre o tempo de aprisionamento e sobre os traumas desenvolvidos. Após um longo tempo passado da libertação houve a preocupação de se escrever sobre os horrores dos campos, e para isso era necessário o testemunho de pessoas que estiveram presas nesses terríveis lugares.

Ainda não temos uma visão muito ampla das particularidades enfrentadas pelas mulheres durante o Holocausto apesar de ter uma quantidade enorme de relatos sobre esse período. Isso se dá principalmente pela quantidade de relatos das mulheres ser significativamente menor que os dos homens. Muitas não quiseram dar seu

---

<sup>1</sup> LEVI, Primo. Os afogados e os sobreviventes. Tradução de Luís Sérgio Henriques – 3ª edição- São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. Página 15-6.

testemunho por inúmeros motivos, sendo um deles o medo de não acreditarem que suas histórias fossem reais. Muitas mulheres sofreram nos campos apenas por serem mulheres, mas essas particularidades não foram amplamente estudadas. A partir desse problema o principal objetivo desta dissertação é evidenciar essas características específicas ao campo e ao sexo feminino. Como Primo Levi descreve, as narrativas que temos sobre o holocausto são narradas por sobreviventes e que alguns detalhes ficarão para sempre perdidos.

Numa distância de anos, hoje se pode bem afirmar que a história dos Lager foi escrita quase exclusivamente por aqueles que, como eu próprio, não tatearam seu fundo. Quem o fez não voltou, ou então sua capacidade de observação ficou paralisada pelo sofrimento e pela incompreensão<sup>2</sup>.

Para alcançar esse objetivo foram analisados relatos sobre Ravensbrück, um campo de concentração localizado a 80 quilômetros ao norte da Alemanha. As mulheres mandadas para esse campo eram classificadas como inimigas do Estado, criminosas, antissociais, ciganas<sup>3</sup>, Testemunhas de Jeová e judias<sup>4</sup>. Ao longo dos seus seis anos de funcionamento<sup>5</sup> passaram por lá aproximadamente 130 mil mulheres e o número de mortes oscila entre 30 a 90 mil<sup>6</sup>.

As histórias e trajetórias das mulheres foram tiradas, principalmente, de dois livros: “Ravensbrück: a história do campo de concentração nazista para mulheres” de Sarah Helm e “As Judias do Campo de Concentração de Ravensbrück” de Rochelle Saidel. Os dois livros foram resultados de anos de pesquisa por parte de suas autoras, inúmeras visitas a arquivos e entrevistas, realizadas por elas mesmas, com sobreviventes. A partir dos testemunhos contidos nos livros e recolhidos pelas autoras pude traçar a história do campo, de suas prisioneiras, de sua administração e sua rotina. Tentei buscar os testemunhos por elas recolhidos, mas me deparei com o problema de não estarem disponíveis para o público. Como elas assim referenciam, está no “arquivo pessoal da autora”.

---

<sup>2</sup> LEVI, Primo. Os afogados e os sobreviventes. Tradução de Luís Sérgio Henriques – 3ª edição- São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. Página 12.

<sup>3</sup> Hitler considerava que prostitutas, criminosas, e ciganas eram seres impuros e precisavam ser eliminados da sociedade ariana.

<sup>4</sup> O campo não foi feito para aprisionar apenas judias, mas sim inimigas do Estado Alemão.

<sup>5</sup> O campo foi aberto em 1939 e libertado em 1945.

<sup>6</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017.

O uso frequente dessas duas bibliografias ao longo do texto se explica pela falta de fontes disponíveis. Ainda hoje, os documentos relacionados ao Holocausto estão sem tradução e não se encontram online. Os testemunhos de sobreviventes são escassos. Parte porque não houve quem quisesse escutar essas mulheres, parte porque elas mesmas não queriam lembrar o sofrimento daqueles anos. As duas autoras que cito acima pesquisaram o assunto por anos, por diversos arquivos em diversos países, tiveram a sorte de poder entrevistar sobreviventes. Em apenas dois anos de mestrado, com recursos limitados, infelizmente não pude ter um acesso mais amplo a fontes. Mas considero as narrativas dos dois livros ricas em informações, e sem elas não conseguiria realizar minha pesquisa.

O capítulo intitulado “Os Campos de Concentração e o Holocausto” introduz a perseguição dos inimigos políticos, dos antissociais e dos judeus. Contextualiza a Alemanha de 1933 que permitiu a ascensão de Hitler ao poder e a criação de leis antissemitas. Explica a criação dos campos de concentração e seus modelos, chegando à Solução Final. Tudo para introduzir a ideia central da pesquisa: Ravensbrück.

No capítulo seguinte busquei contar a história de Ravensbrück, descrevendo seu planejamento por Himmler e sua construção por prisioneiros do campo vizinho de *Sachsenhausen*. O capítulo dá uma visão mais geral da rotina do campo, descrevendo seus barracões, os trabalhos das prisioneiras e os castigos e torturas aplicados. Além da história do campo é contada também a história das guardas que o administravam e de algumas prisioneiras com histórias particulares que passaram pelo Lager.

Em seguida, tento cumprir com o objetivo de diferenciar esse campo dos demais, de apresentar as especificidades das experiências das prisioneiras de Ravensbrück. Ao fazermos isso começamos a entender mais sobre as amplas redes de solidariedade e resistência construídas por essas mulheres, mas também aprofundamos nossa visão sobre as crueldades cometidas nesse campo, seja pelos experimentos médicos ou pela desumanidade no tratamento das mães e das crianças aprisionados no campo.

O último capítulo busca encerrar a história do campo e dessas mulheres. Com a libertação do campo em 1945 pelas tropas soviéticas as mulheres enfrentaram diversos problemas, como a volta para casa e a localização de sua família. Além disso, busco concluir a história dos médicos e das guardas, narrando seu julgamento,



condenação e morte. Ressalto, por último, a criação dos memoriais do Holocausto, e de Ravensbrück e sua extrema importância.

Pretendi, nos três capítulos, demonstrar que a experiência das mulheres nos campos de concentração foi significativamente diferente das dos homens. Uma das maiores dificuldades encontradas durante a pesquisa foi a de selecionar o que utilizar, quais acontecimentos ressaltar, pois cada relato, cada história apresenta aspectos únicos. Apesar de transcrever, debater, explicar, não conseguiremos jamais expressar o que se passou naqueles terríveis anos. Não digo que o Holocausto é inarrável, mas ele beira o incompreensível, pois somente quem passou por experiência equivalente pode mensurar o sofrimento.

... faz parte de uma dificuldade nossa ou incapacidade para perceber as experiências alheias, o que é tão mais pronunciado quanto mais essas experiências são distantes das nossas no tempo, no espaço ou na qualidade. Tendemos a assimilá-las àquelas mais habituais, como se a fome em Auschwitz fosse a de quem perdeu uma refeição, ou como se a fuga de Treblinka fosse assimilável à fuga de um cárcere comum. É tarefa do historiador sanar a discrepância, que é tão mais ampla quanto mais tempo houver transcorrido desde os eventos estudados.<sup>7</sup>

Apesar de passarem pelo mesmo campo, terem a mesma rotina, cada sobrevivente apresenta sua perspectiva, seus traumas, seu sofrimento. Com a presente dissertação busquei alcançar um dos objetivos principais dessa pesquisa, o de ressaltar o quão importante foi e ainda é o testemunho dessas mulheres.

---

<sup>7</sup>LEVI, Primo. Os afogados e os sobreviventes. Tradução de Luís Sérgio Henriques – 3ª edição- São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. Página 128.

## 2. OS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO E O HOLOCAUSTO

### 2.1 Cenário pré-guerra

O regime totalitário é um sistema no qual o governante não reconhece limites na sua autoridade e controla todos os aspectos da vida na sociedade, tanto no âmbito público, quanto no privado. Tem como característica a anulação da hierarquização do Estado e sem discernimento de justiça. Assim como aponta Lefort: “O processo de identificação entre o poder e a sociedade, o processo de homogeneização do espaço social, o processo de fechamento da sociedade e do poder encadeiam-se para constituir o sistema totalitário.”<sup>8</sup>

O regime se constitui através da homogeneização do espaço social, criando um conceito em que todos os cidadãos são igualmente importantes para o funcionamento da sociedade e manutenção da ordem. Os líderes totalitários se identificam como a sociedade. “O totalitarismo supõe a concepção de uma sociedade que se basta a si mesma e, já que a sociedade se significa no poder, a de um poder que se basta a si mesmo.”<sup>9</sup>. Assim, Lefort conclui que:

A partir do momento em que o Estado tende a se confundir com a sociedade deixa de haver apenas presunção de um ponto de vista de racionalidade sobre o conjunto das atividades, esse ponto de vista torna-se o do poder que, por intermédio de seus agentes políticos, policiais, planejadores, possui o conhecimento inteiro do detalhe da realidade pessoal.<sup>10</sup>

Os regimes totalitários mantêm sua autoridade através do medo e da propaganda. Esses dois fatores são os mais importantes para a manutenção da ordem na sociedade. A propaganda funciona para inserir conceitos, ideias e fundamentos criados para a manutenção do sistema na mente da população e fazer com que assim ela seja subordinada ao líder e ao governo.

O medo foi instaurado em todos os níveis da sociedade, principalmente pela organização de grupos específicos para reprimir os contrários ao regime, constituindo grupos paramilitares com uma autogestão sanguinária. Na Alemanha surge a SS

---

<sup>8</sup> LEFORT, Claude. A Invenção Democrática. Os limites do totalitarismo. Capítulo 2, página 83

<sup>9</sup> LEFORT, Claude. A Invenção Democrática. Os limites do totalitarismo. Capítulo 2, página 83

<sup>10</sup> LEFORT, Claude. A Invenção Democrática. Os limites do totalitarismo. Capítulo 2, página 85.

(*Schutzstaffel*) em 1925, gerida por Heinrich Himmler desde a ascensão de Hitler a chanceler do estado Alemão.

São características dos sistemas totalitários ter um partido único, no caso alemão o partido nazista, que toma todas as decisões, culto à personalidade do líder, intensa presença de propaganda e controle da mídia, militarização da sociedade, expansionismo e a criação de um inimigo em comum para a sociedade, que para o regime nazista eram os judeus, negros e socialistas e para o stalinismo os burgueses.

O regime não possibilita uma prática da democracia e nem a garantia de direitos individuais. Há uma intolerância a qualquer manifestação de uma prática contrária a sua forma de governar podendo levar ao uso da violência para ser contida. O Estado passa a governar por meio de uma violência física e psicológica.

De acordo com Hannah Arendt, em seu livro *Origens do Totalitarismo*, só existiram dois regimes totalitários na história mundial, o Nazismo de Hitler e o stalinismo de Stalin. Cada um desses regimes tinha características específicas.

O regime totalitário de Hitler na Alemanha em 1933 surgiu como forma de oferecer uma resposta à crise, mas não apenas a ela. No totalitarismo há somente um partido comandado por um chefe carismático, a quem o povo segue cegamente: são figuras já conhecidas pela população por ter uma carreira política já existente e por apresentarem soluções para a crise instaurada no país. Enquanto no autoritarismo todos os partidos são extintos. Enquanto o autoritarismo mantém certa aparência de liberdade e democracia, o totalitarismo torna impossível mesmo manter essa aparência. O regime totalitário homogeneiza a sociedade banindo sua hierarquia. Como se observa Hannah Arendt discorrendo no trecho:

Uma escala de comando hierarquicamente organizada significa que o poder do comandante depende de todo o sistema hierárquico dentro do qual atua. Toda a hierarquia, por mais autoritária que seja seu funcionamento, e toda escala de comando, por mais arbitrário e ditatorial que seja o conteúdo das ordens, tende a estabilizar-se e constituiria um obstáculo ao poder total do líder de um movimento totalitário.<sup>11</sup>

Nos regimes totalitários a vida pública e privada são altamente vigiadas e controladas, fazendo com o que a população perca o discernimento entre “certo e errado”, e faz com que a ideologia pregada, como o extermínio judaico na Alemanha,

---

<sup>11</sup> ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Parte III, capítulo 2. Página 414.

seja sempre aceito e nunca questionado. A manipulação totalitária se dá em um nível extremamente profundo atingindo o inconsciente de toda a população. Isso faz com que o governo passe a controlar todas as esferas da vida social de um indivíduo, tornando parte inconsciente deste. Hannah Arendt dá um exemplo desta “inconsciência” levando em consideração o julgamento de Eichmann onde ele afirma que apenas seguiu ordens. Isso fazia parte da sociedade totalitária. Não havia espaço para questionamento, apenas para a obediência.

O regime de Hitler utilizava da violência em massa e do extermínio de certos grupos considerados “inimigos” do sistema; acreditava na criação de uma raça pura, “geneticamente superior”, queriam ter um Estado comandado por seres geneticamente superiores, no caso a raça ariana.

O autoritarismo alemão consiste nesses pontos citados por Osvaldo Coggiola:

Sua doutrina era simples, e tinha eixo na oposição entre a Alemanha e seus ‘inimigos internos e externos’. O discurso nazista era simples: 1) O povo alemão ariano, trabalhador e generoso, mas que fora ‘traído’ durante a guerra; 2) Pelo judeu, inspirador das ideologias marxistas, democráticas, e das relações universais que apodreceram o Estado desde dentro; 3) É necessário restaurar a Alemanha eterna, seu Lebensraum (espaço vital), regenerar seu povo para torna-lo ‘senhor’ do mundo; 4) Insistência nos temas da “comunidade nacional”, do ‘sangue puro’, da ‘pureza de raça’, da ‘ordem’, das virtudes guerreiras, do esmagamento dos inimigos, da extensão territorial às custas da URSS bolchevique e da decadente França.<sup>12</sup>

Um dos pontos do discurso nazista era o extermínio judeu e a superioridade da raça ariana. Hitler utilizou os Protocolos de Sião<sup>13</sup> para justificar o holocausto, pois neste havia um discurso superiorizando os judeus como uma raça que iria progredir e dominar o mundo e também para reafirmar que o povo Alemão era escolhido para essa dominação e caso falhasse significaria que não eram eles os escolhidos. O nazismo perseguiu além de judeus, negros, homossexuais, deficientes, ciganos e comunistas. O extermínio desses grupos se dava em campos de concentração espalhados por áreas dominadas na Europa.

---

<sup>12</sup> COGGIOLA, Osvaldo. Trotsky, A ascensão do nazismo e o papel do stalinismo. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/267702373\\_TROTSKY\\_A\\_ASCENSAO\\_DO\\_NAZISMO\\_E\\_O\\_PAPEL\\_DO\\_STALINISMO](https://www.researchgate.net/publication/267702373_TROTSKY_A_ASCENSAO_DO_NAZISMO_E_O_PAPEL_DO_STALINISMO)> Visto em 27 de fevereiro de 2021. Página 1.

<sup>13</sup> Os Protocolos do Sábio Sião consiste em um texto extremamente antisemita usado pelos nazistas como uma justificativa para o Holocausto. Nele há mentiras como uma conspiração judaica para a dominação do mundo, por exemplo.

A violência e o extermínio eram elementos presentes no regime. Eram mortos, ou desapareciam quaisquer indivíduos que contrariassem o regime, que fizessem alguma indagação indevida ou que pertenciam a certos grupos perseguidos.

A propaganda totalitária se estabelece na fase anterior à tomada do poder e é dirigida àqueles que não fazem parte do sistema totalitário a fim de convencê-los. Há uma tentativa de construção de um ideal comum para que a sociedade se torne um corpo uniforme. Ela vai construir e propagar ideias e conceitos que permitam às pessoas sentirem-se dentro de uma sociedade homogênea, tendo a mesma importância em todos os níveis, de um carteiro a um militar. O objetivo dessa propaganda é estabelecer ideais irrefutáveis que não permitiriam a perpetuação de outras ideias a não serem aquelas propagadas.

Para que essa ferramenta seja utilizada da melhor maneira possível se dá mais importância em investimentos de controle e propagação de informação dentro de um órgão governamental que detinha a função de propagar ideias do sistema totalitário para a população através de produtos culturais. Tal propagação era feita minuciosamente para que somente o que o partido queria fosse aceito pela sociedade. Essa transformação cultural era concebida a médio e longo prazo, como por exemplo, a divulgação de ideais antissemitas desde o final do século XIX na Alemanha e na Áustria.

Após a tomada do poder tem-se uma mudança de foco da propaganda pela doutrinação do medo. Esse medo é instaurado no imaginário da população para que não haja questionamentos ao sistema. Fazendo com que o regime e a ordem sejam mantidos. A partir do momento que não há mais questionamentos, substitui-se esse medo por violência. De acordo com Eugen Hadamovsky "A propaganda e a violência nunca são contraditórias. O uso da violência pode ser parte da propaganda."<sup>14</sup>.

Quando o totalitarismo detém o controle absoluto, substitui a propaganda pela doutrinação e emprega a violência não mais para assustar o povo (o que só é feito nos estágios iniciais, quando ainda existe a oposição política), mas para dar realidade às suas doutrinas ideológicas e às suas mentiras utilitárias.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup>ARENDR, Hannah. Origens do Totalitarismo. Capítulo 2 da parte III, página 390 APUD HADAMOVSKY, Eugene. Propaganda und nationale Macht, 1933.

<sup>15</sup>ARENDR, Hannah. Origens do Totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Parte III, capítulo 2, página 390.

A complexidade do enraizamento do medo se torna entrelaçada à população que passa a não ser mais regida por ideias e vontades próprias, mas sim por vontades governamentais.

Essa mudança na sociedade faz com que haja um desenvolvimento da importância do indivíduo para a manutenção da homogeneidade, colaborando com a ausência de questionamentos. O uso do medo e da violência se dava em casos onde um cidadão não respeitava tais vontades e questionava a ordem do sistema, tanto no âmbito público como no privado.

Através da esfera política os discursos são baseados no cientificismo, infalibilidade e profetismo. Há uma tentativa contínua de demonstrar a veracidade dos ideais políticos propagados através da ciência, constituindo uma grande importância ao cientificismo político, biológico e tecnológico. Quando instaurada a base científica inicia-se fortemente um discurso de infalibilidade dos discursos políticos. Com isso, constrói-se um discurso otimista sobre as pretensões governamentais para a sociedade. É importante ressaltar os discursos proféticos dos líderes quanto aos seus ideais. A profecia se dava por expurgos étnicos e políticos para constituir uma sociedade ideal.

A pressão interior é uma força antagônica ao regime totalitário vigente no país. Quanto mais a ideia de um comunismo se espalhava, mais teria uma propaganda nazista na Alemanha e vice versa. A doutrinação é medida através do outro, cresce quando há uma pressão externa que mostra ideais diferentes daqueles propagados pelo governo.

O fato essencial é que as necessidades da propaganda são sempre ditadas pelo mundo exterior; por si mesmos, os movimentos não propagam, e sim doutrina. Por outro lado, a doutrinação, inevitavelmente aliada ao terror, cresce na razão direta da força dos movimentos ou do isolamento dos governantes totalitários que os protege da interferência externa.<sup>16</sup>

As propagandas eram baseadas em fatos, mas se tinha uma exaltação dos feitos nazistas. Era criando uma ideia exagerada de confiança, da competência do governo, de segurança do sistema. Ao mesmo tempo em que as qualidades eram exaltadas, as falhas e crimes do regime eram escondidos da população. As

---

<sup>16</sup>ARENDR, Hannah. Origens do Totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Parte III, capítulo 2, página 393.

propagandas totalitárias só apresentam seu declínio com o fim do regime totalitarista. A fraqueza da propaganda se dava em não mostrar as derrotas, devido ao conceito de infalibilidade dos governos. "É no momento da derrota que a fraqueza inerente da propaganda totalitária se torna visível."<sup>17</sup>

A ascensão do nazismo na Alemanha está ligada a vários fatores. Entre os mais importantes podemos citar a derrota na 1ª Guerra Mundial, o desemprego em massa, a Crise de 1929, mas principalmente o desejo da população em "restaurar" as origens alemãs, ou como apontado pelo historiador Robert Gellately "uma 'comunidade nacional' em termos raciais"<sup>18</sup>. O apoio da população foi de extrema importância para a manutenção do regime nazista. Adolf Hitler, eleito a chanceler em 1933, utilizou dos problemas que a Alemanha estava enfrentando, do "perigo" do comunismo e da insatisfação do povo e, depois da morte de Hindenburg<sup>19</sup>, em 1934, assumiu o cargo de presidente com o de chanceler, medida que foi aprovada pela população alemã.

Com o Incêndio do Reichstag, Hitler pressionou o presidente Hindenburg a sancionar um decreto, o Decreto presidencial para a proteção do povo e do Estado (*Verordnung des Reichspräsidenten zum Schutz von Volk und Staat*). Esse decreto do dia 28 de fevereiro de 1933 restringia as liberdades do povo alemão e ampliava os poderes da polícia. (VER ANEXO)

A Lei de Concessão de Plenos Poderes (*Ermächtigungsgesetz*), aprovada pelo Reichstag em 23 de março de 1933 ampliou os poderes de Hitler como chanceler, lhe permitindo a criação e implementação de leis sem a aprovação do Reichstag, sendo fundamental para a implantação da ditadura nazista na Alemanha.

As medidas que ele adotou desde 1933 concediam amplos poderes para a polícia. Uma comissão foi montada para refazer o Código Criminal, já que a Constituição de Weimar foi abolida após o incêndio do Reichstag. O novo Código Criminal se adequava as intenções do regime e "legalizava" ações da polícia, e desde então o número de prisões começou a aumentar, sem direito a ir a tribunal, essas pessoas eram assassinadas ou mandadas para Campos de Concentração, onde deveriam ficar separadas dos "bons alemães".

---

<sup>17</sup> ARENDT, Hannah. Origens do Totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Parte III, capítulo 2, página 413.

<sup>18</sup> GELLATELY, Robert. Apoiando Hitler. Consentimento e coerção na Alemanha Nazista. Rio de Janeiro: Record, 2011. Página 23.

<sup>19</sup> Hindenburg ocupava o cargo de presidente quando Hitler se tornou chanceler.

Enquanto a velha polícia vigiava mas não interferia para cumprir agendas de seu interesse, a nova polícia, disse ele, não estava mais sujeita a quaisquer restrições formais para realizar sua missão, que incluía fazer valer a vontade da liderança e criar e defender o tipo de ordem social que esta desejava.<sup>20</sup>

Neste ponto cabe considerar a distinção entre os diferentes tipos da polícia alemã<sup>21</sup> durante o III Reich. As prisões eram feitas pela Kripo<sup>22</sup> (Kriminalpolizei) e pela Gestapo<sup>23</sup>, ambas muito importantes para o regime. Como explica Gellately:

(...) como a ditadura de Hitler quase de imediato se pôs a combater os 'inimigos do estado' e os elementos antissociais<sup>24</sup>, foi natural que, pouco depois da Gestapo ser formada para combater os primeiros, a Kripo recebesse poderes para lidar com os últimos<sup>25</sup>.

## 2.2 Inimigos do Estado nazista

Os antissociais foram perseguidos desde o início pelo regime. Essa categoria incluía os desempregados, alcoólatras, prostitutas, e todos aqueles que não se encaixassem no ideal de sociedade nazista e deveriam ser separadas da sociedade para não se misturarem com os "verdadeiros arianos". Esse grupo muito amplo serviu para que a polícia tivesse uma justificativa para muitas prisões, pois as pessoas não se encaixavam em outras categorias. De acordo com Schlenker, um decreto especifica essa categoria:

Nas linhas de implementação deste decreto de 1938 há uma definição de anti-sociabilidade, mas possibilitou prender todas as pessoas má vistas. "Associal é alguém que mostra por meio de um comportamento anti comunitário, mesmo não criminoso, que não quer se encaixar na comunidade. De acordo com isso, são anti-sociais: a) pessoas que, por pequenas mas recorrentes violações da lei, não querem cumprir ordens evidentes num Estado Nacional-Socialista (por exemplo, mendigos, vagabundos (ciganos), prostitutas, bêbados, pessoas que sofrem de doenças contagiosas, especialmente doenças venéreas, que fogem das medidas das autoridades sanitárias); b) As pessoas, independentemente de quaisquer condenações anteriores, que se esquivem da obrigação de trabalhar e deixem ao público em geral os

<sup>20</sup> HEINRICH, Himmler. Aufgaben der Polizei des Dritten Reiches. apud GELLATELY, Robert. Apoiando Hitler. Consentimento e coerção na Alemanha Nazista. Rio de Janeiro: Record, 2011. Página 79.

<sup>21</sup> Além da Kripo e da Gestapo havia a SS com suas repartições e subdivisões, a SD, por um breve período de tempo a SA e de 33 a 39 a SiPo.

<sup>22</sup> Polícia Criminal.

<sup>23</sup> Polícia secreta.

<sup>24</sup> Os grupos englobados nos elementos antissociais serão explicados mais pra frente.

<sup>25</sup> GELLATELY, Robert. Apoiando Hitler. Consentimento e coerção na Alemanha Nazista. Rio de Janeiro: Record, 2011. Página 85.



cuidados da sua subsistência (ex. desempregados, preguiçosos, bêbados).<sup>26</sup>

O antissemitismo não começou em 1933 com a eleição de Hitler. Já havia uma grande onda antissemita no país. Foi associada aos judeus a culpa da derrota na Primeira Guerra Mundial, do Tratado de Versalhes, da crescente onda de desemprego e da crise econômica. Tudo que fosse contra o ideal ariano nazista era associado aos judeus.

(...) essa posição aparentemente sem sentido poderia ser explicada 'no momento que você percebe que o judeu sempre está por trás de toda estupidez e fraqueza do homem, de sua falta de caráter de um lado e do outro de suas deficiências.' A realidade, disse ele, era que 'o judeu era o influenciador das democracias, e também o criador e incentivador do monstro internacional bolchevista.' Portanto, Hitler permaneceu um fantasioso consistente. Porque este era o mesmo argumento que ele tinha feito em Munique no começo de 1920, quando ele disse que os judeus estavam por trás tanto do bolchevismo, quanto do excesso do capitalismo, simultaneamente.<sup>27</sup>

Com o avanço da influência nazista sobre a população, os Judeus foram classificados como o mal da Alemanha. A ideia crescente, de acordo com Snyder, era que "Alemães sempre triunfariam se judeus não estivessem envolvidos".<sup>28</sup>

---

<sup>26</sup> AYAB, Wolfgang. Asoziale im Nationalsozialismus. Stuttgart. 1995 IN SCHLENKER, Claudia. Magisterarbeit zu dem Thema: Frauen in nationalsozialistischen Konzentrationslagern. 1998. Página 46. "In den Durchführungslinien dieses Erlasses von 1938 findet sich zwar eine Definition von Asozialität, die es aber durchaus ermöglichte, alle mißliebigen Personen zu verhaften. „Als asozial gilt, wer durch gemeinschaftswidriges, wenn auch nicht verbrecherisches, Verhalten zeigt, daß er sich nicht in die Gemeinschaft einfügen will. Demnach sind z.B. asozial: a) Personen, die durch geringfügige, aber sich immer wiederholende Gesetzesübertretungen sich der in einem nationalsozialistischen Staat selbstverständlichen Ordnung nicht fügen wollen (z.B. Bettler, Landstreicher (Zigeuner), Dimen, Trunksüchtige, mit ansteckenden Krankheiten, insbesondere Geschlechtskrankheiten, behaftete Personen, die sich den Maßnahmen der Gesundheitsbehörden entziehen); b) Personen, ohne Rücksicht auf etwaige Vorstrafen, die sich der Pflicht zur Arbeit entziehen und die Sorge für ihren Unterhalt der Allgemeinheit überlassen (z.B. Arbeitsscheue, Arbeitsverweigerer, Trunksüchtige).(...)". Tradução própria.

<sup>27</sup> REES, Laurence. THE HOLOCAUST. A new history. Penguin Random House, UK. First Published 2017. PÁGINAS 410 E 411. "(...) this apparently nonsensical position could be explained 'at the moment you realize that the Jew is always behind the stupidity and weakness of man, his lack of character on the one hand, and his deficiencies on the other'. The reality, he said, was that 'the Jew is the wire-puller in the democracies, as well as the creator and driving force of the Bolshevik international beast of the world.' Hitler thus remained a consistent fantasist. For this was the same argument he had made in the beer halls of Munich in the early 1920s when he alleged that the Jews were simultaneously behind both 'Bolshevism' and the excesses of capitalism." Tradução Própria.

<sup>28</sup> SNYDER, Timothy. Black Earth. The Holocaust as history and warning. Vintage. 20 Vauxhall Bridge Road, London SW1V 2SA. Página 7. "Germans would always triumph if Jews were not involved." Tradução própria.

As primeiras leis criadas promoviam a separação, o isolamento, com o objetivo de “proteger a raça ariana”. As Leis de Nuremberg<sup>29</sup> e a Lei para a Proteção do Sangue Alemão e da Honra Alemã<sup>30</sup> exemplificam isso.

A propaganda antissemita lançada pelo governo através de filmes como *Jew Süss*<sup>31</sup> e o *Judeu Eterno*<sup>32</sup>, panfletos e cartazes, convenceu a população a primeiro boicotar e depois atacar os negócios judeus. Houve ataques às sinagogas, destruição de comércios e “(...) aqueles que apareceram em público foram atacados por crianças, que lhes atiraram pedras, xingaram e fizeram ameaças.”<sup>33</sup> Medidas como o uso obrigatório da estrela de Davi nas roupas, a demissão de juizes, advogados e professores, a proibição de estudantes de frequentar a universidade ajudou a criar um distanciamento ainda maior.

### 2.3 AS TRÊS FASES SEGUNDO ARENDT

Segundo Arendt, em *Eichmann em Jerusalém*, houve três fases, três soluções que os oficiais do regime nazista encontraram para lidar com seus inimigos. A primeira foi a expulsão, a segunda o aprisionamento nos KZ's (Konzentrationslager) e por fim, como “Solução Final” o assassinato em câmaras de gás. Após perderem a cidadania alemã, com as Leis de Nuremberg, os judeus já não eram mais considerados cidadãos<sup>34</sup> e uma das alternativas do Estado foi tirá-los do país. Como aponta Snyder “(...) Judeus não eram mais cidadãos normais a serem integrados e protegidos pelo Estado, mas eram de algum modo aliens: um problema para o mundo como um todo, objetos de quem o futuro poderia ser negociado com oficiais estrangeiros.”<sup>35</sup> Lhes foi dada a “opção” de deixar a Alemanha e migrar para outros países da Europa. Eichmann propôs a criação de um sistema mais eficiente para essa “exportação”, sem que a burocracia interferisse no processo. A ideia era realocar

<sup>29</sup> Aprovadas em 1935 decidiam sobre questões de cidadania e miscigenação

<sup>30</sup> Aprovada em 1935. Proibia o casamento de judeus com não-judeus. Visava a não miscigenação dos judeus com os arianos alemães. Era uma forma de manter o sangue ariano “limpo”.

<sup>31</sup> Filme antissemita. Dirigido por Veit Harlan, com roteiro de Veit Harlan, Eberhard Wolfgang Möller.

<sup>32</sup> “Documentário” antissemita dirigido por Fritz Hippler e com roteiro de Eberhard Taubert.

<sup>33</sup> GELLATELY, Robert. *Apoiando Hitler. Consentimento e coerção na Alemanha Nazista*. Rio de Janeiro: Record, 2011. Página 202.

<sup>34</sup> Os cidadãos do regime seriam apenas os “bons alemães”, os arianos.

<sup>35</sup> SNYDER, Timothy. *Black Earth. The Holocaust as history and warning*. Vintage. 20 Vauxhall Bridge Road, London SW1V 2SA. Páginas 58-59. “(...) Jews were no longer normal citizens to be integrated and protected by the state, but somehow aliens: a matter for the world at large, objects whose future might be negotiated with foreign officials.” Tradução própria.

todos os departamentos necessários para essa “migração” em um único prédio, assim o processo seria mais eficaz e menos demorado.

Isso é como uma fábrica automática, como um moinho de farinha ligado a uma padaria. Numa ponta você põe um judeu que ainda tem alguma propriedade, uma fábrica, uma loja, uma conta no banco, depois ele atravessa o edifício de balcão em balcão, de sala em sala, e sai na outra ponta sem dinheiro, sem direitos, apenas com um passaporte onde se lê: ‘Você deve deixar o país dentro de 15 dias. Senão, irá para um campo de concentração’.<sup>36</sup>

Não somente os judeus foram forçados a sair do país, mas também historiadores, sociólogos, filósofos, que em suas pesquisas e escritos iam contra a ideologia nazista. Houve uma intensa migração desse grupo para outros países, principalmente para os Estados Unidos.<sup>37</sup>

O objetivo do governo passou de subjugar a segregar, com a criação dos *Ghettos*, que eram “uma parte isolada da cidade que se localizava em um bairro muito pobre e era constituído de vários blocos e pequenas casas”<sup>38</sup> e mais tarde o aprisionamento nos campos de concentração espalhados pela Alemanha. Nos campos, os judeus foram obrigados a realizar os trabalhos mais pesados, recebiam o pior tratamento e conseqüentemente a mortalidade era alta. Não apenas os judeus, mas também os inimigos do Estado<sup>39</sup> e os elementos antissociais foram colocados em campos de concentração.

Podemos afirmar que o extermínio nazista começou com a perseguição e a criação de algumas leis, como a Lei para Prevenir Doenças Hereditárias<sup>40</sup>, e chegou ao seu auge com a criação da Solução Final<sup>41</sup>.

---

<sup>36</sup> ARENDT, Hannah. Eichmann em Jerusalém. Um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras. 1999. Página 58.

<sup>37</sup> Vale ressaltar o caso da Escola de Frankfurt, que com a ascensão do nazismo na Alemanha teve que fugir do país com medo da perseguição. Mudaram a sede primeiro para Genebra e depois para os Estados Unidos. Fato que ocorre sempre que um regime autoritário passa a comandar um país.

<sup>38</sup> Interview with Blanka Rothschild. RG-50.030\*0281.USHMM. Página 5. “A ghetto is an isolated part of our city situated in what used to be a very poor neighborhood and consisted of several blocks of buildings and small houses.” Tradução própria. Marcas de oralidade. Testemunha não domina a língua.

<sup>39</sup> Os “Inimigos do Estado” foram os primeiros a serem perseguidos pelo regime nazista.

<sup>40</sup> Aprovada em 1933. Visava a eliminação das doenças hereditárias por esterilização forçada. Mais tarde culminou com a execução em massa.

<sup>41</sup> Nome dado ao plano nazista de exterminar todos os judeus; tal aniquilação foi o ápice de todo um processo de medidas discriminatórias, trabalhos forçados em Campos de Concentração, etc. Aproximadamente 2.700.000 judeus foram mortos por asfixia em câmaras de gás ou fuzilamento e outros 3.000.000 morreram de variadas causas como a fome, experimentos realizados, doenças e a quantidade de trabalho forçado.

Os campos de concentração foram usados por diversos países ao longo da história como uma solução para o aprisionamento dos grupos classificados como inferiores ou como inimigos do Estado. Sem lugar para realocar esses grupos e com prisões lotadas, os campos foram usados como uma solução para esse problema. Além do aprisionamento, os campos usavam o trabalho forçado dos prisioneiros. A vida dos prisioneiros não era importante para o Estado e por isso eram colocados inúmeros obstáculos para sua sobrevivência como a fome, a exaustão, as doenças que se propagavam por falta de uma higiene adequada, as torturas e castigos aplicados pelos guardas, entre outros. Apesar de serem considerados campos de aprisionamento, o objetivo não era esse. Os campos eram lugares de extermínio. O modelo alemão usado durante o III Reich não foi diferente.

## 2.4 Early Camps

Os primeiros campos nazistas, chamados de “*Early Camps*”, se estabeleceram principalmente em prisões entre os anos 1933 e 1934 e fecharam no mesmo ano. Eles eram administrados a nível regional ou municipal, somente mais tarde passaram a ser controlados pelo Estado. De acordo com a *ENCYCLOPEDIA OF CAMPS AND GHETTOS, 1933–1945* do The United States Holocaust Memorial Museum, os *Early Camps* eram classificados em *Schutzhaftlager* (campos de custódia), *Konzentrationslager* (campos de concentração) e *Folterstätten* ou *Folterkeller* (lugares de tortura). Os primeiros campos de concentração, ao contrário dos campos em funcionamento durante a Segunda Guerra Mundial, não possuíam arame farpado delimitando o local, nem torres de vigia. Neste primeiro momento a população levada a esses campos era predominantemente composta de opositores do regime nazista e pessoas filiadas aos partidos dos trabalhadores. Apesar da brutalidade dos guardas não havia a ideia de extermínio nos *Early Camps*.

Até 1939, o sistema de campos de concentração serviu principalmente para eliminar os inimigos políticos, antissociais, e aterrorizar a população. O trabalho tinha uma importância secundária; ele tendia a ser usado mais como um meio do que um final do aprisionamento...<sup>42</sup>

---

<sup>42</sup> Sofsky, Wolfgang. [Ordnung des Terrors. English.] The order of terror: The concentration camp / Wolfgang Sofsky :translated by William Templer.Princeton, New Jersey. Página 37. “Until 1939, the concentration camp system served primarily to eliminate political opponents, isolate social outsiders, and terrorize the population. Labor deployment was of secondary importance; it tended to be used more as a means than as an end of imprisonment.” Tradução própria.

Os campos eram divididos em dois moldes: o modelo Prussiano e o modelo de *Dachau*. Os campos do modelo prussiano surgiram a partir de locais de detenção e eram administrados por soldados da SS e por guardas civis, tanto a nível estatal quanto regional. A cadeia de comando desses campos era desorganizada, o que causava inúmeros problemas em sua administração. Com o número de mortes elevado e as péssimas condições desses campos houve a mudança de comando da SS para SA<sup>43</sup>. Havia uma enorme burocracia para a abertura de novos campos e Göring, o então comandante da Gestapo, apontou Himmler como inspetor e facilitou os procedimentos para abertura de novos campos.

Para disciplinar e se desassociar dos campos, Göring emitiu quatro ordens na primavera de 1934. Primeiro, ele suspendeu a criação de novos campos. (...) Finalmente, apontou Himmler como inspetor da Gestapo, que abrigou a introdução do modelo de Dachau na Prússia. (...) Göring, não somente se distanciou dos lugares de detenção que ele mesmo havia se esforçado para criar, mas abriu o caminho para campos sem burocracia ou restrição judicial.<sup>44</sup>

Fundado em março de 1933 em uma antiga fábrica, *Dachau* foi um dos primeiros campos estabelecidos, e a partir de seu modelo outros foram construídos. O modelo de Dachau consistia em grande vigilância, brutalidade, exploração de trabalho e torturas. Theodor Eicke assumiu o comando do campo e criou o *Strafkatalog*, que estabelecia as regras e castigos em *Dachau*, e mais tarde passou a ser usado em todos os campos. Entre as penalidades estavam as 25 chibatadas, castigo comum em todos os campos, as celas individuais e os assassinatos.

A maior diferença entre os dois modelos estava no trabalho dos prisioneiros dentro dos campos. No modelo Prussiano o trabalho tinha alguma utilidade, seja para o campo ou para o Estado. Já no modelo de *Dachau* o trabalho era uma forma de tortura, que desgastava o prisioneiro até o levar a morte.

---

<sup>43</sup> A SA era composta por Tropas de Assalto, após a Noite das Facas Longas o poder exercido pela SA passou para as mãos da SS.

<sup>44</sup> ENCYCLOPEDIA OF CAMPS AND GHETTOS, 1933–1945 do The United States Holocaust Memorial Museum. Página 7. "In order to discipline the guards and dissociate himself from the camps, Göring issued four orders in the spring of 1934. First, he suspended the creation of new camps. (...) Finally, Göring appointed Himmler Gestapo inspector, which fostered the introduction of the Dachau model to Prussia.(...) Göring not only distanced himself from the detention sites he had done much to create but opened the way to camps without bureaucratic or judicial constraint." Tradução própria.

A *Nacht der langen Messer*, Noite das Facas Longas, foi um importante acontecimento que transferiu o poder da SA para a SS. Com o assassinato do comandante da SA, Ernst Röhm, Eicke reorganizou a IKL (*Inpektion der Konzentrationslager*) e abriu novos campos ao modelo de *Dachau*.

Tudo isso mudou fundamentalmente em 1936. A SS deu início ao planejamento e construção dos novos campos de concentração. Ano a ano, lugares de poder absoluto foram estabelecidos, e que continuariam em funcionamento até o fim da guerra: Sachsenhausen (na cidade de Oranieburg, norte de Berlim) em 1936, Buchenwald (fora de Weimar) em 1937, Flossenburg (entre Weiden e a fronteira checa no noroeste da Bavária) em 1938. Imediatamente após a invasão e anexação (Anschluß) da Áustria em 1938, o campo de Mauthausen foi organizado perto de Linz; em 1939, o campo feminino de Ravensbrück foi estabelecido (50 milhas ao norte de Berlim). O único campo da primeira fase que ainda existia era Dachau; todos os outros haviam sido dissolvidos.<sup>45</sup>

Com o intuito de torná-los aceitáveis para a população, a mídia passou a denomina-los lugares de reeducação com *Arbeit macht frei* (o trabalho liberta) como lema dos campos. Uma das estratégias do Estado e da mídia para ganhar a aceitação da população foi retratar esses prisioneiros como criminosos. Como explica Gellately “(...) as reportagens deveriam evitar dizer que certo operário ou carpinteiro havia sido sentenciado à morte, mas que um assassino ou incendiário havia sido executado”.<sup>46</sup> Apesar da constante propaganda surgiram rumores da brutalidade dos guardas nos campos e a solução encontrada foi a de abrir os campos para um tour. Membros da Cruz Vermelha e da imprensa foram convidados a visitar esses campos. Nos dias da visita os campos eram limpos, os prisioneiros mais debilitados eram escondidos e a rotina seguia um roteiro. De acordo com a *ENCYCLOPEDIA OF CAMPS AND GHETTOS 1933–1945*, em pelo menos um dos campos os guardas fingiram ser prisioneiros.

<sup>45</sup> Sofsky, Wolfgang. [Ordnung des Terrors. English.] *The order of terror: The concentration camp* / Wolfgang Sofsky :translated by William Templer.Princeton, New Jersey. Página 32. “All this changed fundamentally in 1936. The SS began with the planning and construction of new concentration camps. Year by year, sites of absolute power were established that would continue in operation until the war’s end: Sachsenhausen (in the town of Oranienburg, north of Berlin) in 1936, Buchenwald (outside Weimar) in 1937, Flossenbürg (between Weiden and the Czech border in northeastern Bavaria) in 1938. Immediately after the invasion and Anschluß (annexation) of Austria in 1938, the Mauthausen camp was set up near Linz; in 1939, the women’s camp of Ravensbrück was established (fifty miles north of Berlin). The only camp from the first phase that still existed was Dachau; all the others had been disbanded.”Tradução própria.

<sup>46</sup> GELLATELY, Robert. *Apoiando Hitler. Consentimento e coerção na Alemanha Nazista*. Rio de Janeiro: Record, 2011. Página 90.

Apesar dos esforços do Estado em esconder o que de fato acontecia nos campos, utilizando da propaganda para divulgar somente as informações que eram “necessárias” e seriam mais bem aceitas pela população, era de conhecimento geral o real funcionamento dos campos. A população alemã tinha consciência do que se passava dentro dos muros dos Lager, tanto pela sua proximidade com as cidades e vilas e também pela propaganda estrangeira<sup>47</sup>.

Tentando justificar a existência e funcionamento dos campos e criticando as notícias provindas da mídia estrangeira “(...) Himmler disse achar notável que as democracias ocidentais dessem tamanha importância aos campos alemães, quando essas mesmas democracias usavam campos de concentração como ‘instituições tradicionais’.”<sup>48</sup>

Os primeiros campos foram aceitos pela população, parte por causa da propaganda que afirmava que eram lugares de correção, parte pelo desejo da população em se livrar dos “criminosos”. Como aponta Gellately “a esmagadora impressão é de que os alemães, na melhor das hipóteses, eram indiferentes e tinham medo e, no pior dos casos, compartilhavam o desdém, a hostilidade e o ódio dos guardas.”<sup>49</sup>

Com as inúmeras denúncias feitas pela população, o trabalho da polícia em localizar e prender os “inimigos” do regime ficou mais fácil. As denúncias eram variadas, e os motivos, muitas vezes, se mostravam egoístas ou pessoais. Pessoas eram denunciadas por conta de conflitos familiares, comerciais, entre outros. Ao contrário do que se acredita, a maioria dessas denúncias não eram de cunho racial, mas sim de “traição” à pátria e ao Führer. Gellately explica os fatores envolvidos na crescente onda de denúncias de alemães contra alemães e a quase inexistência de denúncias contra judeus.

(...) ao menos seis fatores inter-relacionados influenciaram os diferentes índices de denúncias obtidos a respeito de crimes não raciais e daqueles que dizem respeito a transgressões das “leis” antisemitas. (...) (1) Há a questão da oportunidade: os judeus viviam apenas em nichos na Alemanha, de modo que a população geral não tinha chance de delatar possíveis infrações das medidas racistas que

---

<sup>47</sup> Houve a proibição de rádios e jornais estrangeiros, justamente para controlar as notícias que chegavam ao povo. Mesmo com essa proibição, rádios estrangeiras como a BBC inglesa eram escutadas clandestinamente.

<sup>48</sup> GELLATELY, Robert. *Apoiando Hitler. Consentimento e coerção na Alemanha Nazista*. Rio de Janeiro: Record, 2011. Página 115.

<sup>49</sup> GELLATELY, Robert. *Apoiando Hitler. Consentimento e coerção na Alemanha Nazista*. Rio de Janeiro: Record, 2011. Página 312.

pudesse ter testemunhado diretamente. (...) (2) (...) o grau de envolvimento direto da Gestapo se mostrava maior quando a “questão judaica” estava em foco. (...) (3) (...) A investida oficial para isolar os judeus na Alemanha ocorreu principalmente antes da guerra, e por volta de setembro de 1939 muitos já haviam sido forçados a partir em direção às grandes cidades ou para fora do país, (...). (4) (...) o círculo de vulnerabilidade. (...) virtualmente todas as pessoas tinham acesso a um rádio ou estavam passíveis de sofrer acusações de “rumores maliciosos”. (5) E quanto às denúncias de trabalhadores poloneses? (...) Acusá-los poderia significar a perda de um trabalhador insubstituível. (6) Denúncias contra os principais “inimigos” raciais do regime dentro da Alemanha (...) diziam respeito a crimes muito sérios, que podiam levar à morte de algum ou de todos os acusados. Embora, ao menos a princípio, punições pesadas não tenham detido os denunciadores, elas podem ter servido como uma espécie de obstáculo para determinadas pessoas.<sup>50</sup>

## 2.5 Classificação dos campos

Durante os seus anos de funcionamento, os *Lager* tiveram várias funções: aprisionar, explorar, exterminar, e para cada um desses objetivos havia um tipo de campo específico. De acordo com o USHMM “Nem todas instalações eram campos de concentração, apesar de, muitas vezes, serem denominados assim. Esses lugares variavam no propósito e no tipo de prisioneiro lá detido.”<sup>51</sup> Em sua dissertação, Claudia Schlenker<sup>52</sup> apresenta 15 tipos de campos<sup>53</sup> de acordo com a pesquisa de Gudrun Schwarz.<sup>54</sup>

Os campos de concentração denominados *Konzentrationslager (KZ)* tinham como objetivo o aprisionamento para a completa vigilância dos inimigos. Os primeiros campos foram construídos em território alemão, mas se estenderam por todo território

<sup>50</sup> GELLATELY, Robert. Apoiando Hitler. Consentimento e coerção na Alemanha Nazista. Rio de Janeiro: Record, 2011. Páginas 289-29.

<sup>51</sup> <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/nazi-camps?series=10>. Acesso em janeiro de 2022. “Not all facilities established were concentration camps, though they are often referred to in this way. These sites varied in purpose and in the types of prisoners detained there.” Tradução própria.

<sup>52</sup> Dissertação de mestrado defendida em 1998.

<sup>53</sup> 1. Acampamento de Educação Laboral; 2. "Campos de realocação" nos países ocupados e anexados; 3. "Campo de germanização para crianças" na Polônia; 4. Acampamento do gueto; 5. Centros de detenção da Wehrmacht e campos de prisioneiros de guerra; 6. Campo de proteção juvenil; 7. Acampamento para trabalhadores civis estrangeiros; 8. Acampamento para judeus húngaros na fronteira Tchecoslováquia-Húngara Áustria; 9. Campo de detenção policial; 10. Acampamento de bebês e crianças pequenas; 11. Campo de proteção de Schirmeck – Vorbruck; 12. Acampamento especial da SS Hinzert; 13. Campos de prisioneiros (...); 14. Campos de concentração (...) e 15. Campo de Extermínio. O estudo empírico de G. Schwarz determinou um total de 10.005 campos nacional-socialista. O número mencionado não inclui todos eles, mas apenas os campos conhecidos até agora. SCHLENKER, Claudia. Frauen in nationalsozialistischen Konzentrationslagern. Philosophische Fakultät der Universität Konstanz Fachgruppe Geschichte. April 1998. Página 8. Tradução Própria.

<sup>54</sup> Pesquisadora do Holocausto.



conquistado. Estima-se que mais de 10.000 campos estiveram em funcionamento entre 1933 e 1945.

Esses campos nem sempre foram construídos do zero, alguns foram “montados em construções como velhos alojamentos militares e castelos, ou então eram apenas seções especiais em casas de correção ou prisões.”<sup>55</sup> Esses campos não eram secretos, e a imprensa divulgou diversas propagandas sobre eles. A população alemã sabia de sua existência e funcionamento.

Os campos de trabalho (*Arbeitslager*) exploravam a mão de obra dos prisioneiros para o lucro de empresas privadas e do Estado. Esses campos poderiam fazer parte de um sistema maior, como por exemplo, o campo Auschwitz-Monowitz que fazia parte do complexo de Auschwitz, ou eram barracões perto das fábricas, onde os prisioneiros ficavam instalados ou marchavam diariamente.

O trabalho desses prisioneiros era usado pelo regime ou por algumas empresas privadas como a Siemens, IG Farben, Volkswagen (VW), BMW, Heinkel, Junkers, Messerschmitt, entre outras. Nessas empresas o trabalho variava, mas as condições eram as mesmas dos campos. A jornada era longa e exaustiva, com pouca comida, e os espancamentos eram constantes.

A última surra que recebi foi em abril de 1944, e não foi pela SS, mas sim pelo supervisor alemão da fábrica de aviões que eu trabalhava, Arado. Eu estava muito doente na época. Eu estava com febre, meu dedo. Eu não conseguia trabalhar. Ele não sabia que eu estava sabotando o tempo todo, mas a surra foi sobre minha inabilidade de trabalhar. Ele me jogou no chão. Ele usava botas altas, e começou a pisar em mim. Eles não tinham armas, os mestres alemães. Ele estava me pisoteando, quebrando minhas costelas. Foi horrível. Eu estava com febre por causa do meu dedo infectado. E duas mulheres que trabalhavam comigo, no mesmo lugar horrível, vieram depois do trabalho e me levaram para onde colocavam as pessoas doentes. E elas disseram: “Não fale nada, porque em poucos dias seremos libertadas.”<sup>56</sup>

---

<sup>55</sup> GELLATELY, Robert. Apoiando Hitler. Consentimento e coerção na Alemanha Nazista. Rio de Janeiro: Record, 2011. Página 93.

<sup>56</sup> Relato de Blanka Rothschild. USHMM Archives RG-50.030\*028. The last beating that I received was in April of 1944, and it was done not by SS, but it was done by the German supervisor in my factory where I worked Arado, the airplane factory. I was very sick at the time. I had fever, my finger. I couldn't perform the work. He didn't know that I was sabotaging all along, but the beating was about my inability to perform my work. He threw me down. He wore high boots, and he started to stomp on me. They didn't have guns, the Meisters. He was stomping on me, breaking my ribs. It was horrible. I had a fever anyway because my finger was infected. And the two girls that worked in the same division, the same horrible place, had come back after our work and that's when I went to that place where the sick people were. And they said, "Don't say a word because in a few days we will be liberated." Tradução própria.

Por grande parte da exploração desses prisioneiros ser voltada para guerra, com a construção de componentes de foguetes, confecção e manutenção dos uniformes militares, havia sabotagem por parte dos prisioneiros.

Os seis campos classificados como de extermínio (*Vernichtungslager*) foram Auschwitz-Birkenau<sup>57</sup>, Treblinka, Majdanek, Belzec, Chelmno e Sobibór<sup>58</sup>. Nenhum desses campos foi construído em solo alemão, e a maior parte da documentação foi queimada pelos nazistas nos últimos meses de funcionamento. Esses campos tinham apenas um propósito: assassinar. Foram usadas câmaras de gás, monóxido de carbono ou Zyklon B (Ácido Prússico ou Cianureto de Potássio), originalmente um pesticida.

O total de mortes nos campos da Alemanha é chocante. Os números para os campos de extermínio são ainda mais atordoantes; dos cinco campos principais, o número total mais baixo foi em Chelmo, com estimadas 225 mil vítimas. Outras 250 mil foram assassinadas em Sobibor. Campos maiores, como o de Treblinka, mataram quase um milhão, e no complexo de Auschwitz as mortes foram além de um milhão.<sup>59</sup>

Não somente os campos de extermínio foram responsáveis pelo alto número de mortes durante o Holocausto. Alguns campos fora dessa categoria (*Vernichtungslager*) tiveram uma grande porcentagem de morte entre seus prisioneiros, seja por exaustão, maus-tratos, desnutrição, doenças ou assassinato.

O número de mortos aumentou, não somente como resultado das execuções, mas particularmente devido ao ciclo indireto da aniquilação em massa. As rações oferecidas para os prisioneiros pioraram rapidamente. A fome crônica nos campos levou a exaustão, agravando a susceptibilidade a infecções. A performance reduzida dos prisioneiros levou a maus-tratos ainda mais brutais, que terminaram por diminuir o poder de trabalho individual e as chances de sobrevivência. A miséria e a violência infligidas intencionalmente estavam entrelaçadas. A SS assassinou para evitar a superpopulação nos campos e abrir espaço para novos prisioneiros capazes do trabalho, e assim logo o ciclo de emagrecimento, doenças, exaustão por trabalho forçado, e violência se completava.<sup>60</sup>

<sup>57</sup> Auschwitz era um complexo de três campos. Um complexo era campo de concentração, outro classificado como de trabalho escravo e o mencionado acima de extermínio.

<sup>58</sup> Nazi Camps. United States Holocaust Memorial Museum.

<https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/nazi-camps>. Acesso em 26 de março de 2021.

<sup>59</sup> GELLATELY, Robert. Apoiando Hitler. Consentimento e coerção na Alemanha Nazista. Rio de Janeiro: Record, 2011. Página 333.

<sup>60</sup> Sofsky, Wolfgang. [Ordnung des Terrors. English.] The order of terror: The concentration camp / Wolfgang Sofsky :translated by William Templer.Princeton, New Jersey. Página 38. "The numbers of the dead surged, not only as a result of the executions, but particularly due to the cycle of "indirect" mass

**Table 2**

Admissions and Deaths in Selected Camps, 1933-1945

		<i>Admissions</i>	<i>Deaths</i>
<i>Camp</i>			
Dachau	(1933-45)	206,206	31,591
Buchenwald	(1937-45)	238,979	56,545
Mauthausen	(1938-45)	197,464	102,795
Neuengamme	(1938-45)	106,000	55,000
Flossenbürg	(1938-45)	96,217	28,374
Groß-Rosen	(1940-45)	120,00	40,000
Auschwitz	(1940-45)	400,000	261,000
Majdanek	(1941-45)	250,000	200,000
Dora-Mittelblau	(1943-45)	60,000	20,000
Bergen-Belsen	(1943-45)	125,000	50,000
Concentration Camp System	(1933-45)	(1,650,000)	(1,100,000)
<i>Extermination Camp</i>			
Chelmno	(1941-43)		225,000
Belzec	(1942-43)		600,000
Sobibor	(1942-43)		250,000
Treblinka	(1942-43)		974,000
Auschwitz	(1941-44)		1,100,000

A tabela<sup>61</sup> acima, retirada do livro “A ordem do terror” de Wolfgang, mostra uma estimativa do número de mortes dos maiores campos nazistas. Apesar de não estarem na tabela, os números de Ravensbrück também são altos. O campo teve aproximadamente 130 mil prisioneiras e o número de mortes do campo está entre 30 a 90 mil. O número total de pessoas assassinadas no Holocausto ainda é incerto, e talvez nunca seja exato pela falta de documentação.

annihilation. Food rations for the prisoners deteriorated rapidly. The chronic hunger in the camps led to physical exhaustion, aggravating susceptibility to infections. This reduced performance and led to ever more brutal mistreatment; that in turn acted further to diminish an individual's labor power and chances for survival. The willful infliction of misery and violence were intermeshed. The SS murdered in order to come to grips with overcrowding in the camps and create room for new able-bodied prisoners, yet the latter were soon caught up in the same lethal cycle of emaciation, disease, exhausting labor, and violence.” Tradução própria.

<sup>61</sup> Sofsky, Wolfgang. [Ordnung des Terrors. English.] The order of terror: The concentration camp / Wolfgang Sofsky :translated by William Templer.Princeton, New Jersey. Página 43.

Os lugares que antes tinham a função de aprisionar passaram a ser lugares de extermínio. Esse contraste é evidenciado pela fala de Hitler sobre os campos em 1933 “Hitler foi citado numa matéria de primeira página no final de 1933 como tendo dito (de maneira prematura, conforme se viu) que ‘pelo menos nós não montamos uma guilhotina’; mesmo os ‘piores elementos’, declarou ele, ‘foram apenas separados da nação’.”<sup>62</sup>

Houve também outros dois tipos de campos nazistas, os classificados como campos de transição e para prisioneiros de guerra. Os campos de transição serviam como um alojamento para prisioneiros antes de serem mandados para os campos de extermínio.

Os campos foram construídos em grandes espaços, cercados de altos muros, arames farpados e torres de vigilância. O lugar escolhido geralmente ficava perto de linhas férreas, para facilitar o transporte dos prisioneiros. Assim que chegavam à estação eram obrigados a marchar até os campos. Quando passavam pelos grandes portões de ferro eram recebidos pelos oficiais armados da SS, alguns com cachorros que atacavam sob comando. De acordo com Primo Levi, os campos foram projetados para impedir qualquer controle por parte dos prisioneiros, para que a escala de comando fosse sempre obedecida.

Reproduzia-se assim, dentro dos Lager, em escala menor, mas com características ampliadas, a estrutura hierárquica do Estado totalitário, no qual todo o poder emana do alto e um controle de baixo para cima é quase impossível. Mas esse “quase” é importante: jamais existiu um Estado que fosse realmente “totalitário” sob esse aspecto. Uma forma qualquer de reação, um corretivo ao arbítrio total, jamais deixou de haver, nem no Terceiro Reich nem na União Soviética de Stalin: num como noutro caso, serviram como freio, em maior ou menor medida, a opinião pública, a magistratura, a imprensa estrangeira, as Igrejas, o sentimento de humanidade e justiça que dez ou vinte anos de tirania não conseguem eliminar. Só dentro do Lager o controle a partir de baixo era nulo, e o poder dos pequenos sátrapas era absoluto.<sup>63</sup>

Eram organizadas filas para a seleção dos prisioneiros. Uma porção era levada para as salas de banho e a outra era assassinada. Nesse primeiro momento já lhes

---

<sup>62</sup> HITLER, Adolf. “Neuorganisation der Geheimen Staatspolizei” apud GELLATELY, Robert. Apoiando Hitler. Consentimento e coerção na Alemanha Nazista. Rio de Janeiro: Record, 2011. Página 107.

<sup>63</sup> LEVI, Primo. Os afogados e os sobreviventes. Tradução de Luís Sérgio Henriques – 3ª edição- São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. Página 35-6.

tiravam seus pertences, raspavam-lhes a cabeça, eram uniformizados e marcados, com a tatuagem contendo seu número no campo.

Perdiam o nome e eram classificados de acordo com seu grupo. O triângulo costurado nas roupas era a forma de classificação.

Os triângulos amarelos eram usados pelos prisioneiros judeus, os verdes para os criminosos, os pretos para os elementos antissociais, os vermelhos para os prisioneiros políticos e os roxos para as Testemunhas de Jeová.<sup>64</sup>

O triângulo vermelho era usado por pessoas que haviam sido presas por motivos políticos, isso incluía comunistas, socialistas, opositores ao Reich, integrantes de grupos de resistência, também por espionagem e por ajudar judeus.

Os prisioneiros classificados com o triângulo verde se diferenciam dos triângulos vermelhos pelo simples fato de serem arianos. Os alemães recebiam tratamento especial no campo, como por exemplo, o status de Kapo<sup>65</sup>. Os alemães deixavam de ter a proteção do Estado a partir do momento que cometessem um crime. Isso os colocava em uma categoria diferente dos “bons alemães” arianos. “Pessoas acusadas de um crime não eram mais consideradas seres humanos com proteções legais, mas parasitas contra os quais não fazia sentido abrir procedimentos legais e que eram simplesmente neutralizados e eliminados.”<sup>66</sup>

As mulheres presas por prostituição, atos feministas, grevistas<sup>67</sup> e lésbicas eram classificadas como antissociais e usavam o triângulo preto. Eram colocadas nessa categoria todas aquelas que não se encaixavam no ideal ariano<sup>68</sup>.

O triângulo roxo era destinado principalmente às Testemunhas de Jeová, que eram presas por recusarem a denunciar sua fé e participar nos esforços militares, como aponta Schlenker<sup>69</sup> eram objetores de consciência, e foram fortemente perseguidos com o início da guerra. Apesar de já existir a categoria de prisioneiros políticos, as Testemunhas de Jeová foram separadas em uma categoria própria.

Outro grupo amplamente perseguido pelo Estado era o de homossexuais, eles não se encaixavam na descrição do “bom alemão” e eram enviados aos campos de

<sup>64</sup> SAIDEL, Rochelle G. *As Judias do Campo de Concentração Ravensbrück*. São Paulo. EdUsp, 2009. Página 43.

<sup>65</sup> Nome dado ao prisioneiro encarregado de administrar um bloco.

<sup>66</sup> BROSZAT. “Zur Perversion der Strafjustiz im Dritten Reich” 395-6 apud GELLATELY, Robert. *Apoiando Hitler. Consentimento e coerção na Alemanha Nazista*. Rio de Janeiro: Record, 2011. Página 86.

<sup>67</sup> Mulheres que participavam de greves não se encaixavam no ideal ariano.

<sup>68</sup> A mulher ariana ficava encarregada de ter filhos e cuidar da casa e da família. Qualquer mulher que contrariava esse ideal era classificada como antissocial.

<sup>69</sup> SCHLENKER, Claudia. *Frauen in nationalsozialistischen Konzentrationslagern*. Philosophische Fakultät der Universität Konstanz Fachgruppe Geschichte. April 1998.

concentração, onde sofreram tanto pelas mãos da SS, quanto de seus colegas. Em campos masculinos foi usado o triângulo rosa para os homossexuais, porém nos campos femininos as lésbicas eram encaixadas na categoria de antissociais.

Os judeus usavam o triângulo amarelo, às vezes sobreposto para formar a Estrela de Davi e eram sempre classificados pela "raça". Em alguns casos os triângulos tinham uma letra indicando o país de origem do prisioneiro.

O passar das horas no campo era marcado pela sirene que soava acordando os prisioneiros pela manhã, avisando que estava na hora da contagem diária, chamando para refeições, e a última do dia anunciava o toque de recolher.

Os campos eram compostos de vários barracões, para dificultar o contato entre prisioneiros, simplificando a vigilância para os guardas e garantindo uma maior organização dentro do campo. Havia os barracões usados como dormitório dos prisioneiros, que estavam quase sempre superlotados, os escritórios de administração do campo, uma enfermaria, ou como nos casos de campos com experimentos médicos, um "ambulatório", depósitos, arquivos, entre outros. Os dormitórios dos guardas ficavam fora dos muros do campo, e eram bastante agradáveis. Os campos de extermínio ainda contavam com câmaras de gás e crematórios.

As cinzas humanas provenientes dos fornos crematórios, toneladas por dia, eram facilmente reconhecíveis como tais, uma vez que continham com frequência dentes ou vértebras. Não obstante, foram usadas para vários fins: para aterrar trechos pantanosos, como isolante térmico nos interstícios de construção de madeira, como fertilizante fosfático; assinaladamente, foram empregadas em vez de saibro para revestir os caminhos da vila dos SS, situada ao lado do campo. Eu não saberia dizer se puramente pela consistência ou se, ao contrário, pelo fato de que, em sua origem, aquele material devia ser pisado.<sup>70</sup>

Auschwitz é o campo nazista mais conhecido. Construído na Polônia, ele não era apenas um campo, mas sim um complexo de três campos, que na maior parte de sua atividade, tinha um comando em comum. Seus três campos eram denominados Auschwitz I, Auschwitz II-Birkenau e Auschwitz III-Monowitz (Buna). Birkenau era um campo de extermínio e estima-se que 1 milhão de pessoas foram assassinadas lá, dos quais aproximadamente 90% eram judeus.

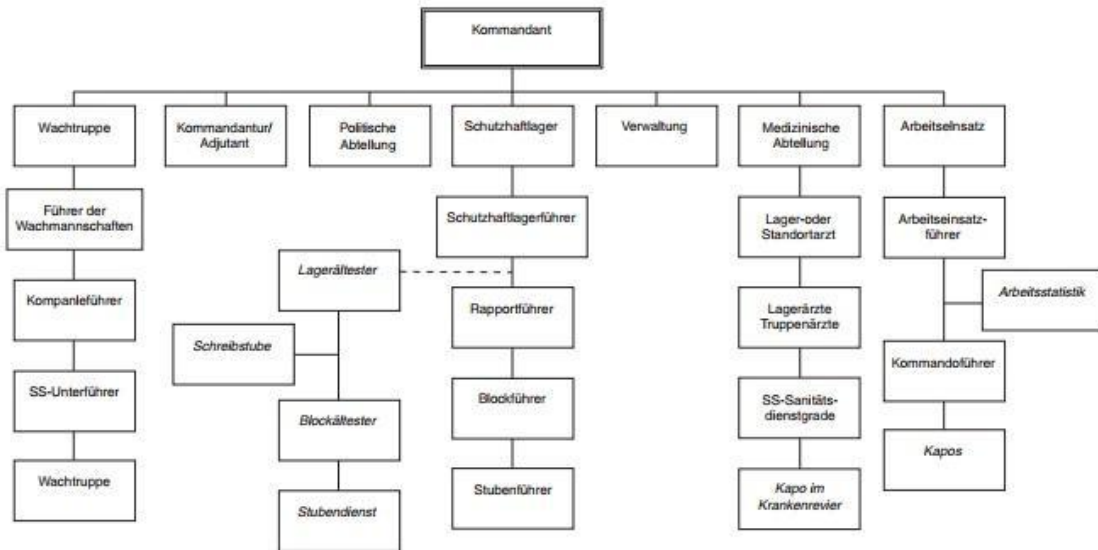
---

<sup>70</sup> LEVI, Primo. Os afogados e os sobreviventes. Tradução de Luís Sérgio Henriques – 3ª edição- São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. Página 101-102.

Geralmente a ordem de comando nos campos respeitava a patente dos oficiais da SS-TV e de acordo com a Enciclopédia do Holocausto o comando que existia nos campos de concentração seguia a seguinte ordem:<sup>71</sup>

Organization of a typical concentration camp

SS offices and personnel are in Roman type; prisoner offices and functionaries are in *italics*.



<sup>71</sup> Imagem tirada da ENCYCLOPEDIA OF CAMPS AND GHETTOS, 1933–1945 publicada pelo The United States Holocaust Memorial Museum.

### 3. RAVENSBRÜCK

As mulheres não apresentavam ameaça ao III Reich, portanto a ideia de criação de um campo feminino, inicialmente, não foi pensada. As primeiras prisioneiras de categoria política foram presas por ações de sua família, maridos, pais, etc. Como aponta Schlenker:

Isso mostra uma peculiaridade das mulheres presas por motivos políticos, que muitas mulheres foram presas no decorrer da prisão familiar. Muitas vezes, elas não eram politicamente ativas antes de serem presas, mas foram presas porque seus maridos ou parentes próximos estavam politicamente envolvidos na resistência. As mulheres eram muitas vezes feitas reféns caso os homens que procuravam não pudessem ser encontrados ou estivessem no exílio.<sup>72</sup>

As mulheres opositoras ao regime e as esposas de comunistas eram detidas em prisões e maltratadas, mas nada comparado aos modos dos campos de concentração.<sup>73</sup> Himmler queria expandir a raça ariana e eliminar aqueles que não teriam lugar no Reich. Com isso, o formato dos campos de concentração mudou de aprisionar prisioneiros políticos para o uso de mão de obra e extermínio dos “seres inferiores”. Como o número de mulheres aprisionadas em casas de trabalho começou a aumentar, foi pensada a ideia de construir *Ravensbrück*.

Mas o número de mulheres que eram alvos das tropas de segurança nazistas aumentou à medida que eles começaram a procurar com mais afinco potenciais inimigos, evento ilustrado pela abertura do notório campo de concentração para mulheres de Ravensbrück, ao norte de Berlim, na primavera de 1939. Este -o maior dos campos para mulheres- absorveu todas as prisioneiras de Lichtenburg e continuou se expandindo.<sup>74</sup>

---

<sup>72</sup> SCHLENKER, Claudia. Frauen in nationalsozialistischen Konzentrationslagern. Philosophische Fakultät der Universität Konstanz Fachgruppe Geschichte. April 1998, Página 41. “Darin wird eine Besonderheit der weiblichen politischen Gefangenen deutlich, nämlich daß viele Frauen im Zuge einer Sippenhaft gefangengenommen wurden. Oft waren sie vor ihrer Verhaftung nicht aktiv politisch tätig, sondern wurden inhaftiert, weil ihre Ehemänner oder Männer der näheren Verwandtschaft im politischen Widerstand waren. Oft wurden die Frauen als Geiseln genommen, wenn die gesuchten Männer nicht auffindbar oder im Exil waren.” Tradução Própria.

<sup>73</sup> Antes da construção de Ravensbrück as mulheres eram mandadas a prisões. Com a construção do campo poderiam ser mandadas diretamente para lá, evitando ter que antes passar primeiro pela prisão.

<sup>74</sup> REES, Laurence. THE HOLOCAUST. A new history. Penguin Random House, UK. First Published 2017. Página 128. “But the number of women targeted by the Nazi security forces increased as they looked further afield for potential enemies, a development also illustrated by the opening of the notorious female concentration camp at Ravensbrück, north of Berlin, in the spring of 1939. This -the largest of the camps for women- absorbed all of the female prisoners from Lichtenburg and then expanded still further.” Tradução própria.



Apesar de ser considerado um campo feminino, durante seus anos de funcionamento passaram vários prisioneiros por lá, ficando em campos-satélites ou separados das mulheres conforme o testemunho de Walter Meyes.

Ravensbrück se tornou o mais notório campo feminino, onde foram cometidas todas essas atrocidades, esses experimentos médicos e tudo mais. Quando as pessoas ficam sabendo que eu estive em Ravensbrück elas dizem que eu não era mulher, mas em 1941, Ravensbrück tinha um campo satélite masculino. Esse campo foi aberto em 1941. E acho, que ao todo éramos um pouco mais de 20.000 prisioneiros.<sup>75</sup>

*Ravensbrück* foi classificado como um campo de “trabalho escravo”, mas era descrito pelas prisioneiras como um campo de morte, pois muitas mulheres morreram por exaustão, fome e doenças não tratadas.

Muitas vezes *Ravensbrück* é descrito como um campo de ‘trabalho escravo’, termo que diminui o horror do que ocorreu e também pode ter contribuído para sua marginalização. Certamente foi um lugar importante de trabalho escravo – a gigantesca empresa elétrica Siemens tinha uma fábrica lá -, mas aquilo era só um estágio no caminho para a morte. À época, as prisioneiras chamavam *Ravensbrück* de campo de morte. Germaine Tillion, etnóloga e sobrevivente francesa, o qualificou como um lugar de ‘extermínio lento’.<sup>76</sup>

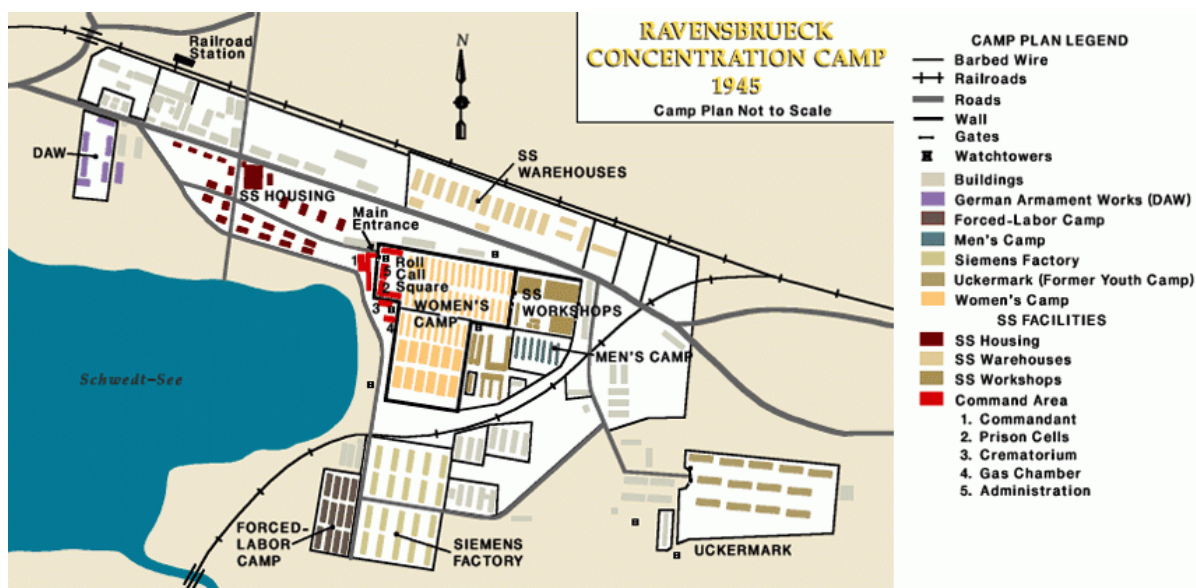
O lugar escolhido para a construção de *Ravensbrück* ficava a 80 km de Berlim, dentro de uma floresta chamada *Mecklenburg*, perto de áreas de belezas naturais, pois a “limpeza” do sangue alemão estava sempre associada a natureza na ideologia nazista.

A natureza não conhece, escreveu Hitler, fronteiras políticas. Ela coloca formas de vida no planeta e as liberta em uma luta por poder. Já que a política era natureza, e natureza era luta, nenhum pensamento

<sup>75</sup> Interview with Walter Meyes. August 2, 1996. RG-50.030\*0371. USHMM. Página 33. “Ravensbrück became the most notorious women’s camp, where they committed all these atrocities, these medical experiments and so on and when people hear that I was in Ravensbrück they say but you’re not a woman, well in 1941, a satellite man’s camp, Ravensbrück for men was installed, installed in 41. It had, I think, all together a little over 20.000 prisoners.” Tradução própria. Marcas de oralidade. Testemunha não domina a língua.

<sup>76</sup> HELM, Sarah. *Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 22.

político era possível. Essa conclusão foi uma articulação extrema comum do século XIX que as atividades humanas poderiam ser entendidas como biologia.<sup>77</sup>



RAVENSBRÜCK CONCENTRATION CAMP, 1945. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/map/ravensbrueck-concentration-camp-1945>

O mesmo lago que encantava o local, *Schwedtsee*, recebeu cinzas de milhares de mulheres mortas em *Ravensbrück*. O campo foi desenhado especialmente para o aprisionamento de mulheres e contava com cerca de 2,4 hectares. Na entrada era possível ver apenas muros e um grande portão de ferro, quando adentrado se via um complexo de duas fileiras de prédios idênticos, feitos de madeira e com pequenas janelas. Eles se localizavam perto da praça do campo. A *Appellplatz* (praça do campo) era grande o suficiente para reunir todas as prisioneiras e era equipada com alto-falantes em cima de postes.

Os dormitórios eram distribuídos para que a vigilância das prisioneiras fosse mais fácil para os guardas, diminuindo assim o número de guardas que seria preciso para administrar o campo.

<sup>77</sup> SNYDER, Timothy. *Black Earth. The Holocaust as history and warning*. Vintage. 20 Vauxhall Bridge Road, London SW1V 2SA. Páginas 1-2. “Nature knows’, wrote Hitler, ‘no political boundaries. She places life forms on this globe and then sets them free in a play for power.’ Since politics were nature, and nature was struggle, no political thought was possible. This conclusion was an extreme articulation of the nineteenth-century commonplace that human activities could be understood as biology.” Tradução própria.

À esquerda da *Appellplatz* ficava a cantina da SS, extremamente limpa e com mesas e cadeiras novas, e o *Revier* (enfermaria). Do outro lado da praça ficava localizada a casa de banho e junto a ela a cozinha. Havia também no campo um *Effektenkammer* (depósito de roupas) e a *Wascherei* (lavanderia).

Os campos eram autossuficientes<sup>78</sup>. *Ravensbrück* contava com uma coelheira, um galinheiro, uma horta, um pomar e um jardim de flores. Como o campo não possuía forno para assar os pães<sup>79</sup>, *Sachsenhausen*<sup>80</sup> os fornecia diariamente. “No início, cada mulher recebia meio pão por noite. Ao final da guerra, elas mal recebiam uma fatia, e as ‘bocas-inúteis’ – como os nazistas se referiam àquelas mulheres que pretendiam eliminar – não recebiam nada.”<sup>81</sup>

Os guardas do campo consistiam em oficiais da SS e mulheres que não tinham posto, nem distintivo e poucas portavam armas e eram meras auxiliares dos homens. As guardas deveriam obedecer aos soldados da SS e Langefeld<sup>82</sup> só teria autoridade sobre “questões femininas”.

Os barracões de dormitórios foram construídos com capacidade máxima de 150 mulheres, mas muitas vezes o número passava de 2000. Os dormitórios possuíam beliches de três andares com colchões de serragem e travesseiros, lençóis e um cobertor quadriculado de azul e branco para cada cama. As mulheres eram divididas nos dormitórios por crime. Isso possibilitou que as judias ficassem confinadas em somente um barracão para facilitar a vigilância como também para os maus tratos e torturas.

---

<sup>78</sup> Digo autossuficientes no plano nazista de aprisionar, explorar o trabalho e depois assassinar. Tudo que os campos precisavam era produzido em seus arredores. Os campos tinham lugares de costura, hortas, lugares onde guardavam os animais, e isso geralmente era usado a favor dos guardas e da SS. Os prisioneiros apenas cuidavam da manutenção. A autossuficiência do campo implicava apenas em não precisar de nada de fora.

<sup>79</sup> Alimento fornecido diariamente às prisioneiras em pequenas rações.

<sup>80</sup> Campo que possuía vínculos estreitos com Ravensbrück.

<sup>81</sup> HELM, Sarah. *Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 21.

<sup>82</sup> Oberaufseherin- chefe da guarda feminina.



Alojamento de Ravensbrück. Disponível em: [https://www.arqshoah.com/images/imagens/sobreviventes-testemunhos/PRESTES\\_Olga\\_Benario\\_PR\\_ESTES\\_Anita\\_Leocadia.pdf](https://www.arqshoah.com/images/imagens/sobreviventes-testemunhos/PRESTES_Olga_Benario_PR_ESTES_Anita_Leocadia.pdf)

A primeira leva de prisioneiras chegou em maio de 1939, não consistindo de judias, mas sim de prisioneiras políticas. Nos primeiros anos de funcionamento a população judia do campo era pequena e praticamente todas foram assassinadas. A filha de uma das prisioneiras que sobreviveram ao campo nos anos iniciais em entrevista à Saidel afirmou que “com certeza que sua mãe não teria sobrevivido se fosse judia”.<sup>83</sup>

O número de prisioneiras aumentava a cada ano e como consequência a comida, as roupas e os cobertores ficaram escassos. As primeiras prisioneiras recebiam roupas e cobertores novos, mas com a medida que o tempo passava não havia mais cobertores e as roupas estavam todas em mau estado de conservação pelo constante uso e falta de higienização adequada. Os sapatos entregues às prisioneiras não serviam e nem duravam muito devido ao tipo de trabalho exercido e algumas nem os recebiam. Elas “eram obrigadas a andar descalças no verão, mesmo

---

<sup>83</sup> SAIDEL, Rochelle G. As Judias do Campo de Concentração Ravensbrück. São Paulo. EdUsp, 2009. Página 32.

quando se dedicavam a trabalhos pesados ao ar livre.”<sup>84</sup> Ao mesmo tempo que as prisioneiras não possuíam vestimenta necessária para o inverno alemão eram obrigadas a tricotar roupas para os soldados da SS.

Uma tabela tirada da Enciclopédia do Holocausto do USHMM aponta o número aproximado de prisioneiras mandadas para Ravensbrück anualmente:

Ravensbrück opened on May 15, 1939, with the arrival of almost 1,000 female prisoners from the women’s early camp at Lichtenburg. The fragmentary lists of arrivals still available indicate the number of women prisoners sent annually to Ravensbrück:

1939: somewhat over 1,000  
 1940 over 2,700  
 1941 approximately 3,600  
 1942 approximately 7,000  
 1943 approximately 10,000  
 1944 over 70,000  
 1945 approximately 35,000<sup>85</sup>

Ravensbrück foi um dos poucos campos em solo alemão a ter uma câmara de gás em funcionamento. Testemunhos apontam que houve também a existência de uma segunda câmara e uma móvel.

Nos vários julgamentos de Ravensbrück, nenhum dos membros da SS acusados negou a existência de uma câmara de gás, que foi instalada em 1945. Era uma estrutura de madeira nas proximidades do crematório, que serviu como depósito antes de ser transformada em uma câmara de gás temporária. (...) Uma segunda, mais avançada dupla câmara de gás, foi supostamente construída no fim de março em 1945 no outro lado da cerca do campo, atrás da enfermaria, mas, em qualquer caso, nunca foi usada. Além disso, em um grande número de relatos de ex-prisioneiros há menção de uma câmara de gás móvel, mas seu uso não pode ser provado.<sup>86</sup>

<sup>84</sup> SAIDEL, Rochelle G. As Judias do Campo de Concentração Ravensbrück. São Paulo. EdUsp, 2009. Página 34.

<sup>85</sup> UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. ENCYCLOPEDIA OF CAMPS AND GHETTOS, 1933–1945. Página 1188.

<sup>86</sup> UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. ENCYCLOPEDIA OF CAMPS AND GHETTOS, 1933–1945. Página 1190. “At the various Ravensbrück trials none of the accused SS members denied the existence of a gas chamber, which had been installed in early 1945. This was a wooden structure, in the immediate vicinity of the crematorium, which had served as a storage facility before it was transformed into a temporary gas chamber. A second more advanced dual gas chamber is supposed to have been built at the end of March 1945 on the other side of the camp fence and behind the infirmary, but, in any case, it was never used. Also, in a number of reports by ex-prisoners there is mention of mobile gas chambers, but their use cannot be proven.” Tradução própria.

Meses depois da libertação do primeiro campo, Auschwitz, em janeiro de 1945, Ravensbrück foi libertado em abril de 1945 pelo exército soviético, juntamente com seu campo-irmão<sup>87</sup>, *Sachsenhausen*.

### 3.1 A chegada

Um dos pontos que pesou na escolha do campo foi a proximidade de linhas de trem, pelas quais era feito o transporte das prisioneiras. Elas eram confinadas em vagões escuros e sem ventilação em números maiores que a capacidade máxima. Não havia espaço para deitar e, portanto, ficavam de pé o trajeto todo. O transporte às vezes levava dias.

Ao chegar faziam o resto do trajeto a pé até passarem pelos portões de Ravensbrück. Ao ver a paisagem tinham a esperança que a estadia ali não seria pior que o transporte, mas logo depois receberam um choque de realidade. A recepção era feita pelas guardas femininas que portavam chicotes e cachorros para manter o controle do grupo. Algumas mulheres, pelo cansaço da viagem e pela falta de comida, mal se aguentavam de pé, e se caíssem receberiam chutes, chicotadas e poderiam ser atacadas pelos cães de guarda.

As prisioneiras tinham que se organizar em filas e esperar a contagem, processo que demandava tempo, pois a cada erro na contagem o processo era reiniciado. Após a contagem elas eram levadas para dentro do campo e para a casa de banho, onde tinham que abrir mão de seus pertences pessoais e se despirem para a inspeção. Para muitas esse processo constituiu-se como um dos traumas experienciados no campo, pois foram obrigadas a se desnudar aos olhos dos soldados da SS, que sempre gritavam insultos, as humilhando. O cabelo era checado e raspado se houvesse piolho. Isso contribuía para a descaracterização e homogeneização das mulheres.

(...) A própria pessoa, entretanto, não escapa dessa desvalorização. Até ela é incluída no turbilhão espiritual que parece arrastar todos os valores para um abismo de ambiguidade. Sob a sugestão de um ambiente que há muito deixou de dar o menor valor à vida humana ou à dignidade das pessoas, mas faz de pessoas objetos destituídos de vontade, peças de uma política de exterminação, que é adiada apenas para a exploração dos últimos restos de capacidade física de trabalho -

---

<sup>87</sup> *Sachsenhausen* possuía laços estreitos com Ravensbrück, por isso era chamado campo-irmão.

exposto a essa sugestão generalizada, o próprio eu só pode mesmo acabar sendo desvalorizado.<sup>88</sup>

Após o banho recebiam, cada uma, vestidos listrados, um casaco, um lenço branco para os cabelos e um sapato que mal as servia e eram levadas a *Appellplatz* novamente. Eram dados números para as prisioneiras assim como triângulos de diferentes cores para especificar o motivo pelo qual estavam ali. Os triângulos eram costurados em suas vestimentas. Muitas das vezes poderiam ser sobrepostos, caso as prisioneiras se encaixassem em duas categorias.

Ravensbrück era especialmente um campo feminino. Era grande, e nós nunca ouvimos falar sobre ele. Nós não fomos para Auschwitz. Nosso transporte foi o único do Gueto de Łódź que não foi mandado para Auschwitz, ele manteve sua palavra quanto a isso. Porém Ravensbrück era um inferno. Mandaram nos despirmos. Passamos por um exame médico, que foi – nem posso dizer constrangedor porque as pessoas que o conduziam não eram humanas. Eles eram piores que os animais. Éramos um grupo de garotas jovens que nunca tinha passado por nenhum exame ginecológico, e eles estavam procurando, Deus sabe o que, diamantes ou algo do tipo. Nós fomos sujeitadas a isso. Eu nunca tinha visto cadeiras daquele tipo na minha vida. Nós fomos humilhadas todos os momentos. Tiraram nossas roupas e nos direcionaram a uma pilha de roupas, provavelmente do grupo que foi morto antes da nossa chegada. Eu recebi algo parecido com um vestido. Eu tentei me lembrar, mas não consigo. Tinham alguns tipos de vestidos que eram mais quentes. Minha mãe, ao contrário de mim, recebeu um longo vestido de seda, e isso foi em novembro e estava frio. Eu não sei de que tipo. A comida que nos davam não tinha, obviamente, nenhum valor nutricional, nenhum mesmo. Era uma sopa aguada, um pedaço de pão. Nós não tínhamos nada. Todas nós paramos de menstruar por conta da má nutrição. Começamos a nos parecer com esqueletos. Começou a aparecer no meu braço direito feridas cheias de pus, que incham até o tamanho de um ovo, e eu cobria as feridas com minha manga porque ainda tinha uma vontade de sobreviver, não importa o quanto as circunstâncias fossem horríveis.<sup>89</sup>

<sup>88</sup> FRANKL, Viktor. Em Busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração. 48. Ed – São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2019. Página 69.

<sup>89</sup> Interview with Blanka Rothschild. RG-50.030\*0281. USHMM. Página 6-7. "Ravensbrück was mainly a women's camp. It was large, we never knew about it. We didn't go to Auschwitz. We were the only transport from Łódź Ghetto that did not go to Auschwitz; he kept his word about that. Ravensbrück, though, was a hell. We were stripped of our clothes. We went through a medical examination, which was – I cannot even say the word "embarrassing" because the people who conducted it were less than human. They were less than animal. We were many young girls who never undergone gynecological examinations, and they were looking for, God knows, diamonds or whatever. We were subjected to that. I had never seen chairs like that before in my life. We were humiliated at every moment. Our clothes was taken away from us, and we were directed to a heap of clothes which probably was left from the group that was killed previously. I received some sort of a dress. I tried hard to remember, but I can't remember. But there was some sort of a dress that was a little warmer. My mother, on the other hand, was given a long, silk dress, and it was November and it was cold. I don't know what kind. The food we were given was, of course, of no nutritional value, no value whatsoever. It was watery soup, one slice of bread. We had no possessions. All of us stopped menstruating because we had no nutrition in our bodies. We started to resemble skeletons. I developed on my right arm large pus deposits that would swell to the

A uniformização, numeração e classificação das mulheres em grupos foi parte do processo de desumanização das prisioneiras. Elas perderam o nome, as características que as individualizam e se tornaram apenas números para o Reich.

Eram separadas nos blocos por “crime cometido”. As judias eram separadas das demais prisioneiras no *Judenblock*. Nos barracões havia beliches com um cobertor e recebiam também um prato, colher e caneca, que deveriam estar sempre limpos. Receberam também uma escova de dente e sabão para a higiene pessoal, itens que não durariam o tempo que passaram aprisionadas.

As prisioneiras deveriam seguir inúmeras regras, dentre elas a limpeza e arrumação dos dormitórios. Castigos eram aplicados caso as guardas achassem que a cama não estava feita direito, o cobertor estava mal dobrado, se usassem mais peças de roupas que aquelas dadas a elas, etc. As primeiras regras impostas quando chegavam ao campo eram a pontualidade nas chamadas na Appell e a proibição de qualquer tipo de ajuda a suas companheiras.

Recebiam, então, os seus trabalhos. Os trabalhos mais pesados ficaram a encargo das prisioneiras judias e o restante era distribuído entre as demais. E assim começava os horrores das experiências em Ravensbrück. “Todas as sobreviventes de Ravensbrück recordariam o trauma da chegada; todas recordariam o próprio silêncio.”<sup>90</sup>

### 3.2 O cotidiano em Ravensbrück

O dia para as prisioneiras em Ravensbrück começava aproximadamente às quatro da manhã com o soar de sirenes pelo campo. iam para a *Appellplatz* e se posicionavam em cinco fileiras para a contagem. Deveriam permanecer em posição até que a contagem terminasse.

Nesse campo, tínhamos que levantar ao amanhecer- ainda estava escuro- para a contagem. Esses lugares eram chamados de *Appells*, *Appellplatz*. Ficávamos em pé organizadas em filas, longas filas de seres humanos com aparência miserável que mais se pareciam com

---

size of egg, which I covered under the sleeve because there is still a will to live and to survive no matter how horrible the circumstances.” Tradução própria. Marcas de oralidade. Testemunha não domina a língua.

<sup>90</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 55.



maltrapilhos, e éramos contadas. Isso acontecia duas vezes por dia, na *Appell*.<sup>91</sup>

Voltavam para os barracões para tomar o café da manhã, que consistia em café e um pedaço de pão. Após o café da manhã se dirigiam para o trabalho. Depois de um longo dia de trabalho elas regressavam e a contagem era realizada novamente.

As prisioneiras tiveram que se acostumar com a rotina do campo, por mais exaustiva que fosse. As sirenes eram tocadas em várias partes do dia, geralmente indicando horários de contagem, trabalho e o toque de recolher. A comida era escassa e pouco nutritiva e com a chegada de mais mulheres a quantidade diminuiu significativamente.

A ração consistia em meio quilo de pão, metade a três quartos de um litro de verduras e legumes, algumas batatas e sopa de manhã ou à noite. Aos sábados e domingos, linguiça ou um pedaço de queijo, e semanalmente uma colher de malte e um pouco de marmelada. Carne, só aos domingos.<sup>92</sup>

Por não estarem acostumadas a um trabalho braçal, muitas sofriam por exaustão e paravam no *Revier*.

Algumas prisioneiras eram escolhidas para serem "*Blockovas*" e eram encarregadas de manter a disciplina dentro dos dormitórios. Elas recebiam uma cama, melhores vestimentas e mais comida. Olga Benário, uma das prisioneiras mais famosas do campo era uma *Blockova*. Muitas das escolhidas obedeciam às ordens das guardas e aplicavam castigos nas suas companheiras, algumas, entretanto, quando não estavam sendo vigiadas, ajudavam as demais.

Domingo era o dia de descanso das prisioneiras, menos para as mulheres do *Judenblock*. As prisioneiras poderiam receber cartas de sua família apenas uma vez por mês, mas as cartas eram abertas e lidas para que as *Blockovas* pudessem censurá-las quando assuntos proibidos eram encontrados. Entre os assuntos proibidos estavam as notícias sobre a guerra.

---

<sup>91</sup> Interview with Blanka Rothschild. RG-50.030\*0281. USHMM. Página 7. "In this camp, we had to get up at dawn -- it was dark -- to be counted. These were so-called appells, an Appell Platz. We were standing in rows, long rows of miserable looking human wretches, and we were being counted. They were twice a day, the Appells." Tradução própria. Marcas de oralidade. Testemunha não domina a língua.

<sup>92</sup> SAIDEL, Rochelle G. As Judias do Campo de Concentração Ravensbrück. São Paulo. EdUsp, 2009. Página 34.

Algumas prisioneiras, que trabalhavam no *Revier* ou na *Effektenkammer*, liam livros e conversavam à vontade quando os guardas não estavam presentes. Como já citado acima, a conversa entre as prisioneiras era proibida para dificultar revoltas e para que as informações<sup>93</sup> obtidas não se espalhassem. Além disso, a conversa entre elas imitava a sensação de normalidade da vida que tinham antes, que elas já haviam esquecido por causa da vivência no campo de concentração.

### 3.3 Trabalho

As mulheres aprisionadas em Ravensbrück eram forçadas a realizar variados trabalhos. Alguns trabalhos eram leves como o de escritório, e outros muito pesados como o de carregar pedra, construir barracões ou fazer estradas. O trabalho, assim como tudo no campo, variava de acordo com o tipo de prisioneira. As judias sempre recebiam os piores trabalhos enquanto as prisioneiras alemãs recebiam os melhores.

Um dos trabalhos mais cobiçados no campo era na cozinha. Como as mulheres passavam fome, o trabalho na cozinha que consistia em separar e preparar a comida do campo as possibilitava roubar um pouco de pão ou alguns legumes. Era um ato perigoso que se descoberto culminava em castigos como espancamento, chicotadas, etc.

O trabalho de escritório era também um dos melhores, pois não exigia esforço físico e nem piorava de acordo com as condições climáticas. As prisioneiras escolhidas para esse tipo de trabalho eram, geralmente, as antissociais e as criminosas. A falta de um supervisionamento exagerado, principalmente no turno da noite, permitia essas mulheres a manter registro de tudo que acontecia no campo. De acordo com Saidel, elas “mantinham registros secretos das chegadas, punições e mortes, e às vezes ‘perdiam’ uma ordem de punição.”<sup>94</sup>

A fábrica Siemens lucrou com o trabalho escravo das prisioneiras de Ravensbrück. O trabalho consistia em construir componentes de foguetes, onde houve também sabotagem por parte das prisioneiras. O trabalho era realizado em turnos, e por ser um trabalho minucioso e delicado, as prisioneiras do turno da noite tinham mais dificuldades pela falta de luminosidade. No começo de seu funcionamento, em

---

<sup>93</sup> Aqui me refiro às informações que algumas prisioneiras privilegiadas tinham. Como, por exemplo, a lista do envio para a câmara de gás.

<sup>94</sup> SAIDEL, Rochelle G. *As Judias do Campo de Concentração Ravensbrück*. São Paulo. EdUsp, 2009. Página 71.

1942, as mulheres tinham que caminhar até o local da fábrica, mas em 1944 foi construído um alojamento nos arredores para que o trabalho dessas mulheres pudesse ser mais explorado e a produção pudesse aumentar ainda mais.

Éramos acordadas às quatro da manhã, recebíamos café e às cinco havia chamada. Começávamos a trabalhar às seis horas. Ao meio dia tínhamos um intervalo para o almoço. Comíamos no campo, perto da fábrica. À uma hora começávamos a trabalhar e íamos até às seis. Às seis havia outra chamada, não muito demorada, e ficávamos livres. Havia também turnos noturnos. De duas em duas semanas trabalhávamos à noite. Os turnos começavam às sete da noite e terminavam às seis da manhã. À meia noite havia um intervalo de meia hora. Os turnos da noite eram muito difíceis por causa da luz insuficiente. Tínhamos de forçar a vista. De maneira geral o serviço não era pesado, mas exigia muita atenção. Era um trabalho de precisão. Exigiam-nos uma cota. Quem não produzisse a quantidade exigida era punida.<sup>95</sup>

Havia no campo uma fábrica têxtil e as prisioneiras ficavam a cargo de produzir o uniforme utilizado no campo e também o uniforme para a SS. O trabalho durava doze horas e havia uma quota a ser cumprida. O não cumprimento gerava castigos, “os guardas batiam a cabeça das prisioneiras nas máquinas até sangrar.”<sup>96</sup> De acordo com Saidel, cerca de 5 mil mulheres trabalhavam nessa fábrica e dentre elas apenas nove eram judias. As prisioneiras aproveitavam desse trabalho para pegar algumas peças de roupas, pois as que tinham eram insuficientes para o inverno, ato que se descoberto era castigado.

Algumas prisioneiras ficavam encarregadas de cortar árvores para obter lenha, outras de limpar as latrinas, e algumas ficaram com um trabalho que pesava mais no emocional do qualquer outro: recolher e mover os cadáveres. As condições do campo eram tão ruins que esse trabalho nunca cessava. Muitas vezes as mulheres tinham que recolher aquelas que morreram à noite ou as que foram espancadas. Algumas sobreviventes relatam que:

Quando comecei a fazer esse trabalho, no primeiro dia chorei terrivelmente. Não conseguia me controlar. Com o passar dos dias, a gente fica entorpecida. Mais tarde eu não sentia nenhuma dor, ou

---

<sup>95</sup> SAIDEL, Rochelle G. As Judias do Campo de Concentração Ravensbrück. São Paulo. EdUsp, 2009. Página 118.

<sup>96</sup> SAIDEL, Rochelle G. As Judias do Campo de Concentração Ravensbrück. São Paulo. EdUsp, 2009. Página 120.

deixei de ter qualquer sentimento em relação ao que estava fazendo. Aquilo era a única coisa que eu fazia em Ravensbrück.<sup>97</sup>

Alguns trabalhos, porém, não tinham sentido, o intuito era apenas não deixar as mulheres paradas. Eram jogadas pilhas de pedras e carvão no chão e as mulheres deveriam recolher e colocá-los em outro lugar. “Quando não tinham outro trabalho para nós, então carregávamos uma montanha de lá para cá, e eles nos batiam, *macht schnell, schnell, schnell, schnell* (se apressem, rápido, rápido, rápido).”<sup>98</sup>

Outras turmas descarregavam coque e pedras de uma balsa no lago. Elas carregavam sacas nas costas enquanto outra equipe, no alto da colina, nivelava a terra empurrando rolos de pedra para construir estradas. (...) Pelo menos a terraplanagem da estrada tinha um motivo. Cavar areia não tinha sentido.<sup>99</sup>

O trabalho era obrigatório para todas, a menos que estivessem doentes no *Revier*. Como regra do campo era proibido ajudar umas às outras, por isso quando uma das prisioneiras caía no trabalho por fraqueza as outras deveriam continuar o trabalho, e a prisioneira era castigada. As mulheres não estavam acostumadas a esse tipo de trabalho, e por isso pereceram. Tudo era motivo para bater nas mulheres, com chicotes ou deixar os cachorros as morderem.

### 3.4 As Guardas

”Como é possível que pessoas de carne e osso cheguem a infligir tamanho sofrimento a outros seres humanos?”<sup>100</sup>

Fundada em 1928 a *Schutztaffel* (SS) era uma organização militar nazista e cada uma dos seus subgrupos desempenhou um papel importante no *Reich*. Suas três

<sup>97</sup> SAIDEL, Rochelle G. As Judias do Campo de Concentração Ravensbrück. São Paulo. EdUsp, 2009. Página 112.

<sup>98</sup> SAIDEL, Rochelle G. As Judias do Campo de Concentração Ravensbrück. São Paulo. EdUsp, 2009. Página 123.

<sup>99</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 67.

<sup>100</sup> FRANKL, Viktor. Em Busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração. 48. Ed – São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2019. Página 109.

divisões principais são *Waffen-SS*, *Allgemeine SS*, e *SS-Totenkopfverbände*. Além destas, é importante ressaltar o papel da *Sicherheitsdienst (SD)* e da Gestapo.

A SD comandava o serviço de inteligência da SS enquanto a *Geheime Staatspolizei (Gestapo)*, polícia secreta, era responsável pelo monitoramento da população. Cada subdivisão da Gestapo era encarregada de um grupo específico como comunistas e judeus, era responsável também pela contraespionagem. Antes da Guerra houve uma junção da Gestapo com a polícia criminal Kripo (*Kriminalpolizei*) formando a polícia de segurança SiPo (*Sicherheitspolizei*). Durante a Guerra a Gestapo passou a ser subordinada à SD. Tanto a SD quanto a Gestapo exerceram um papel no Holocausto, mandando as pessoas para os campos de concentração/extermínio. O policiamento geral ficava por conta da *Allgemeine SS*, enquanto a *Waffen-SS* era incumbida da parte militar.

Criada em 1933-34 por Himmler, a *SS-Totenkopfverbände* (Unidade Cabeças da Morte, SS-TV) era responsável pelos campos de concentração/extermínio. Os membros designados para estes locais deveriam administrar o campo e manter a ordem. Foram responsáveis pelas listas das câmaras de gás e por várias outras atrocidades cometidas nos campos.

Alguns dos médicos que atendiam nos campos eram filiados à SS, mas as guardas femininas tinham somente um título na cadeia de comando do campo e eram subordinadas aos homens da SS.

O campo possuía trinta guardas femininas, “As guardas nos campos femininos eram exclusivamente mulheres”<sup>101</sup> e doze agentes da SS, comandados pelo *Sturmbannführer*<sup>102</sup> Max Koegel. As guardas muitas vezes não portavam armas, apenas cachorros treinados, e deveriam se reportar aos soldados.

Antes de se tornar a *Oberaufseherin*<sup>103</sup> de Ravensbrück Johanna Langefeld era guarda de *Lichtenburg*. Com a criação de um campo de concentração feminino houve a demanda de mulheres para administrá-los nas “questões femininas”<sup>104</sup>, apesar de não ter sido especificado o que isso abrangia. De acordo com os relatos, Johana

---

<sup>101</sup> UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. ENCYCLOPEDIA OF CAMPS AND GHETTOS, 1933–1945. PDF. Página 1188. “The guards in the women 's camps were exclusively women” Tradução própria.

<sup>102</sup> Título militar. Correspondia a major.

<sup>103</sup> Chefe da guarda feminina.

<sup>104</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 33.

Langefeld esteve sempre dividida no campo. Apesar de seu ódio pelos judeus ficar claro, ela mostrou compaixão diversas vezes.

O grupo que mais obteve ajuda de Langefeld foi o das polonesas, ela lhes dava os melhores trabalhos, as poupando de muito esforço físico. Nos testemunhos não fica claro o porquê dessa ajuda às polonesas, mas podemos supor que seja porque as polonesas eram as que mais se afastavam do estereótipo criado do ser impuro que deve ser eliminado.

Quando a ala feminina foi criada em *Auschwitz* houve a demanda de alguém para supervisioná-la. Johanna Langefeld foi a escolhida para esse trabalho. As condições do campo feminino em *Auschwitz* eram piores que as do campo masculino e também de *Ravensbrück*. Não havia higiene adequada na ala feminina e com isso houve proliferação de várias doenças. “Um prisioneiro que viera do campo masculino trazendo um recado contou que as condições nos blocos das mulheres ‘superavam qualquer imaginação e tudo estava preto de piolhos.’ As mulheres morriam de tifo ou se matavam.”<sup>105</sup>

As guardas que iriam trabalhar nessa ala eram treinadas em *Ravensbrück* e foram enviadas a *Auschwitz*. No dia 26 de março de 1942 Langefeld juntamente com 1000 prisioneiras, que seriam as *Kapos*<sup>106</sup> dos blocos femininos em *Auschwitz*, partiram de *Ravensbrück*. Dentre essas prisioneiras, a maioria era composta de alemãs, seguidas de criminosas e antissociais. Essas mulheres foram retratadas nos testemunhos como extremamente cruéis com as prisioneiras de *Auschwitz*.

Depois de tal instrução, conta Höss, e com a expansão da seção feminina em *Auschwitz*, ‘aquelas *Kapos* inescrupulosas tomaram o poder e criaram um sistema de regras próprias para as prisioneiras.’ No início de outubro, a brutalidade das *Kapos* chegou a um ponto tão atroz que nem Höss e Himmler jamais teriam imaginado.<sup>107</sup>

Langefeld não sabia como lidar com essa situação em *Auschwitz* e pediu sua transferência para *Ravensbrück*, que foi negada. Sua autoridade era ignorada pelas *kapos* e por Höss, e a situação do campo piorava. Langefeld voltou a *Ravensbrück* em outubro de 1942.

---

<sup>105</sup> HELM, Sarah. *Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 256.

<sup>106</sup> *Kapo* se equivale a *Blockova*.

<sup>107</sup> HELM, Sarah. *Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 321.

Diferentemente de muitos guardas dos campos de concentração, Langefeld se mostrava mais humana em algumas situações. Há relatos de compaixão de Langefeld com as prisioneiras, exceto com as judias. Ela não era a favor dos experimentos médicos realizados no campo e quando tentou salvar duas “coelhas” de serem fuziladas foi demitida. Como mostra a citação tirada de uma entrevista de uma sobrevivente à Sarah Helm:

Após quatro anos como chefe das guardas do campo para mulheres e seis meses em Auschwitz, por fim Johanna Langefeld escolheu entre o certo e o errado, descartara a indecisão e tomara uma atitude para salvar a vida de duas prisioneiras polonesas. (...) Por isso – e uma série de outros ‘crimes’ urdidos contra ela -, uma corte da SS acusou a chefe das guardas de violar os regulamentos disciplinares. No início de abril de 1943, Johanna Langefeld partiu de Ravensbrück pela última vez.<sup>108</sup>

Os guardas possuíam alojamento fora do campo, construído pelas prisioneiras perto do lago. Os alojamentos dos guardas da SS eram mais espaçosos, bonitos e confortáveis. As guardas femininas por sua vez deveriam dividir um quarto, com exceção da *Oberaufseherin* que possuía um apartamento.

O local das acomodações da SS, longe do campo, era um cenário natural agradável, era característico de todos os campos de concentração. A intenção era fazer os oficiais da SS se sentirem contentes no ambiente doméstico. Em Ravensbrück, os homens tinham um campo de esportes próprio, e as mulheres podiam remar no lago durante o verão ou fazer piquenique no bosque.<sup>109</sup>

As guardas foram escolhidas para manter a disciplina no campo, e deveriam manter uma postura dura com as prisioneiras. Muitas possuíam um comportamento sádico com as prisioneiras, e “as que eram decentes foram mandadas embora por serem amáveis demais”<sup>110</sup>. Frankl relata um caso em que um guarda o ajudou:

---

<sup>108</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 345.

<sup>109</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 65.

<sup>110</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 64.

Lembro-me que, um dia, um capataz (não prisioneiro) furtivamente me passou um pedaço de pão. Eu sabia que ele só podia tê-lo poupado de seu desjejum. O que me abalou a ponto de derramar lágrimas não foi aquele pedaço de pão em si, mas sim o afeto humano que esse homem me ofereceu naquela ocasião, a palavra e o olhar humanos que acompanham a oferta.<sup>111</sup>

Algumas guardas ficaram conhecidas pelas atrocidades com as prisioneiras. Dentre elas se destaca Irma Grese, conhecida como “A Cadela de Belsen”, que se voluntariou para trabalhar em *Ravensbrück* e era extremamente cruel com as prisioneiras. Foi julgada e condenada à forca. Dorothea Binz que antes de se tornar guarda em *Ravensbrück* era filiada à Liga das Moças Alemãs, era conhecida pela sua crueldade. Em muitos testemunhos, as sobreviventes afirmam que ela era praticamente sádica. Foi encarregada do bloco de punições e disseram que “Os olhos dela quase brilhavam quando batia nas pessoas”<sup>112</sup>

Um poema foi escrito sobre ela intitulado “Uma loira bonita”:

Você é tão bonita,  
Com olhos azuis brilhantes e cachos no cabelo,  
Mas, se pudéssemos, destroçaríamos o ceme da sua alma  
E estranguláramos seu coração sedento de sangue.  
Lembra-se da moça que você açoitou, Jacqueline?  
De como surrou Wanda, a moça polonesa?  
Como torturou a menina russa, Veronicka? Você é o cão.<sup>113</sup>

### 3.5 Blockovas

Nos campos de concentração masculinos ou mistos um prisioneiro era escolhido para ficar encarregado da supervisão de seu bloco em troca de alguns benefícios. Esses prisioneiros eram chamados de *Kapos*. Em *Ravensbrück* a denominação para essas mulheres era *Blockova*.

As *Blockovas* eram escolhidas principalmente entre as triângulos verdes e pretos, criminosas e antissociais. De acordo com o testemunho de Blanka Rothschild “(...) e à nossa frente estavam os prisioneiros alemães. Eles eram prisioneiros antes

<sup>111</sup> FRANKL, Viktor. Em Busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração. 48. Ed – São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2019. Página 112.

<sup>112</sup> HELM, Sarah. *Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 376.

<sup>113</sup> HELM, Sarah. *Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 375.



da Guerra. Eram assassinos, eram todos excluídos da sociedade. Contudo, eram superiores a nós por terem ‘sangue alemão’.”<sup>114</sup> O principal trabalho de uma *Blockova* era administrar o bloco designado a ela. Essas mulheres deveriam manter a ordem e a organização no bloco, ter certeza de que todas as prisioneiras compareceriam na chamada matinal e noturna, fiscalizar as prisioneiras, etc. As *Blockovas* seguiam ordens da SS e deveriam reportar tudo que acontecesse no bloco.

O objetivo da SS era usar dos prisioneiros para administrar o campo e voltá-los uns contra os outros criando uma hierarquia dentro do campo. Não somente as *Blockovas* tinham poder, mas também algumas prisioneiras designadas para tarefas específicas, como aponta Helm a *Lagerläuferin*, mensageira do campo, e *Lagerälteste*, prisioneira chefe, obtinham benefícios com seus postos.

Quando os *Kapos* ou as *Blockovas* eram substituídos, os prisioneiros que foram injustiçados pelas suas ações não os recebiam bem no bloco. A *Blockova* poderia ser dispensada de seu trabalho caso não administrasse corretamente o bloco, segundo os moldes da SS ou caso fossem demasiadamente gentis com suas companheiras.

No momento em que ele se torna um kapo, ele não dorme mais com eles (com seus companheiros de prisão). Ele é responsável por garantir que o resultado do trabalho seja alcançado, que não ocorra nenhuma sabotagem, que as camas estejam bem arrumadas. Então ele deve impulsionar seus homens. No momento em que não estamos satisfeitos com ele, ele não é mais um Kapo, ele dorme com seus homens novamente. Ele será morto na primeira noite, ele sabe disso (...)<sup>115</sup>

A indicação das *Blockovas* poderia ser feita por intermédio de outra prisioneira. Käthe Pick Leichter indicou a amiga Rosa Jochmann para o cargo e a explicou que deveria seguir as ordens da SS sem questionar, e que na frente dos guardas deveria tratar as prisioneiras como inferiores.

<sup>114</sup> Interview with Blanka Rothschild. RG-50.030\*0281. USHMM. Página 7. “(...) and across from us were German prisoners. The German prisoners that were across from us were prisoners from before the war. They were murderers; they were all kinds of outcasts of the society. However, they were superior to us because they had the German blood. We were only Jews.” Tradução própria. Marcas de oralidade. Testemunha não domina a língua.

<sup>115</sup> SCHLENKER, Claudia. Frauen in nationalsozialistischen Konzentrationslagern. Philosophische Fakultät der Universität Konstanz Fachgruppe Geschichte. April 1998. Página 37. “In dem Moment, wo er Kapo ist, schläft er nicht mehr bei denen (gemeint sind seine Mithäftlinge, Anm.d.V.). Er ist verantwortlich, daß die Arbeitsleistung erreicht wird, daß bei keinem eine Sabotage vorkommt, daß die Betten gut gebaut sind. ... Er muß also seine Männer antreiben. In dem Moment, wo wir mit ihm nicht zufrieden sind, ist er nicht mehr Kapo, schläft er wieder bei seinen Männern. Daß er dann von denen in der ersten Nacht totgeschlagen wird, das weiß er (...).” Tradução Própria.

Não se esqueça de que isso não é como estar no conselho de trabalho dos sindicatos em casa. Você será uma extensão dos braços da SS. E sempre terá que concordar com ela. Se eles surrarem alguém até a morte na sua frente, você deve perguntar à pessoa que está sendo surrada: por que você fez uma coisa dessas? E por aí vai. Ao mesmo tempo, deve fazer o que puder para evitar que a guarda delate alguém. Como líder do bloco, você deve se postar em uma esquina e gritar para todas durante a chamada para o trabalho: Atenção! Todas de frente para a guarda.<sup>116</sup>

Todo o trabalho que a SS não queria fazer era delegado para as Blockovas. Elas chegaram a ser responsáveis pelas listas de mulheres a serem enviadas para as câmaras de gás. Em troca de seu trabalho, as Blockovas recebiam “ração” extra, uma cama individual e cobertores. O convite para se tornar uma Blockova não era comumente declinado, por medo da SS e pelos benefícios que o serviço trazia, e muitas se ofereciam para o posto.

Pode ser que as condições do campo e a luta pela sobrevivência levaram algumas mulheres a adotar uma postura que condizia com aquela esperada pela SS. Os testemunhos afirmam que havia Blockovas que eram extremamente cruéis com suas colegas. Algumas delas, como Vera Salvequart, prisioneira encarregada do Campo Juvenil, chegaram a ser julgadas por seus crimes. Elas delatavam qualquer coisa que quebrasse uma regra, gritavam e batiam nas prisioneiras.

O interior dos *Lager* era um microcosmos intrincado e estratificado; a “zona cinzenta” da qual falarei mais adiante, aquela dos prisioneiros que em alguma medida, talvez com boa intenção, colaboraram com a autoridade, não era tênue, construindo, antes, um fenômeno de fundamental importância para o historiador, o psicólogo e o sociólogo. Não há prisioneiro que não o recorde, e que não recorde seu espanto de então: as primeiras ameaças, os primeiros insultos, os primeiros golpes não vinham dos SS, as de outros prisioneiros, de “colegas”, daqueles misteriosos personagens que também vestiam o mesmo uniforme de listras recém-vestido pelos novatos.<sup>117</sup>

Mas havia as Blockovas que eram extremamente gentis, como Olga e Käthe, que cuidavam de suas companheiras, dispensavam mulheres feridas e doentes das chamadas, organizavam grupos de poesia, teatro ou estudo.

---

<sup>116</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 129.

<sup>117</sup> LEVI, Primo. Os afogados e os sobreviventes. Tradução de Luís Sérgio Henriques – 3ª edição- São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. Página 15.

### 3.6 A experiência no Lager através de algumas mulheres

Contar a história das mulheres que passaram por Ravensbrück é essencial para se obter uma visão mais ampla sobre a história do campo. Algumas mulheres e suas histórias se destacam, seja pela sua trajetória, pela coragem, solidariedade ou pelos seus atos no campo. Muitas dessas mulheres não puderam contar suas próprias histórias, mas seus atos foram memorados através dos relatos de suas companheiras.

Muitas mulheres foram mandadas aos campos de concentração pelas ações de seus companheiros e de sua família. Gemma La Guardia foi enviada a Ravensbrück pela importância de seu irmão Fiorello La Guardia, que era prefeito de Nova Iorque na época. Pelo status de seu irmão, Gemma desfrutava de alguns privilégios no campo, como trabalhos mais leves e ter sua própria cama.

Olga Benário e Käthe Pick tiveram experiências diferentes das de Gemma. Mandadas ao campo por seus atos comunistas, sofreram por serem judias. Ambas foram castigadas no *Strafblock* e foram mandadas no mesmo transporte para a câmara de gás.

Elisabeth Saborowski (Sabo) foi enviada do Brasil para Alemanha junto com Olga, e em menos de um ano no campo morreu de pneumonia em 1939-40.

As prisioneiras notáveis de Ravensbrück vão além dessas quatro mulheres. As histórias das polonesas usadas nos experimentos médicos, das prisioneiras que trabalhavam no *Revier*, de Krysia Czyz e outras mulheres, serão contadas mais adiante.

Essas histórias me chamaram atenção por suas peculiaridades. A história de Olga e Sabo pela ligação com o Brasil, a de Gemma por nunca ter ouvido falar de reféns para troca em caso de derrota, Käthe por sua luta dentro e fora do campo, e Krysia pela sua inteligência e coragem em arriscar sua vida para denunciar os experimentos médicos.

#### 3.6.1 Olga Benário Prestes

Uma das prisioneiras de Ravensbrück mais conhecidas no Brasil é Olga Benário. Sabemos de sua história e sua luta por intermédio de sua filha Anita

Leocádia Prestes. Anita decidiu testemunhar por sua mãe, já que ela não podia contar ao mundo sua própria história.

Nascida na Alemanha em 1908 em uma família judia começou a se interessar por política e acabou se filiando ao Partido Comunista Alemão. Foi enviada ao Brasil em uma missão, e acabou se apaixonando e se casando com Luís Carlos Prestes.

Olga estava grávida quando foi presa no Brasil e enviada à Alemanha em 1936 para uma prisão onde deu à luz a uma menina, Anita Leocádia Prestes. Após as apelações a criança foi entregue aos cuidados da avó paterna e da tia. Olga foi enviada a Ravensbrück.

Era muito conhecida no campo pelos seus feitos antes de seu aprisionamento. Na sua chegada foi marcada com o triângulo vermelho, de prisioneira política, mas sofreu no campo por ser judia. Manteve laços com algumas prisioneiras, dentre elas Hanna Sturm. Olga passou muito tempo trancada no *Strafblock*<sup>118</sup> onde demonstrou solidariedade com suas colegas, tentando aliviar o peso de estar presa naquelas condições.

Hanna contou que estava esfaimando, então Olga ofereceu-se para compartilhar sua comida e elas conseguiram aumentar o furo na parede para Olga passar o pão para Hanna. (...) 'Você precisa de comida quente, mas o que podemos fazer?' perguntava-se Olga. 'O melhor seria você colocar a boca no furo e eu alimento você. Pela manhã eu lhe darei pão assim que Zimmer trazer o café.'<sup>119</sup>

Com suas diversas tentativas de ser solta e de emigrar falharem, Olga permaneceu no campo. Foi escolhida para ser a *Blockova* do *Judenblock* e aceitou o trabalho com certa relutância, pois aceitar significava ajudar os nazistas, mas recusar significava não ter os privilégios, como alimento extra, descanso, receber e escrever cartas, e sem isso ela não teria notícias da filha e nem a possibilidade de ter notícias da guerra e de sua emigração. Caso declinasse correria o risco de ser castigada ou morta pela SS e o trabalho aumentava suas chances de sobreviver.

Com os privilégios do trabalho Olga pode ler os jornais e acompanhar as notícias, pode escrever cartas para seu marido e filha e receber notícias de sua filha

---

<sup>118</sup> Prisão construída para punições. Era um espaço de 2x2 metros, sem janelas. As prisioneiras do *Strafblock* eram obrigadas a trabalhar mais e recebiam as piores punições.

<sup>119</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 84.

através das guardiãs da menina, sua tia e sua avó. Tinha uma cama e um armário, e o trabalho não era tão pesado e braçal. Seu trabalho consistia em supervisionar o bloco e as mulheres, fazer a contagem e lhes servir a sopa. Alguns relatos contam que ela tentou ser solidária com as companheiras, as encorajando e oferecendo palavras gentis.

Com a iniciativa T4<sup>120</sup> Olga estava entre o grupo mais assassinado, os judeus. Apesar de ter sido uma presa política, Olga era judia e foi morta como tal. Houve várias tentativas de libertação de Olga, algumas quase bem sucedidas, mas ela permaneceu no campo até ser enviada para *Bernburg*, onde foi executada em 1942 pelo sufocamento por gases. Sua morte foi noticiada em *Ravensbrück* pelo contrabando de papéis nas roupas das prisioneiras, mas sua família não soube de sua morte até o final da Guerra.

Sua filha, Anita Leocádia Benário Prestes, se dedicou a contar a história de luta de sua mãe. Em um de seus livros publicados, podemos encontrar fragmentos das cartas que Olga escreveu no tempo que estava em Ravensbrück.

### 3.6.2 Elisabeth Saborowski Ewert (Sabo)

Assim como Olga, Sabo foi mandada juntamente com seu marido Arthur Ewert para o Brasil com o intuito de ajudar Luís Carlos Prestes. Um ano depois foram presos e torturados pela polícia. Sabo foi espancada e estuprada. Seu marido permaneceu aprisionado no Brasil e Sabo, juntamente com Olga, foi mandada para a Alemanha como um presente para Hitler. Ao chegar foi detida em duas prisões antes de ser enviada para *Ravensbrück* em 1939.

Em 39 os trabalhos destinados às prisioneiras eram muito pesados, como a construção de novos barracões e estradas. O trabalho de Sabo consistia em carregar pedras. Quando chegou ao campo já se encontrava doente e as péssimas condições de trabalho ajudaram a agravar seu quadro. Morreu em Ravensbrück de pneumonia em 39-40. Seu marido, Arthur Ewert, conseguiu sua liberdade após a guerra e regressou à Alemanha. Devido às torturas sofridas na prisão ele nunca se recuperou.

---

<sup>120</sup> Remete ao endereço Rua *Tiergartenstrasse* 4 em Berlim onde o plano era coordenado.

Durante sua breve estadia no campo foi responsável pelo barracão das antissociais e de acordo com testemunhos foi bondosa, demonstrando compaixão em diversos momentos. Alguns relatos apontam que foi mandada ao *Strafblock* e durante o tempo presa rezava constantemente.

### 3.6.3 Käthe Pick Leichter

Filha de Josef Pick e Lotte Rubinstein, Käthe Pick nasceu em 1895 em Viena. Sua família era judia, mas Käthe não praticava os ensinamentos. Tinha fortes valores feministas e se tornou socialista. Foi para Alemanha estudar sociologia com Max Weber e posteriormente obteve seu doutorado em economia política. Durante a Primeira Guerra Mundial organizou protestos pacifistas e foi mandada de volta à Áustria. Casou-se com Otto Leichter e tiveram dois filhos.

Com a ascensão do nazismo ao poder, seu doutorado foi invalidado pela Universidade de Heidelberg. Durante a Guerra Civil Austríaca<sup>121</sup> e com a proibição do Partido Social-Democrata, Käthe e Otto organizaram movimentos de resistência e Käthe passou a publicar panfletos ilegais. Com o risco de serem presos Otto fugiu para Tchecoslováquia, mas Käthe permaneceu na Áustria. Por causa dos acontecimentos em Viena, Käthe elaborou um plano para conseguir sair do país com seus filhos e se juntar ao seu marido. Foi presa em 1938, mas seus filhos conseguiram deixar o país.

Em 30 de maio de 1938, dia da projetada partida, Käthe ligou para sua mãe de um telefone público para dizer adeus. Uma voz masculina estranha respondeu, informando-a de que, a menos que voltasse para o apartamento de sua mãe, esta seria presa. Após mandar Henry de volta aos seus amigos, e se dirigiu ao apartamento da mãe, foi detida e recolhida à prisão.<sup>122</sup>

Foi mandada para a prisão *Landesgericht* e após seu julgamento foi transferida para *Ravensbrück* em 1940. Durante seu tempo aprisionada no campo foi designada

---

<sup>121</sup> Ocorreu em 1934 entre os partidos social-democrata, do qual Käthe e seu marido faziam parte, e o partido conservador, apoiado pelo governo e pelos militares. O partido social-democrata foi abolido. Esse evento antecedeu e facilitou a *Anschluß*.

<sup>122</sup> SAIDEL, Rochelle G. *As Judias do Campo de Concentração Ravensbrück*. São Paulo. EdUsp, 2009. Página 66.

a trabalhos pesados, por ser judia. Käthe não deixou se abater com a situação e foi muito importante na organização de resistências no campo e de atividades para melhorar o ânimo de suas colegas.

Organizou tardes literárias, onde lia poemas que ela mesma havia escrito. Organizava peças teatrais, escritas por ela ou pelas suas companheiras. Uma das peças escritas foi encenada no Bloco das Judias, uma das prisioneiras contou aos guardas e as mulheres foram punidas com chibatadas e trancafiadas no *Strafblock*. Uma das mulheres memorizou um dos poemas que Käthe escreveu e declamou para suas companheiras.

Oh, meu irmão<sup>123</sup>, dia virá em que não mais teremos de responder à chamada!

Portas se abrirão e o mundo, grande, livre, nos abraçará.

Então nós, prisioneiros de campos de concentração, caminharemos pelas largas ruas.

Mas os outros esperam por nós.

E quem quer que nos veja verá as linhas fundas traçadas em nossas faces pelo sofrimento.

Verá os sinais da nossa tortura mental e corporal, que ficarão conosco para sempre.

E quem nos vir verá a ira faiscando em nossos olhos,

Verá o júbilo na liberdade fundamente incrustado em nossos corações.

E então marcharemos em filas, a última, a enorme coluna de pessoas,

E a estrada leva à luz e ao sol.

Oh, irmão, você também está imaginando esse dia, você também deve pensar:

Esse dia não tardará!

E então deixaremos *Ravensbrück*, *Sachsenhausen*, *Dachau* e *Buchenwald*.<sup>124</sup>

---

<sup>123</sup> Esse irmão aparece em vários de seus poemas, porém ele era apenas imaginário. Podemos supor que ela não estava se referindo a um irmão de sangue, mas a um irmão de luta, alguém que estava vivenciando o mesmo que ela.

<sup>124</sup> SAIDEL, Rochelle G. *As Judias do Campo de Concentração Ravensbrück*. São Paulo. EdUsp, 2009. Página 79.

Käthe foi uma das mulheres mais notáveis a passar por *Ravensbrück*. Em 1942, juntamente com Olga, Käthe foi mandada à câmara de gás instalada em um hospital em Bernburg.

Após sua morte, seu filho escreveu à Universidade pedindo que reavaliassem o doutorado de sua mãe. O reitor da Universidade respondeu que ele seria validado novamente, pedindo desculpas pelo terrível ato cometido contra Käthe e sua família.



Portrait Käthe Leichter | © Familienarchiv



Fonte: <https://www.uni-heidelberg.de/de/newsroom/kaethe-leichter-forum-wird-eroeffnet-neues-zentrum-fuer-doktorandinnen-und-doktoranden>

No dia 13 de dezembro de 2022 um centro na Universidade de Heidelberg, universidade onde obteve seu título de Doutora, foi aberto em homenagem a ela.<sup>125</sup> Esta não foi a única homenagem feita a sua história e luta. Um prêmio para destacar mulheres na Áustria também carrega o seu nome.<sup>126</sup>

---

<sup>125</sup><https://www.uni-heidelberg.de/de/newsroom/kaethe-leichter-forum-wird-eroeffnet-neues-zentrum-fuer-doktorandinnen-und-doktoranden>. Acesso em 17 de fevereiro de 2023.

<sup>126</sup><https://www.vindobona.org/article/first-austrian-state-prize-for-women-awarded>. Acesso em 05 de março de 2023.



### 3.6.4 Gemma La Guardia Gluck

Nascida em Nova Iorque, Gemma mudou-se com a família para Itália. Após a morte do pai, seus irmãos voltaram para os Estados Unidos, porém Gemma e sua mãe Irene permaneceram na Itália. Após casar-se com um judeu húngaro, Herman Gluck, em 1908, foi obrigada a renunciar sua nacionalidade e adotar a do marido. O casal possuía duas filhas, Yolanda e Irene.

Foi presa em 7 de junho de 1944 pela ligação com Fiorello La Guardia, irmão de Gemma, que era prefeito de Nova Iorque. Apesar de não ser judia, foi considerada *Mischling*<sup>127</sup> por causa de sua mãe e seu marido.

Gemma passou por duas prisões e por *Mauthausen*, campo onde seu marido ficou aprisionado, antes de ser enviada para *Ravensbrück*. A situação de Gemma foi debatida por vários oficiais, incluindo Himmler e Eichmann, pois poderia ser usada como possível objeto de troca com seu irmão<sup>128</sup>.

Em *Ravensbrück* foi classificada como prisioneira política e desfrutou de alguns privilégios pelo seu status. Dentre esses privilégios estava o de possuir sua própria cama e não participar de trabalhos que exigiam muito esforço.

(...) Gemma tinha duas tarefas em *Ravensbrück*. Foi nomeada supervisora para o recebimento de pacotes em seu bloco, principalmente pacotes da Cruz Vermelha (...). Além disso, ela se ofereceu para servir como supervisora da mesa de jantar, ou *Tischälteste*. (...) O trabalho de Gemma consistia em dividir o pão e a sopa em 34 porções iguais e em lavar os pratos e limpar os armários. Também era obrigada a fazer um inventário mensal das roupas e das mulheres.<sup>129</sup>

Assim como muitas das prisioneiras de *Ravensbrück*, Gemma se preocupava constantemente com sua família. Passou quase um ano sem saber que sua filha e seu neto também foram levados para o mesmo campo.

<sup>127</sup> Era crime a associação de judeus com arianos, e o mestiço podia ser mandado ao campo de concentração, esterilizado e assassinado.

<sup>128</sup> A questão dos reféns para troca não foi ideia de Hitler que acreditava na vitória. Mas sim de alguns membros da SS. No caso de Gemma, Himmler teve a ideia de mantê-la refém em *Rvensbrück*. De acordo com Saidel, há documentos apresentados no processo contra Eichmann que comprovam isso no arquivo de Yad Vashem, em Israel. O número dos documentos é 516 e 1020.

<sup>129</sup> SAIDEL, Rochelle G. *As Judias do Campo de Concentração Ravensbrück*. São Paulo. EdUsp, 2009. Página 134-35.

Só alguns dias antes de sua libertação ela soube que sua filha Yolanda Gluck Danes, e seu neto, Richard, estavam no mesmo campo desde agosto de 1944. Yolanda e o bebê, que tinha apenas cinco meses quando ela chegou, haviam sido mantidos em confinamento solitário em uma cela do outro lado do Bloco 1.<sup>130</sup>

Após a libertação do campo Gemma, Yolanda e Richard tiveram dificuldades de retornar aos Estados Unidos. Estavam sem dinheiro, sem documentos e não sabiam se o resto de sua família havia sobrevivido. Após ser informado da situação de sua irmã, Fiorello escreveu prometendo ajudá-la a voltar aos Estados Unidos, mas disse que não iria priorizar Gemma porque havia muitas pessoas na lista de imigração. Para tornar a situação de sua irmã um pouco melhor, mandou dinheiro e a ajudou a encontrar um lugar confortável para morar enquanto esperava. Ela ficou sabendo que seu marido Herman não havia sobrevivido. Retornou então aos Estados Unidos com sua família em 1947.

### **3.7 Torturas e castigos**

Os castigos e torturas fizeram parte da crueldade dos campos de concentração. Além das péssimas condições de higiene, que favoreceram a proliferação de doenças, a desnutrição provinda da falta de alimentação suficiente e adequada e a exaustão causada pelo excesso de trabalho, os prisioneiros tinham as torturas e castigos como obstáculo à sobrevivência.

Alguns castigos eram comuns em todos os campos de trabalho, e serviam para manter a ordem, contanto, alguns campos possuíam mecanismos de tortura específicos. Os campos de trabalho foram criados para explorar a mão de obra dos prisioneiros até sua exaustão completa, ou sua morte. O objetivo de Himmler nessa época era de exaurir os prisioneiros, especialmente os judeus, antes de assassiná-los em câmaras de gás. Como a morte era o destino final esperado pelo regime, os guardas não se preocupavam com a saúde desses prisioneiros e muitos morreram devido às torturas.

---

<sup>130</sup> SAIDEL, Rochelle G. As Judias do Campo de Concentração Ravensbrück. São Paulo. EdUsp, 2009. Página 136.

Tudo no campo era motivo para espancar as prisioneiras. Atraso na contagem diária na *Appell*, não seguir os padrões impostos para organização do bloco e dos beliches, conversas no trabalho, etc.

Alguns castigos eram recorrentes e aconteciam também em outros campos, como os espancamentos e as chibatadas. Em Ravensbrück foi instaurado o limite de 25 chibatadas. Elas eram aplicadas pelas guardas ou pelas prisioneiras que se ofereciam para este trabalho em troca de mais comida. Algumas pareciam gostar do trabalho, enquanto outras se candidataram apenas para aumentar a chance de sobreviverem.

Por menor que fosse o “delito” as mulheres eram espancadas com pedaços de madeira, cassetetes de borracha, ou qualquer coisa ao alcance dos guardas. Nas fábricas, caso uma prisioneira não cumprisse a cota todas eram castigadas. Além dos espancamentos havia os cães que avançavam e mordiam as prisioneiras e muitas vezes as guardas não conseguiam controlar os cães. “As mulheres eram atacadas pelos cães e ficavam muito feridas. Eu mesma ajudei a carregar gente ensanguentada de volta ao campo. Elas eram levadas ao hospital com os membros terrivelmente ulcerados e congelados.”<sup>131</sup>

Após a chegada das prisioneiras foi construído o *Strafblock*, bloco onde os castigos eram aplicados e as mulheres eram obrigadas a trabalhar mais e nos piores trabalhos. De acordo com Helm, havia dois tipos de celas no *Strafblock*: “Para as condenadas à solitária, em ‘prisão comum’, a prisioneira tinha colchão e cobertor na cela (...). As prisioneiras condenadas à ‘prisão agravada’ (...) ficavam confinadas em uma cela escura sem colchão nem cobertor, apenas com um balde e nada mais.”<sup>132</sup>. As celas tinham quatro metros quadrados, não havia janelas e as prisioneiras mandadas para o *Strafblock* recebiam menos alimento, apenas café e um pão diariamente e sopa de quatro em quatro dias.

Foi construída em Ravensbrück uma sala do gelo. Os guardas mandavam as prisioneiras ficarem descalças sobre o gelo ou as despiam e as jogavam na sala, onde permaneciam por horas. Quando finalmente eram retiradas estavam com hipotermia grave, com queimaduras e membros congelados.

---

<sup>131</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 104.

<sup>132</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 64.

A violência no Lager era constante, como explica Levi, era a única forma de comunicação entre os guardas e as prisioneiras dentro do sistema:

(...) de resto, era a única linguagem que naquela perpétua Babel podia ser verdadeiramente entendida por todos. Em suas várias gradações, era entendida como incitamento ao trabalho, como admoestação ou punição, e na hierarquia dos suplícios ocupava os últimos lugares.<sup>133</sup>

Em seu livro “Os afogados e os sobreviventes”, Levi nos apresenta o conceito de “violência inútil”, onde o propósito da dor era a dor por si mesma. A violência exercida nos campos, seja com torturas ou com espancamentos, não tinha outra intenção além da dor. Pela finalidade máxima dos campos ser a morte dos prisioneiros, as torturas não faziam sentido dentro dessa lógica. Ele explica: “Noutras palavras: antes de morrer a vítima deve ser degradada, a fim de que o assassino sinta menos o peso de seu crime. É uma explicação não carente de lógica, mas que brada aos céus: é a única utilidade da violência inútil.”<sup>134</sup>

É quase impossível termos uma noção de todas as torturas e castigos que ocorriam no campo, porque os mais cruéis frequentemente levavam a prisioneira à morte. Tudo isso mencionado acima contribuiu para o trauma que as prisioneiras sofreram nos campos. Muitas levaram marcas de suas torturas e castigos que as impedem de esquecer as crueldades cometidas em Ravensbrück.

---

<sup>133</sup> LEVI, Primo. Os afogados e os sobreviventes. Tradução de Luís Sérgio Henriques – 3ª edição- São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. Página 58.

<sup>134</sup> LEVI, Primo. Os afogados e os sobreviventes. Tradução de Luís Sérgio Henriques – 3ª edição- São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. Página 102.

## 4. PARTICULARIDADES DE RAVENSBRÜCK

### 4.1 Uckermark e os subcampos de Ravensbrück

*Ravensbrück* era o campo principal, mas possuía vários campos satélites ou subcampos. Os campos satélites eram subordinados do campo principal, as prisioneiras eram transferidas para esses campos em razão de trabalho ou, como no caso de *Uckermark*, idade. *Malchow*, *Neubrandenburg*, *Neustadt-Glewe*, *Rechlin* e *Uckermark* foram alguns entre aproximadamente 40 subcampos de *Ravensbrück*. A situação desses subcampos era pior do que a do campo principal, já que possuíam menos recursos e mão de obra.

*Uckermark* ou Campo da Juventude (*Jugendlager*) ficava a dois quilômetros de *Ravensbrück*. Inaugurado em 1942, suas prisioneiras eram principalmente meninas de até 21 anos rotuladas como triângulos verdes ou pretos ou prisioneiras incapacitadas de trabalhar e idosas. As condições do subcampo eram piores que as de *Ravensbrück* e por isso a taxa de mortalidade era alta. Foi criado na mesma época da Solução Final, portanto seu objetivo era simplesmente eliminar as prisioneiras indesejadas e inaptas para o trabalho.

Cinco barracas foram divididas em grandes aposentos no novo campo. Em vez de camas, tábuas ao longo das paredes. Não havia cobertores, e as mulheres dispunham apenas de trapos. Não tinham roupa de baixo, jaquetas, lenços, nem mesmo tamancos. Não havia água, nem banheiros – apenas uma latrina atrás da quinta barraca e baldes. Nos primeiros três dias, não chegou alimento nenhum. Em vez disso, ficávamos enfileiradas o dia inteiro para responder a chamada - duas vezes por dia, seis a oito horas de cada vez. À noite, as mulheres deitavam-se no chão, sem cobertores. Morriam rapidamente trinta por dia.<sup>135</sup>

Nos seus últimos anos de funcionamento, *Uckermark* foi usado como campo de seleção para a câmara de gás. As prisioneiras eram selecionadas em *Ravensbrück* e transferidas para o subcampo onde aguardavam o transporte para a câmara de gás que funcionava fora dos muros do campo. Essa transferência era feita para evitar

---

<sup>135</sup> SAIDEL, Rochelle G. *As Judias do Campo de Concentração Ravensbrück*. São Paulo. EdUsp, 2009. Página 38.

comentários no campo principal sobre a câmara de gás, e também para não gerar pânico coletivo.

Em janeiro de 1945, a administração do campo começou as preparações para os assassinatos em massa naquele mesmo local. Para esse propósito, eles liberaram parcialmente o chamado “campo da juventude” (Jugendschutzlager) em Uckermark, a mais ou menos 1,5 quilômetros de Ravensbrück.<sup>136</sup>

Para não criar pânico no campo principal, boatos foram espalhados dizendo que o subcampo era um sanatório, onde as prisioneiras poderiam se recuperar tranquilamente, sem precisar trabalhar, com mais comida e assistência médica. Foi criado um *Revier* em Uckermark e uma médica foi enviada para enganar as prisioneiras. As mulheres ficaram sabendo que havia melhores acomodações e muitas se voluntariaram para a transferência.

As prisioneiras escolhidas para a transferência eram principalmente as mais velhas e incapazes de trabalhar, seja por exaustão ou alguma incapacidade física. Essas prisioneiras receberam um cartão rosa para aguardar a transferência. Em Ravensbrück as mulheres acreditavam que as prisioneiras transferidas iriam para um campo com melhores condições. As voluntárias consistiam em familiares das selecionadas que não queriam se separar.

Quando chegaram ao campo foram colocadas em um barracão sem camas nem cobertores. Aguardaram três dias antes de receberem alimentos, que consistia apenas em pão e sopa. Muitas mulheres morreram nesse intervalo.

Algumas mulheres muito doentes eram mandadas para o *Revier* e envenenadas pela médica Dra. Vera com um pó branco<sup>137</sup> ou recebiam uma injeção letal. Na contagem as prisioneiras eram selecionadas para o transporte e embarcavam em um caminhão que as levava para a câmara de gaseamento de Ravensbrück<sup>138</sup>.

Visto que a câmara funcionava em solo alemão havia muito cuidado no campo principal para esconder os vestígios dos gaseamentos. A ordem oficial era de transporte para um campo de descanso.

---

<sup>136</sup>UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. ENCYCLOPEDIA OF CAMPS AND GHETTOS, 1933–1945. Página 1190. “In January 1945, the camp administration began to make preparations for on-site mass killings. For this purpose, it partially cleared out the so-called youth protection camp (Jugendschutzlager) in Uckermark, about 1.5 kilometers (1 mile) from Ravensbrück.” Tradução Própria.

<sup>137</sup> Nos testemunhos não há menção do que era o pó, somente que todas que o ingeriam morriam.

<sup>138</sup> A câmara de gás pertencia ao campo, mas ficava fora dos muros, perto do crematório. O lugar escolhido foi estratégico, para não causar pânico nas prisioneiras.

A câmara em si tinha cerca de 9 metros por 4,5 e espaço para umas 150 pessoas. Ficava a uns 5 metros do crematório. As prisioneiras tiravam a roupa em um quarto que ficava cerca de 3 metros da câmara de gás, e de lá iam para a câmara atravessando outro pequeno quarto. (...) Um prisioneiro com máscara subia no telhado, jogava uma caixa de gás pela abertura e fechava rapidamente. (...) Depois de uns três minutos, a sala ficava em silêncio. (...)<sup>139</sup>

O *Jugendlager* foi esvaziado no final de 1944 e início de 1945 e liberto pelo exército soviético em abril de 1945.

#### 4.2 As mães e as crianças do campo

Ao chegar aos campos de concentração<sup>140</sup>, os prisioneiros eram divididos em duas categorias: os aptos a trabalhar e os inaptos, que eram mandados direto para as câmaras de gás. Entre os prisioneiros considerados ineptos estavam pessoas idosas, doentes, deficientes físicos, mulheres grávidas ou com crianças. Instintivamente, muitas mulheres que ao chegar ao campo estavam grávidas escondiam a gravidez para não serem assassinadas. Muitas mães também esconderam seus filhos nestas seleções.

Assim que desceram do trem, segundo contou-me minha mãe alguns anos depois, ela falou para a minha avó: "Você não é velha e eu não estou grávida, nós vamos caminhar para onde vai a maioria!". Elisabeta (grávida desde que lhes conto esta história) teve um certo pressentimento das coisas: escondeu os cabelos brancos da minha avó com um lenço, e ela, por sua vez, aproveitou-se da roupa folgada que usava, e assim foram adiante.<sup>141</sup>

Em *Ravensbrück* isso não foi diferente. Muitas mulheres esconderam seus filhos na chegada, para que pudessem passar pela seleção. O dia a dia do campo tornava extremamente difícil a sobrevivência das crianças, pois as mães trabalhavam o dia todo e a comida que recebiam era insuficiente para se alimentarem e alimentarem seus filhos. Como consequência, a morte das mães era constante.

<sup>139</sup> HELM, Sarah. *Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 655.

<sup>140</sup> Aqui me refiro a todos os campos de concentração, não somente a Ravensbrück.

<sup>141</sup> Testemunho George Legmann. Disponível em: [https://www.arqshoah.com/images/imagens/sobreviventes-testemunhos/LEGMANN\\_George.pdf](https://www.arqshoah.com/images/imagens/sobreviventes-testemunhos/LEGMANN_George.pdf). Acesso dia 10 de janeiro de 2022.

As crianças órfãs eram cuidadas por "mães-adotivas", mulheres que se dispunham a ajudar essas crianças quando a mãe biológica morria. Elas se revezavam para olhar essas crianças, dividiam sua "ração" e cuidavam das crianças doentes. Muitas dessas "mães adotivas" tinham filhos fora do campo. Cuidar das crianças órfãs era uma forma de resistência dentro do campo e um aspecto completamente exclusivo das mulheres.

Durante os primeiros meses de funcionamento do campo, as mulheres que chegavam grávidas eram levadas até uma cidade próxima onde davam a luz no hospital. Com o aumento das prisioneiras isso se tornou inviável e os médicos começaram a realizar abortos no campo.

Os abortos eram realizados em mulheres no começo da gestação. Nos casos de gestações mais avançadas o parto era induzido, ou se realizava uma cirurgia para retirar o bebê, que depois era assassinado pelos médicos ou prisioneiras recrutadas para esse trabalho.

Uma das prisioneiras recrutadas para ajudar o Dr. Rolf Rosenthal nos abortos foi Gerda Quernheim. Quernheim foi presa por fazer abortos ilegais<sup>142</sup> "os bons alemães arianos deveriam fazer de tudo para aumentar a taxa de natalidade, e não para diminuí-la. Contudo, aborto ilegal não costumava levar ao campo de concentração, mas Quernheim piorou seu crime ao insultar o Führer durante o julgamento."<sup>143</sup>

Um grande número de abortos foi realizado no *Revier* do campo, mas nunca foram registrados. Testemunhos apontam a crueldade dos médicos ao realizar esses procedimentos. Após o parto forçado os bebês eram estrangulados ou afogados e jogados nos fornos. "Milena ouviu o grito de um bebê recém-nascido atrás de uma porta, abriu-a e encontrou uma criança saudável 'se contorcendo entre as pernas da mãe'. Quernheim afogou-a em um balde."<sup>144</sup>

No final de 1944 a quantidade de mulheres grávidas aumentou significativamente com a chegada de novas prisioneiras e o Dr. Treite decidiu não mais realizar abortos, mas realizar o parto dessas crianças. Depois do parto as mulheres eram mais bem tratadas, tomavam banho, recebiam um copo de leite e

---

<sup>142</sup> Os abortos eram ilegais na Alemanha, e Quernheim realizava abortos em mulheres arianas. Apesar de ser presa por realizar abortos ilegais, seu trabalho no campo era exatamente esse.

<sup>143</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 238.

<sup>144</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 326.



poderiam ver os bebês durante o dia. Apesar disso muitos bebês morreram devido às péssimas condições do campo.

Durante o tempo que passaram juntos, Quernheim e Rosenthal mantinham relações. Gerda chegou a engravidar de Rosenthal e ele mesmo realizou o aborto.

Quando Gerda descobriu que estava grávida, não havia alternativa a não ser abortar, e Rosenthal se encarregou disso. Porém, ela ficou triste. Desejosa de manter o feto, ela o conservou em álcool e o guardou em uma garrafa no *Revier* de *Ravensbrück*. Certamente nenhuma outra imagem poderia simbolizar melhor o absurdo trágico da tentativa nazista de controlar o processo de reprodução (...).<sup>145</sup>

De acordo com Helm, o Dr. Rosenthal foi demitido por ter tido relações sexuais com Gerda Quernheim e foi levado a julgamento. Rosenthal foi condenado e mandado a *Dachau* para cumprir sua pena e Quernheim foi transferida para *Auschwitz* onde trabalhou como parteira.

Com o passar do tempo havia mais bebês e se tornou visível que a SS não tinha intenção de deixar esses bebês vivos. Foi cortado o leite que as mães recebiam e recebendo somente a sopa e um pedaço de pão elas não eram capazes de produzir leite e os bebês passavam fome. Como Friedländer explica os nazistas usavam a inanição como método de assassinato: “Foi Backe que deu o toque final ao planejamento econômico da operação Barbarossa: ‘a fome planejada’.”<sup>146</sup>

Em contraste da alta taxa de mortalidade das crianças no campo houve a iniciativa da *SS-Lebensborn*, ramificação da SS que tinha como o objetivo aumentar a taxa de natalidade na Alemanha, banindo abortos, raptando crianças que se encaixavam do ideal ariano e as colocando em lares alemão. Essas crianças foram tiradas de suas famílias, mas as crianças consideradas inferiores foram mandadas aos campos com seus pais.

O *Revier* passou a não comportar a quantidade de bebês nascidos e criou-se o *Kinderzimmer*, um bloco onde seriam feitos os partos e ficariam os bebês. As mães não podiam ficar no *Kinderzimmer* após o parto e eram mandadas para seus blocos, mas visitavam os bebês frequentemente.

---

<sup>145</sup> HELM, Sarah. *Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 465.

<sup>146</sup> FRIEDLÄNDER, Saul. *A Alemanha Nazista e os Judeus-Volume 2. Os anos de extermínio, 1939-1945*. São Paulo: Perspectiva. 2012. Página 185.

As condições do *Kinderzimmer* eram deploráveis. Os bebês passavam frio e fome, pois não havia com o que cobri-los e não havia leite no campo para alimentá-los. Não havia nenhum tipo de identificação dos bebês, que ficavam todos juntos, amontoados.

Foi uma visão terrível. No início estava muito escuro, mas quando consegui acender uma luz vi todo tipo de vermes pulando nas camas e nas narinas e orelhas dos bebês. Quase todos estavam nus, porque os cobertores tinham escorregado. Eles choravam de fome e frio e estavam cobertos de feridas.<sup>147</sup>

As mães já estavam exaustas e desnutridas, e ver o filho recém-nascido nessas condições só piorava seu emocional. Elas brigavam umas com as outras quando surgia algum alimento para os bebês, pois o que surgia não era suficiente para todos. Essas mães assistiam apaticamente a morte de seus filhos porque não havia nada que podiam fazer para salvá-los.

As mulheres encarregadas de cuidar dos bebês faziam o possível para mantê-los vivos. Apesar da morte constante dos bebês, elas faziam de tudo para salvar os que podiam, mas conseguiram salvar uma quantidade muito pequena. "Havia seiscentos nomes, nascidos entre setembro de 1944 e abril de 1945. Desses, explicou, quarenta sobreviveram, 'mas a maioria foi levada para *Belsen* em fevereiro de 1945, onde também morreram'."<sup>148</sup>

Há relatos que apontam que as mães, para poupar as crianças do sofrimento do campo de concentração, matavam seus bebês. Uma prisioneira que trabalhava com o encanamento do campo conta:

(...) a razão trágica de um bloqueio de drenagem que ela foi chamada para consertar. Após dias de bombeamento, o corpo de um bebê foi expelido do cano de esgoto adjacente à tenda das judias húngaras. 'O bebê nasceu morto?', perguntou. 'Morreu pouco depois de nascer ou a própria mãe o matou, para poupá-lo da morte angustiante pela fome?'<sup>149</sup>

<sup>147</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 543.

<sup>148</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 545.

<sup>149</sup> SAIDEL, Rochelle G. As Judias do Campo de Concentração Ravensbrück. São Paulo. EdUsp, 2009. Página 36.

As condições do campo não eram favoráveis à sobrevivência de bebês e de crianças, e como afirma Saidel, as histórias dos sobreviventes são das crianças “mais afortunadas de *Ravensbrück*”.<sup>150</sup> Elas participaram dos experimentos médicos, principalmente o de esterilização, que causou inúmeras mortes.

Manter as crianças vivas não era uma preocupação dos guardas nos campos de concentração. Diferente dos adultos, as crianças não trabalhavam e por isso não eram úteis ao regime. As atitudes de descaso por parte dos guardas demonstrava que a morte dessas crianças não afetaria em nada e que era, inclusive, planejada, no caso de judeus. Muitas crianças eram mandadas para a câmara de gás com suas mães e as que ficavam no campo eram maltratadas e mal alimentadas.

Naomi Moscovitch relata o episódio do coral infantil em 1944 onde as intenções da SS em assassinar as crianças ficam claras. Apesar de nenhum outro relato mencionar esse episódio, de acordo com Helm, algumas crianças têm lembranças semelhantes.

Eu cantei naquele coral. Foi no final de 1944 e fizeram um barracão para as crianças. Disseram que iríamos para lá no Natal e aprendemos canções natalinas alemãs. (...) e disseram que depois de cantar fariam uma festa e nos dariam algo. Então cantamos diante dos alemães e das mulheres dos cães. Quando acabaram os cantos, minha mãe apareceu do lado de fora da janela, e não sei exatamente como foi, mas ela deve ter gritado para meu irmão e acho que disse que tínhamos que sair dali imediatamente, que aquela não era nossa religião e não podíamos celebrá-la; que tínhamos que voltar para o bloco com ela. (...) Não sei, mas depois disso disseram que tudo explodiu e o barracão sumiu. (...) Quando encontrei algumas com outras crianças, anos depois, contei que tinha participado do coral e me perguntaram, mas como é possível – como você sobreviveu? Elas disseram que os alemães jogaram granadas de mão pela janela e que era assim que pretendiam dar cabo de todas as crianças.<sup>151</sup>

Muitas crianças não entendiam bem o que estava acontecendo no campo e as mães tentavam tornar as suas rotinas as mais normais possíveis. Apesar de estarem em um estado de saúde e higiene deploráveis, as crianças corriam e brincavam no campo. De acordo com o testemunho de Gemma La Guardia à Saidel, as crianças,

---

<sup>150</sup> SAIDEL, Rochelle G. *As Judias do Campo de Concentração Ravensbrück*. São Paulo. EdUsp, 2009. Página 96.

<sup>151</sup> HELM, Sarah. *Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 616.

espelhando em sua realidade, tinham uma brincadeira chamada Appel, onde algumas fingiam serem prisioneiras na contagem diária e outras fingiam ser as guardas.

Como afirma Saidel, “O sofrimento e o assassinato das crianças não era só trágicos para essas jovens vítimas do campo de concentração como ainda aumentavam a miséria de suas mães biológicas, mães substitutas e outras prisioneiras solidárias.”<sup>152</sup>

A Enciclopédia do Holocausto do USHMM aponta que 881 crianças de idade entre 2 e 16 anos, de 18 países, apareceram nas listagens do campo. Os nascimentos reportados foram 522 entre setembro de 1944 a abril de 1945. Em 48 casos houve abortos ou os bebês nasceram mortos. E metade dos bebês, 260, morreu em poucos dias ou semanas.

### 4.3 Diferenças entre os campos masculinos e Ravensbrück

Ravensbrück se diferencia dos demais campos de concentração em vários aspectos. Foi o único campo a possuir uma câmara de gás em funcionamento no território alemão. A câmara foi construída fora dos muros do campo, perto do crematório e as próprias prisioneiras ajudaram na construção da câmara, mas não sabiam para que seria usada.

Em alguns campos de concentração em solo alemão – como em Sachsenhausen -, operaram câmaras de gás ou caminhões de gás, mas Ravensbrück seria o único campo a receber uma câmara pela primeira vez, para dar conta do extermínio nos últimos meses da guerra.<sup>153</sup>

O campo já se diferencia dos demais na sua construção. Ao contrário dos campos mistos ou masculinos, Ravensbrück foi construído sem as torres de vigilância ao redor do campo. Esse fator ocorreu talvez pela hipótese de que as mulheres não se rebelariam e as fugas não seriam um problema no campo. A vigilância do campo recaiu sobre os guardas, em sua maioria mulheres.

À diferença dos campos de concentração para homens, *Ravensbrück* não tinha torres de vigilância ao longo dos muros nem guaritas para

---

<sup>152</sup> SAIDEL, Rochelle G. *As Judias do Campo de Concentração Ravensbrück*. São Paulo. EdUsp, 2009. Página 96.

<sup>153</sup> HELM, Sarah. *Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 605.

sentinelas armados. Mas havia uma cerca elétrica no muro do perímetro e placas ao longo da cerca exibiam uma caveira e dois ossos cruzados indicando alta voltagem.<sup>154</sup>

Uma especificidade de Ravensbrück foi a construção de um salão de beleza para as guardas do campo. A ideia partiu de Langefeld e prisioneiras com experiência foram convocadas para trabalhar no salão. “Ela estava procurando alguém para - por uma esteticista, e eu era muito boa, você sabe, com o que? com os dedos, em fazer aqueles cachos com os dedos e -o que- água e os dedos (...)”<sup>155</sup>

Por ser um campo totalmente feminino algumas características que o difere de outros campos se baseiam em aspectos mais atribuídos a mulheres, como por exemplo, a formação de famílias substitutas. Na Alemanha nazista a função de cuidar dos filhos era somente das mulheres, por isso as crianças eram mandadas aos campos com a mãe. Muitas famílias foram separadas em campos “mistos”, a mãe e as crianças eram mandadas para a câmara de gás, enquanto o pai era poupado para trabalhar.

O fato de serem separadas de sua família era por si só uma forma de tortura específica para as mulheres. Com a perda de suas famílias, maridos e filhos, as mulheres em Ravensbrück formavam famílias substitutas. Muitas contam, nos testemunhos, que cuidavam de jovens nos campos, pois gostariam que alguém cuidasse de seus filhos da mesma maneira. A família constituída no campo ajudava as mulheres a suportar a rotina do campo e a acreditar que todo aquele sofrimento cessaria e que seriam libertas e voltariam para suas famílias. Rose Werner conta em seu testemunho que ajudava Olish Umshwike contrabandeando alimentos da cozinha e um dia ele disse pra ela “Eu vou sobreviver, você vai ser minha segunda mãe, porque você é minha mãe, você me ajuda muito.”<sup>156</sup>

Outro evento exclusivo de Ravensbrück foi a permissão dos partos. Em 1944 a quantidade de mulheres grávidas que chegaram ao campo obrigou a decisão de permitir os partos, ao invés de realizar abortos. Foram dadas ordens às prisioneiras

<sup>154</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 30.

<sup>155</sup> USHMM Archives RG-50.549.02\*0058. Interview with Rose Warner. Página 6. Tradução própria. “She was looking for somebody to -- for a beautician, and I was very good, you know, with what? With fingers, to make those wave for the fing -- what -- water and fingers (...)” Marcas de oralidade. Testemunha não domina a língua.

<sup>156</sup> USHMM Archives RG-50.549.02\*0058. Interview with Rose Warner. Página 8. Tradução própria. “I’m going to live, you’re going to be my second mother, because you’re my mother, you helping me a lot.” Marcas de oralidade. Testemunha não domina a língua.

que trabalhavam no *Revier* para que montassem uma sala para os partos. A sala era limpa, bem iluminada e bem abastecida. As enfermeiras receberam permissão para dar banho nas mulheres grávidas e tentavam tornar a experiência o mais normal possível, como se não estivessem em um campo de concentração.

Fazíamos isso numa grande bacia que ficava na sala de cirurgia. Nós as desvestíamos completamente e as púnhamos na bacia. Com um pano as lavávamos, ensaboávamos e enxaguávamos da cabeça aos pés. Tratávamos dos seus pés e as vestíamos com uma camisola branca. Podíamos encomendar camisolas brancas da oficina de costura, onde todas queriam ajudar. Foi maravilhoso que de repente as mulheres pudessem ajudar. Todas cosiam fraldas e vestidos para nós. As grávidas eram preparadas para o parto como se estivessem no melhor hospital.<sup>157</sup>

Com isso muitos bebês nasceram em Ravensbrück e devido ao esforço dessas mulheres alguns conseguiram sobreviver<sup>158</sup> apesar das condições do campo.

Para premiar e incentivar o trabalho dos prisioneiros nos campos de concentração masculinos foram criados bordéis nas proximidades dos campos. As mulheres que trabalhavam nesses bordéis eram selecionadas em Ravensbrück. Algumas se candidataram acreditando na promessa que seriam libertadas em seis meses caso fossem e outras foram obrigadas. A promessa de liberdade era falsa e após os seis meses as mulheres eram levadas de volta a Ravensbrück.

Viktor Frankl, um psicólogo judeu sobrevivente de Auschwitz, explica em seu livro “Em Busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração”, a falta de instintos sexuais nos campos masculinos por causa da desnutrição:

Provavelmente é também o estado de subnutrição que explica o fato de o instinto sexual, de modo geral, não se manifestar(...) em contraste com a vida em outros alojamentos em massa (quartéis e similares), não ocorre aqui qualquer depravação sexual.<sup>159</sup>

Mas isso não aconteceu por completo em Ravensbrück. As mulheres mandadas ao campo por serem lésbicas não perderam esses instintos. Tanto as guardas quanto

<sup>157</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 538.

<sup>158</sup> A história de algumas dessas crianças que sobreviveram será contada no último capítulo.

<sup>159</sup> FRANKL, Viktor. Em Busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração. 48. Ed – São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2019. Página 49.

as prisioneiras mais conservadoras no campo abominavam as lésbicas, por isso elas eram mandadas ao *Strafblock* frequentemente. De acordo com os testemunhos havia muitos casais no campo e “às vezes assediavam outras que não eram gays, mas eram facilmente atraídas. Outras ofereciam sexo em troca de comida.<sup>160</sup>” De acordo com Helm, a maioria das mulheres em Ravensbrück conta que receberam propostas em algum momento. Pela criação conservadora que tiveram, muitas mulheres se assustavam e abominavam as lésbicas. Em seu testemunho Blanka Roschild conta:

As duas alemãs que estavam na nossa frente eram duas mulheres, uma delas era chamada de Peter e ela era o “homem”. Eu tinha 16, 17, 18 ou 19 anos, não me lembro, e essa foi a primeira vez que eu fui exposta a algo do tipo, e ela podia bater na gente. Nós não tínhamos o direito de falar nada. Ela era alemã.<sup>161</sup>

Algumas mulheres foram estupradas antes de serem mandadas aos campos pelos guardas e agentes da SS. Ruth Elias falou sobre os estupros em Auschwitz:

Homens da SS bêbados às vezes faziam incursões inesperadas em nosso bloco; a porta se abria de repente e eles entravam de roldão nas suas motos. (...) As jovens judias eram arrancadas de seus beliches, levadas para um lugar qualquer e estupradas. (...) Qualquer mulher que se recusasse a sair com os SS era brutalmente espancada, por isso nenhuma oferecia a menor resistência. É impossível descrever o estado deplorável daquelas pobres mulheres quando retornavam às barracas.<sup>162</sup>

Os estupros aconteciam em todos os campos e não somente pelos membros da SS ou pelos guardas, mas também, em menor frequência, pelos Kapos, que tinham autoridade sobre os prisioneiros. Essas mulheres eram sempre assassinadas e seus corpos abandonados.

---

<sup>160</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 141.

<sup>161</sup> Interview with Blanka Rothschild. RG-50.030\*0281. USHMM. Página 7. “The two German women who were across from us were two women; one of them was called Peter and she was the man. I was 16, 17, 18, 19 years old, I don't remember, and this was the first time that I was exposed to something like that, and she could hit us. We had no right to say anything. She was German.” Tradução própria. Marcas de oralidade. Testemunha não domina a língua.

<sup>162</sup> SAIDEL, Rochelle G. As Judias do Campo de Concentração Ravensbrück. São Paulo. EdUsp, 2009. Página 236.

Hermann Höllenreiner lembra como os Kapos entravam no campo à noite, selecionavam mulheres - as 'ciganas bonitas' - e as levavam para fora para estuprá-las. Franz Rosenbach, também preso no campo para ciganos, lembra que membros da SS cometeram o mesmo crime. 'Eu presenciei isso duas vezes', ele disse. 'À noite, jovens membros da SS entravam com uma tocha e se aproximavam das mulheres. Na maioria do tempo as mulheres não sabiam o que estava acontecendo, elas tinham que tirar o lenço da cabeça para que eles pudessem olhar para elas. Às vezes eles pegavam as jovens e as levavam para trás dos blocos... nós não estávamos nada. Na manhã seguinte elas estavam mortas. Elas tinham sido assassinadas.'<sup>163</sup>

Não há muitos testemunhos das mulheres sobre isso porque as mulheres sentiam vergonha e preferiam não compartilhar essas experiências. Lilian Ferreira de Souza afirma:

Assim os relatos das mulheres judias que sofreram abusos sexuais, ficaram de fora do repertório da memória das vítimas. Houve muita dificuldade em encontrar mulheres dispostas a narrarem tais formas de violência acuadas pelo medo de ficarem estigmatizadas no meio social<sup>164</sup>

As maiores diferenças entre as experiências masculinas e femininas nos campos de concentração são baseadas no corpo das mulheres. Seus corpos eram usados, mutilados e violados pela SS e pelos médicos nazistas. Abortos foram realizados sem consentimento, foram estupradas e sua capacidade de ter filhos foi tirada com as esterilizações forçadas. Saidel afirma que "As mudanças verificadas em seus corpos levaram-nas a sentir que, de certo modo, elas deixaram de ser mulheres."<sup>165</sup>

---

<sup>163</sup> REES, Laurence. THE HOLOCAUST. A new history. Penguin Random House, UK. First Published 2017. Página 331. Hermann Höllenreiner recalls how Kapos would come into the camp at night, select individual women - the 'beautiful Gypsies' - and then take them outside to be raped. Franz Rosenbach, also imprisoned in the Gypsy camp, recalls members of the SS committing the same crime. 'I witnessed this twice, he says. 'At night, young SS men would come in with a torch and approach the women. Most of the time the women didn't know what was going on, they had to take off their headscarves so that they could get a look at them. Sometimes they picked out young women and took them] behind the block .. you didn't hear a shot ring out, you didn't hear a thing. Next morning they'd be lying there dead. They'd been murdered.' Tradução própria.

<sup>164</sup> SOUZA, Lilian Ferreira de. Vozes femininas. Trajetórias de sobreviventes do Holocausto radicadas no Brasil (1933-1960). Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Estudos Judaicos do Departamento de Letras Orientais na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

<sup>165</sup> SAIDEL, Rochelle G. As Judias do Campo de Concentração Ravensbrück. São Paulo. EdUsp, 2009. Página 238.



#### 4.4 Redes de solidariedade e resistência

Uma das maiores diferenças entre os campos de concentração masculinos e femininos é a ampla rede de solidariedade entre as mulheres. As mulheres estavam mais propensas a formar laços com outras prisioneiras, formar famílias substitutas, cuidar das crianças do campo e umas das outras. O que era diferente nos campos masculinos. A tendência era cada um cuidar de si, mas atos de solidariedade com companheiros aconteciam, como mostra o relato de Primo Levi sobre seu tempo em Auschwitz:

O canto do depósito que me fora confiado pelo Kapo para que o desentulhasse era contíguo a um amplo local ocupado por apetrechos químicos em curso de instalação, mas já danificados pelas bombas. Ao longo da parede, vertical, havia um cano de duas polegadas, que terminava com uma torneira pouco acima do pavimento. Uma tubulação de água? Experimentei abrir a torneira, estava só, ninguém me via.(...) Saíram algumas gotas, não tinha cheiro, recolhi-as nos dedos: parecia mesmo água. (...) Quanta água pode conter um cano de duas polegadas, com uma altura de um metro ou dois? Um litro, talvez nem isso. Podia bebe-la toda imediatamente, seria o caminho mais seguro. Ou deixar um pouco para o dia seguinte. Ou dividi-la com Alberto. Ou revelar o segredo para toda a equipe. Escolhi a terceira alternativa.(...)<sup>166</sup>

A resistência das mulheres de Ravensbrück se deu de várias formas; desde a confecção de presentes para as colegas como sinal de solidariedade e amizade até sabotagem de peças e roupas da SS. As mulheres arriscavam a própria vida e faziam o que estava a seu alcance para garantir sua sobrevivência e de suas companheiras. Por regra, as mulheres não poderiam ajudar umas às outras em quaisquer situações, sendo severamente punidas caso desobedecessem. Esses atos, portanto, demonstram grande coragem por parte das prisioneiras, pois estavam dispostas a ajudar suas companheiras, independente das consequências.

Utilizando de recursos limitados, muitas vezes roubados dos escritórios do campo, as mulheres confeccionavam presentes como desenhos, bordados, cartões, poemas e brinquedos para as crianças. Esses presentes, geralmente, eram dados em datas comemorativas como a páscoa e o natal.

---

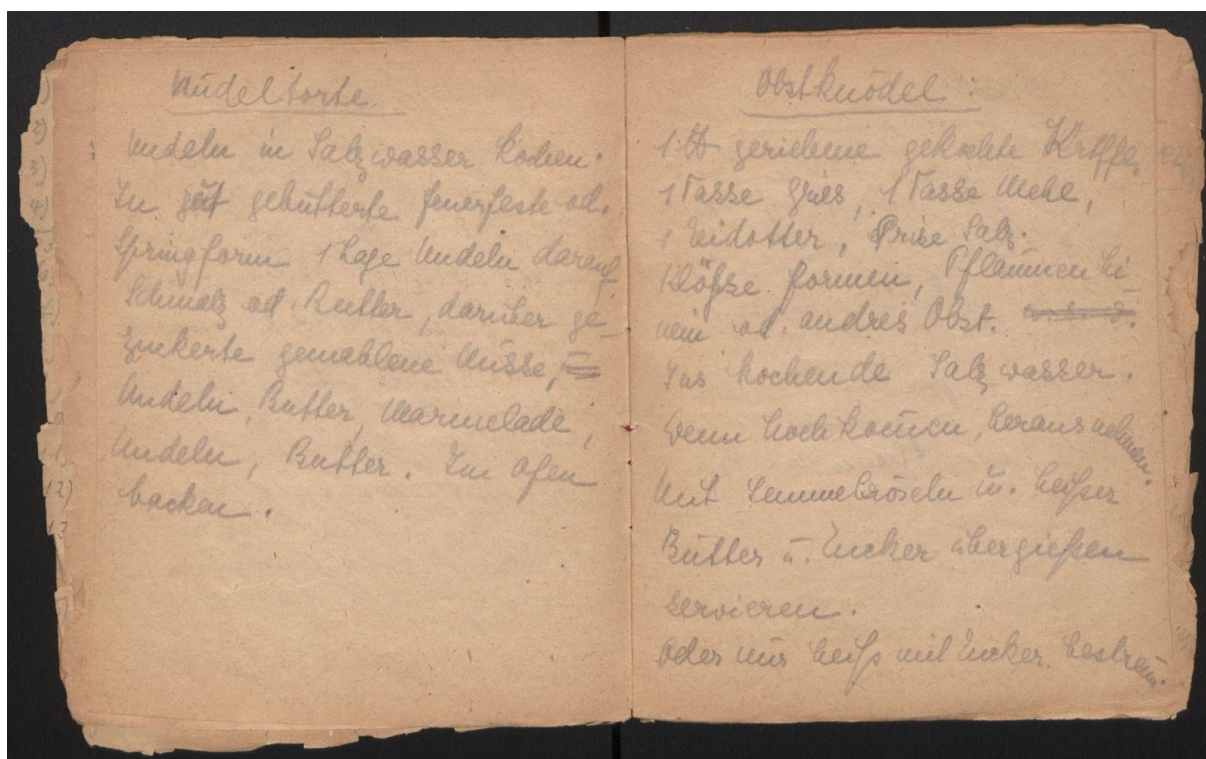
<sup>166</sup> LEVI, Primo. Os afogados e os sobreviventes. Tradução de Luís Sérgio Henriques – 3ª edição- São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. Página 63.



United States Holocaust Memorial Museum. Copyright: United States Holocaust Memorial Museum. Provenance: Anna Hassa Jarosky and Peter Hassa. Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa1154008>

Era muito comum em Ravensbrück as mulheres se juntarem e compartilharem receitas. Elas se reuniam, principalmente à noite nos barracões, e cada uma contava às outras receitas de pratos típicos de seus países e com papel contrabandeado algumas mulheres chegaram a escrever livros de receitas. Julia Terwilliger, ex-prisioneira de Ravensbrück, explica os livros de receitas: “Quando estamos com fome, pensamos em comida o tempo todo.”<sup>167</sup>. Eva Ostwalt criou seu livro de receitas durante seu tempo no campo. A foto abaixo é de uma das páginas de seu livro.

<sup>167</sup> SAIDEL, Rochelle G. As Judias do Campo de Concentração Ravensbrück. São Paulo. EdUsp, 2009. Página 75.



United States Holocaust Memorial Museum. File 1: Cookbook 1943-1945. Photograph 18. Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/irn35210>

Algumas mulheres usavam os desenhos como forma de presentear suas colegas, mas também retratavam a vida no campo e alguns desses desenhos foram usados nos julgamentos. "(...) mas seus desenhos documentaram a vida diária no campo. Ela e seus desenhos tornaram-se conhecidos porque os levou aos julgamentos por crimes de guerra realizados em Hamburgo em 1946-1947 como parte de seu testemunho contra os funcionários nazistas do campo."<sup>168</sup>

As mulheres usavam tudo o que podiam para confeccionar esses presentes. Alguns deles eram poemas que não precisavam de nenhum material, mas a maioria precisava de papel, lápis, linha, agulha e tudo isso era contrabandeado no campo. As mulheres que trabalhavam nos escritórios roubavam alguns pedaços de papel e lápis, que eram usados para diferentes fins<sup>169</sup>. As mulheres que trabalhavam na fábrica de roupas do campo pegavam linha e agulha. Com esses materiais as mulheres fizeram bordados, livros, peças teatrais e inclusive deram aula para as crianças do campo. Cada uma contribuía com o que podia.

<sup>168</sup> SAIDEL, Rochelle G. As Judias do Campo de Concentração Ravensbrück. São Paulo. EdUsp, 2009. Página 76.

<sup>169</sup> Foram usados nos livros de receitas, para escrever peças e poemas, para escrever cartas, etc.

Algumas mulheres que eram professoras davam aulas no campo, como era o caso de Gemma La Guardia que antes de ser mandada a Ravensbrück era professora de inglês. No campo ela ensinava inglês para mulheres de diferentes países, pois queria ir para os Estados Unidos quando fossem libertadas.

Olga Benário organizava grupos de estudo, leitura e fazia um “jornal” com notícias do avanço da guerra. Käthe Pick fazia poemas e escrevia peças teatrais, uma da qual, Schum Schum, foi encenada e criticava fortemente a SS.

(...) a coragem que deve ter sido necessária para criar arte e dar presentes naquele cenário. (...) significava que era preciso lembrar uma diferente maneira de ser que desafiava a violência, o terror e o ódio; e tinha-se de reconhecer a outra quando sua própria dor individual era tão grande. Dar presente, nessas circunstâncias, requeria uma espécie de coragem profundamente enraizada no caráter da pessoa que desafiava a aniquilação. Era uma coragem que recuperava a humanidade da pessoa ao ligá-la a tradições passadas de celebração e gentileza. Essas presenteadoras tinham saudade da amizade, da família, do alimento, da bebida e da segurança de seus lares.<sup>170</sup>

Alguns atos de resistência eram mais focados na guerra, como, a sabotagem de peças na Siemens. As mulheres sabiam que as peças que estavam produzindo seriam usadas em armas dos soldados alemães no front e sabotavam as peças porque não queriam ajudar a matar ninguém, inclusive a própria família.

Às Testemunhas de Jeová era oferecido um acordo de conversão, caso renunciassem sua fé estariam livres, quase nenhuma das prisioneiras aceitou o acordo, apesar de inúmeras torturas impostas com esse objetivo. Hilda Kusserow foi presa em 1936 e esse acordo de conversão lhe foi oferecido em 1943, ela se negou e só foi conseguir a liberdade em 1945, com a libertação de Ravensbrück pelo exército soviético<sup>171</sup>. Elas se recusaram a participar de qualquer trabalho no campo que ajudasse os soldados no front e se rebelavam com frequência.

Contudo, as primeiras “inimigas internas” a se rebelar em Ravensbrück não foram as polonesas recém-chegadas, mas as inimigas mais odiadas e antigas de Koegel: as Testemunhas de Jeová. Elas, que tinham se revoltado em Lichtenburg, agora se recusavam a acatar a ordem de coser bolsas para o esforço de guerra. (...), mas aquilo era

---

<sup>170</sup> SAIDEL, Rochelle G. As Judias do Campo de Concentração Ravensbrück. São Paulo. EdUsp, 2009. Página 78.

<sup>171</sup>United States Holocaust Memorial Museum. Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa4907> . Acesso em 10 de agosto de 2022.

trabalho de guerra, protestaram, e feria os seus princípios pacifistas. O comandante teve um ataque de fúria.<sup>172</sup>

Também houve sabotagem nas fábricas de roupas do campo. As mulheres que trabalhavam na fábrica costuravam a mão os uniformes dos soldados e faziam costuras fracas para a roupa se desmanchar, costuravam os botões errados, entre outras coisas.

As mulheres que trabalhavam no Revier roubavam medicamentos, faixas, bandagens, para garantir a própria sobrevivência e de suas amigas no campo. Durante os experimentos médicos elas não aplicavam o veneno que o médico pedia e contrabandeavam comida da cozinha para alimentar as “coelhas”.

Quando os primeiros transportes para as câmaras de gás começaram, as mulheres não tinham noção para onde o transporte levava. Para garantir que as prisioneiras que ficaram no campo soubessem do trajeto do transporte, do destino final e o que fariam com elas, muitas escreveram bilhetes e esconderam nas roupas, que eram levadas de volta ao campo para serem reutilizadas. As mulheres que trabalhavam na Wäscherei procuravam os bilhetes e repassavam no campo.

Para evitar que suas companheiras fossem levadas para as câmaras de gás, as mulheres tentavam tirar o nome delas da lista. Para isso trocavam o que podiam com as mulheres responsáveis pelas listas. Não era possível cortar nomes, apenas substituí-los e para salvar uma de suas amigas, as mulheres tiveram que colocar nomes de outras mulheres para serem assassinadas.

As pessoas traziam nomes das mais velhas, ou de idiotas, ou criminosas, e pediam que os médicos as trocassem. Então fizemos algo abjeto, e só posso dizer a nosso favor que salvamos seres humanos valiosos. Se não tivéssemos feito isso, o sofrimento teria sido ainda maior. Mas mesmo assim é impossível explicar o sentimento que nos assaltou. Houve diversas cenas desalentadoras no *Revier*. Muitas ciganas haviam sido selecionadas e as parentes pediam para ir com elas. Nosso pensamento era: meu Deus, não podemos deixar partir esses seres humanos saudáveis” Mas elas pediam de um modo tão comovedor: ‘Por favor, deixe-me ir’ - deixe-me ir com minha filha, tia, etc. Quando o processo chegou ao fim, estávamos muito mal.<sup>173</sup>

---

<sup>172</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 88.

<sup>173</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 448.

Isso era comum na maioria dos campos. Em *Auschwitz*, Primo Levi narra uma situação específica do *Kapo* do seu grupo, que ao se tornar muito violento, teve seu nome colocado na lista de morte no lugar de outro prisioneiro.

Em maio de 1944, nosso quase inócuo Kapo foi substituído, e o recém-chegado se mostrou um indivíduo temível. Todos os Kapos espancavam: isso fazia parte óbvia do seu ofício, era sua linguagem mais ou menos aceita. (...)Ora, o novo Kapo espancava de modo diferente, de modo compulsivo, maligno, perverso: no nariz, nas canelas, nos genitais. Batia para fazer mal, para produzir sofrimento e humilhação. Nem era, como muitos outros, por cego ódio racial, mas pela vontade declarada de infligir dor, indiscriminadamente e sem um pretexto, em todos os seus subordinados. (...) Falei disso com um colega, um comunista judeu da Croácia: o que fazer? Como defender-se? Agir coletivamente? Ele sorriu estranhamente e apenas me disse: “Você verá que ele não vai durar muito.” De fato, o espancador desapareceu em uma semana. Mas, anos mais tarde, (...), soube que alguns prisioneiros políticos (...) tinham o terrível poder de substituir os números de identificação nas listas dos prisioneiros destinados ao gás.<sup>174</sup>

Não se pode julgar aqueles prisioneiros que nada fizeram para resistir ou tentar mudar qualquer ato da SS, seja contra o trabalho, os castigos, seja ajudando outros prisioneiros. Além do fato da sua sobrevivência ser mais importante, Frankl explica:

O sentimento predominante de ser mero juguete, o princípio de não assumir o papel do destino, mas de deixar ao destino seu livre curso, tudo isso e ainda a profunda apatia que se apodera da pessoa no campo de concentração são fatores que se explicam porque ela evita qualquer tipo de iniciativa e teme tomar decisões.<sup>175</sup>

Em dezembro de 1944 foi permitido às prisioneiras realizar uma festa de Natal para as crianças do campo. O número de crianças aumentou em 1944 devido aos transportes para *Ravensbrück*. Todas as prisioneiras do campo queriam ajudar na organização da festa, que durou aproximadamente três semanas. Durante esse tempo as mulheres confeccionaram brinquedos, fizeram decorações, decoraram uma árvore e organizaram pacotes de comida para presentear as crianças.

---

<sup>174</sup> LEVI, Primo. Os afogados e os sobreviventes. Tradução de Luís Sérgio Henriques – 3ª edição- São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. Página 58.

<sup>175</sup> FRANKL, Viktor. Em Busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração. 48. Ed – São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2019. Página 77.

Houve conflitos sobre a festa e algumas prisioneiras decidiram não participar da comemoração e organizar suas próprias festas em seus blocos. Apesar dos conflitos, o planejamento da festa aproximou muitas prisioneiras<sup>176</sup> “Todas queriam participar da preparação fazendo brinquedinhos e cosendo decorações. As organizadoras esperavam que a festa expressasse cooperação e reconciliação – ‘um símbolo para o futuro<sup>177</sup>’.”

Muitas prisioneiras confeccionaram os brinquedos e os presentes à noite, após o exaustivo dia de trabalho. Durante as semanas de preparação da festa as mulheres guardavam um pouco da sua “ração” diária para que no dia da festa as crianças pudessem comer melhor.

Uma artista tcheca fez marionetes e a equipe florestal montou uma árvore que decoraram com papel-alumínio, obtido por uma trabalhadora da Siemens. As francesas fizeram brinquedos de trapos, e cada criança receberia um pacotinho e um grande prato de pão com manteiga, organizado na cozinha. As norueguesas e as belgas – únicas que ainda recebiam pacotes de comida- doaram cinco torrões de açúcar para cada pacotinho, que vinha embrulhado nos envelopes das lojas. Durante três semanas, Sylvia Salvesen passou a noite desenhando uma cabana norueguesa rodeada de um bosque de pinheiros em cada pacote. De algum modo, ela conseguiu lápis vermelhos, amarelos e azuis.<sup>178</sup>

Apesar do empenho das mulheres em tornar essa festa em um evento feliz as crianças não aproveitaram muito da festa. Muitas se assustaram com as apresentações e choraram; somente as crianças mais velhas entenderam a situação. Quando receberam o pão com manteiga não conseguiram comer, por estarem frágeis devido a sua má alimentação.

---

<sup>176</sup> O Natal é uma época muito celebrada na Alemanha. É comum a comemoração do Advento, os 24 dias anteriores ao Natal. Há sempre muita festa, comida e presentes. É uma época que une as pessoas. Hoje em dia as comemorações dessa época são muito famosas na Alemanha. As crianças ganham o Calendário do Advento e todos os dias recebem um pequeno presente até a chegada do Natal.

<sup>177</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 61. Para aquelas mulheres no campo, as crianças representavam o futuro. Havia um sentimento de solidariedade para com as crianças, para que pudessem sobreviver. Além disso, a cooperação entre as mulheres de diferentes nacionalidades e religiões aumentava a esperança de que o sentimento de ódio, que gerou o Holocausto, se extinguisse.

<sup>178</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 613-14.

Muitas crianças sobreviventes não lembram bem dos acontecimentos da festa de Natal, pois eram muito pequenas na época, e os testemunhos sobre a festa são muito vagos.

#### 4.4.1 Cartas Secretas

Talvez o ato de resistência mais interessante que ocorreu em Ravensbrück partiu de Krysia Czyz e suas cartas secretas. Com o início dos experimentos nas prisioneiras polonesas, ao analisar suas opções, Krysia decidiu que queria “contar ao mundo”<sup>179</sup> os absurdos que estavam acontecendo no campo.

As cartas que algumas prisioneiras podiam mandar para seus familiares eram censuradas quando falavam sobre qualquer evento do campo e para contar sobre os experimentos ela teria que fazer com que a informação passasse pela censura.

Surgiu a ideia de mandar cartas com tinta invisível usando urina, pois era a única “tinta invisível” ao alcance. O plano era escrever normalmente cartas para sua família, mas acrescentar detalhes nas bordas com a tinta invisível. Para que sua família soubesse que havia mais informações nas cartas do que aquelas visíveis, Krysia se lembrou de sua infância e de um livro que lia com o irmão onde o protagonista escrevia em códigos.

Na primeira carta escrita ela mencionou o livro para que o irmão entendesse e lesse o que estava invisível. Quando sua família recebeu a carta seu irmão entendeu a dica e tentaram então decifrar as mensagens. Para conseguirem ler colocavam um ferro quente em cima da carta, e isso revelava a escrita.

Para organizar melhor as cartas Krysia as numerava e pedia que sua família desse algum sinal que estavam recebendo, seja nos pacotes de alimentos mandados ou em cartas escritas. E assim ela conseguiu revelar a sua família os horrores dos experimentos médicos, juntamente com listas de cobaias, nomes dos médicos e a data do experimento.

Essas cartas chegaram ao Exército Nacional Polonês através da mãe de Krysia, e eles as divulgaram ao mundo. O Comitê Internacional da Cruz Vermelha ficou

---

<sup>179</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 332.





Algumas cartas de Krysia foram conservadas pela família e foram usadas na condenação dos médicos nos julgamentos por crimes de guerra e contra a humanidade.

#### 4.5 Experimentos Médicos

Os prisioneiros dos campos de concentração foram usados não somente como mão de obra para diversas empresas<sup>181</sup>, mas também por médicos como cobaias em experimentos. Esses experimentos foram realizados em vários campos, incluindo Auschwitz e Ravensbrück. Em Auschwitz, o médico Josef Mengele fazia experimentos em crianças e gêmeos. Essas crianças eram escolhidas quando chegavam ao campo e eram mais bem alimentadas e recebiam brinquedos. Os experimentos eram realizados e as crianças eram mortas para que seus corpos pudessem ser estudados. Alguns dos experimentos realizados por Mengele foram a tentativa de mudança de cor dos olhos através de injeções de substâncias diferentes, o estudo da genética e mudanças corporais (costurar gêmeos na tentativa de torná-los siameses).

Os primeiros experimentos realizados em Ravensbrück tiveram os homens de Sachsenhausen como cobaias. A ideia de usar as mulheres do campo partiu de Himmler e as polonesas foram escolhidas como cobaias. Vários médicos realizaram experimentos em Ravensbrück, dentre eles Karl Gebhardt, Fritz Fischer, Rolf Rosenthal, Herta Oberheuser, Ludwig Stumpfegger, Percival Treite e Walter Sonntag.

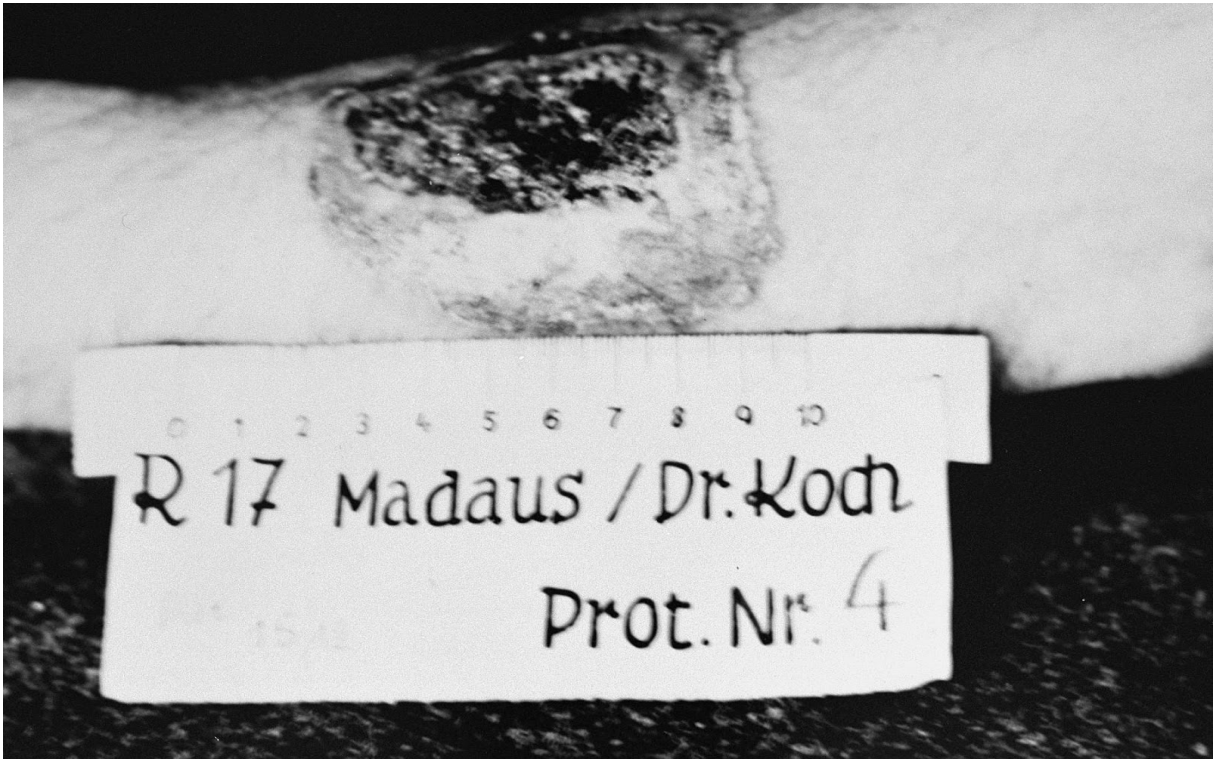
Os experimentos começaram em julho de 1942 e tinham como finalidade encontrar maneiras de tratar os ferimentos dos soldados no front. As mulheres eram levadas para a sala de cirurgia e anestesiadas. Foram feitas incisões nas pernas das mulheres onde colocavam pedaços de madeira, vidro e injetaram vírus e bactérias, e as pernas eram engessadas. Quando acordam não recebiam nenhum medicamento e muitas deliraram de dor. Os médicos nada faziam para ajudar essas mulheres, apenas as prisioneiras que serviam de enfermeiras se compadeciam e tentavam ajudar.

Por quatro dias, as mulheres deliram de febre e são levadas regularmente ao centro cirúrgico, sempre para mais injeções. Clamam por água e os seus lábios estão tão ressecados que sangram. Por fim, Oberheuser manda trazer água e elas bebem sofregamente, mas os

---

<sup>181</sup> Algumas dessas empresas são BMW, Volkswagen, Siemens, IG-Farben, Junkers e Messerschmidt.

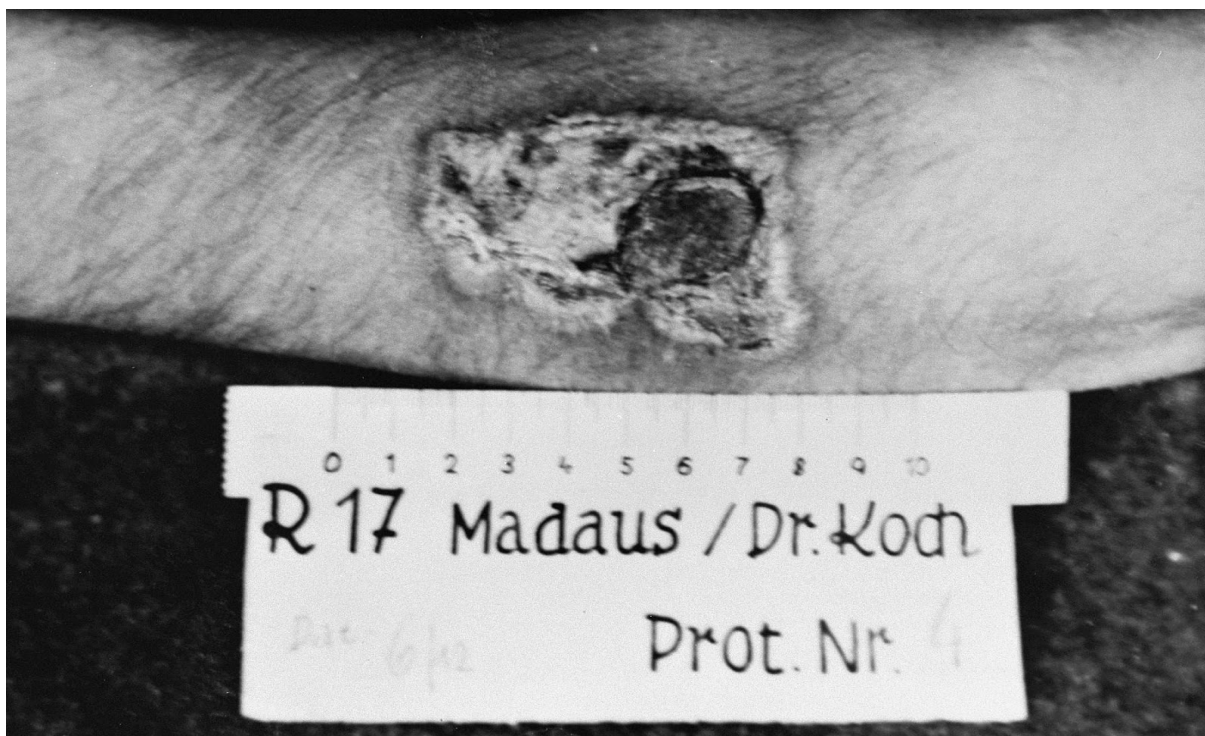
lábios partidos ardem. A água contém vinagre, que provoca ainda mais sede, como Oberheuser sabia que ocorreria.<sup>182</sup>



National Archives and Records Administration, College Park. Copyright: Public Domain. Source Record ID: 238.5.3-Brandt Case, Pros. Ex. 288. Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa11014>

---

<sup>182</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 298-9.



National Archives and Records Administration, College Park. Copyright: Public Domain Source Record ID: 238.5.3-Brandt Case, Pros. Ex. 288. Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa11003>

As primeiras cobaias tentaram ajudar as mais recentes, mas não havia muito a se fazer. As enfermeiras não tinham acesso a medicamentos e os médicos se recusaram a administrá-los. As mulheres no campo ficaram sabendo dos experimentos e contrabandeavam comida para as cobaias, apelidadas de coelhas.

Stumpfegger chega a Ravensbrück para realizar experimentos com músculos e ossos. Usava furadeiras e martelos para quebrar os ossos e observar sua regeneração. Extraia pedaços de ossos e músculos, chegando a extrair completamente alguns ossos.

(...) foi registrado três tipos diferentes de operação: quebrar ossos, enxertar ossos e lascar ossos. Quebrá-los levava até três horas, e as tíbias de ambas as pernas eram esmagadas com martelos na mesa cirúrgica. Os ossos eram fixados – com o sem suportes metálicos- e as feridas costuradas e cobertas de gesso. Após alguns dias, o gesso era removido e os ossos deveriam se regenerar sem o gesso. Em outras cirurgias, a tíbia ou a fíbula inteira eram simplesmente extraídas.<sup>183</sup>

<sup>183</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 311.

Desde o começo dos experimentos os médicos buscavam formas de esterilizar as mulheres no campo, como forma de impedir o crescimento da população indesejada. Uma das formas de esterilização foi a utilização de raios-x. As mulheres usadas nesses experimentos eram a maioria judias e ciganas. No final de 1944 meninas de 8 a 10 anos foram cobaias desse experimento. De acordo com Helm, quinhentas ciganas foram esterilizadas em Ravensbrück entre 1944-45.

Depois das operações, tirávamos as meninas da sala de raio-x e as púnhamos em leitos, em pequenina sala de recuperação, e seus úteros sangravam. Era angustiante ver os pequenos corpos femininos, pelo menos duas mártires faleceram. Os abdômes delas inflamaram, o que significa que morreram sentindo dores insuportáveis.<sup>184</sup>

Quando as coelhas foram chamadas para novos experimentos houve protesto no campo. As mulheres chamadas não compareceram ao *Revier*. Surgiu a ideia de marcharem até o escritório de Langefeld e “No dia 14 de março, todas as mulheres que tinham sido operadas se reuniram diante da *Oberaufseherin* (...)”<sup>185</sup>. Nada conseguiram com a marcha, pois Langefeld disse que não sabia nada sobre os experimentos. Porém as polonesas saudáveis, que poderiam ser usadas posteriormente nos experimentos, decidiram protestar. Houve uma agitação no campo, e algumas prisioneiras se voltaram contra algumas guardas quando essas tentaram atacá-las.

Com o fim da guerra se aproximando, as coelhas seriam assassinadas, pois seriam prova dos experimentos quando os médicos fossem levados a julgamento. Quando começaram a ser chamadas, as mulheres do campo se uniram para escondê-las. Nas chamadas, outras mulheres tomaram o lugar das coelhas e elas se escondiam nos blocos. As substituições duraram dias. Foi oferecido um acordo a uma das coelhas “a oportunidade de assinar uma declaração afirmando que as suas cicatrizes provinham de acidente comum (...). Assine, disse, e eu a libertarei.”<sup>186</sup> A mulher se recusou. A esse ponto Krysia já havia mandado o nome de todas essas

---

<sup>184</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 619.

<sup>185</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 340.

<sup>186</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 669.

mulheres em suas cartas secretas e os experimentos médicos eram de conhecimento da CICV<sup>187</sup>.

Não há registro de todos os experimentos feitos em Ravensbrück e alguns testemunhos falam sobre outros experimentos como o narrado por Gloria Holländer Lyon:

Eles nos perguntavam qual era nosso tipo sanguíneo, e procuravam certos tipos de sangue, as pessoas levantaram a mão. (...) Ordenaram a duas delas que dessem um passo à frente, veio uma enfermeira, tirou o sangue delas e os colocou numa espécie de pote. (...) De manhã, chegada a hora de entrarmos em fila outra vez, aquelas duas mulheres estavam amarradas a duas estacas, mortas. Achamos que eles provavelmente extraíram todo o sangue delas e as deixaram morrer.(...)<sup>188</sup>

Judith Berger Becker foi a única prisioneira a relatar sobre um barracão que todas as prisioneiras tiveram as línguas cortadas.

Depois que entrei na barraca, (as mulheres) bloquearam a entrada. E começaram a produzir sons horríveis, emitiam sons animais, abriam a boca e ficavam apontando, apontando, apontando, estava (...) vindo de um ambiente à luz do dia para uma barraca escura (...) sabe como é, a barraca era escura, e eu não entendia o que estava acontecendo. Não enxergava nada. Elas não me deixavam sair, me agarravam, e mais isso, e mais aquilo, e acenavam para seus púbis, e então vi que todas as mulheres daquela barraca tiveram a língua cortada. (...) Quero dizer, a brutalidade de lhes cortar as línguas para que não pudessem contar, em outras palavras, estavam usando qualquer oportunidade para contar a alguém, provavelmente foram mortas, não sei. (...)<sup>189</sup>

Essas mulheres vítimas dos experimentos médicos em Ravensbrück testemunharam nos julgamentos e serviram como prova, já que os documentos foram todos queimados perto do fim da guerra. Muitas sofreram o resto da vida com as consequências dos experimentos.

---

<sup>187</sup> Comitê Internacional da Cruz Vermelha.

<sup>188</sup> SAIDEL, Rochelle G. As Judias do Campo de Concentração Ravensbrück. São Paulo. EdUsp, 2009. Página 163.

<sup>189</sup> SAIDEL, Rochelle G. As Judias do Campo de Concentração Ravensbrück. São Paulo. EdUsp, 2009. Página 147.

#### 4.5.1 *Idiotenstübchen*

De acordo com os testemunhos reunidos por Helm, houve dois *Idiotenstübchen*, o primeiro no *Revier* do campo e o segundo no Bloco 10. O Dr. Treite escolhia as mulheres que seriam mandadas para esse bloco. No começo havia poucas mulheres, mas em 1944 havia 50.<sup>190</sup> Eram mandadas para lá mulheres consideradas “loucas” que serviam de cobaias nos experimentos que o Dr. Treite realizava. Mory e Spoerry ficavam encarregadas do bloco e frequentemente maltratavam as prisioneiras.

Carmen Mory era uma prisioneira cruel e foi Blockova do Bloco 10. Recebeu permissão para recrutar uma equipe e indicou a Dra. Loulou para ser médica do bloco. Louise Le Porz havia se formado em medicina antes de ser mandada a Ravensbrück. Foi recrutada porque todas as mortes deveriam ser atestadas por uma médica prisioneira. A Dra. Loulou não estava dando conta do trabalho sozinha, pelo aumento do número de mortes, e então Mory recrutou Anne Spoerry.

Spoerry havia feito medicina, mas foi presa antes de concluir o curso e por isso não poderia atestar as mortes, mas Mory a manteve como médica. Spoerry era chamada de Claude e ela e Mory eram muito próximas.

O número de mortes do *Idiotenstübchen* era alto e as prisioneiras sofriam com a pouca comida e os espancamentos constantes. As “loucas perigosas” eram separadas das demais, o que não impediu que elas brigassem e se matassem. Houve vários tumultos no bloco até que foi esvaziado e as mulheres mandadas para a câmara de gás.

Os experimentos feitos por Treite com as mulheres desse bloco visavam determinar o que levava as mulheres à loucura. Treite chegou a comparar o cérebro dessas prisioneiras com os de mulheres saudáveis.

Ela se chamava Joanna e tinha estudado língua e literatura norueguesa na Polônia. (...) Um dia ela foi levada ao *Revier* e voltou sem cabelo e com uma enorme cicatriz. Não conseguia falar nem comer. Ela era muito, muito inteligente. Acho que fizeram algum experimento para descobrir o que dá forma a um bom cérebro, e depois a levaram para matá-la.<sup>191</sup>

---

<sup>190</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 581.

<sup>191</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 582.

#### 4.6 Médicos de Ravensbrück

Como observa Helm, o *Revier* do campo teve papéis opostos, o de curar e o de matar. A maioria dos médicos que trabalhou em Ravensbrück contribuiu para o enorme número de mortes se recusando a tratar as prisioneiras, realizando experimentos e administrando injeções letais.

Além dos guardas, vários médicos passaram por Ravensbrück, dentre eles Walter Sonntag, Gerda Weyand e Herta Oberheuser. Enquanto Sonntag era descrito como um sádico que não tratava de judeus, Weyand é descrita como sendo mais justa, “(...) tinha mais paciência, mais humanidade”.<sup>192</sup> Sonntag e Oberheuser eram responsáveis por fazer e supervisionar os experimentos médicos feitos nas prisioneiras, tanto em mulheres quanto em crianças. Alguns dos experimentos realizados envolviam a esterilização em massa a partir de raios-x. “Hanna Sturm recordou de ter levado duas crianças ciganas, de 9 e 11 anos, para Sonntag, que tentou esterilizá-las. (...) dois dias depois foram encontradas mortas em suas camas.”<sup>193</sup> Os médicos eram responsáveis também pela supervisão de algumas torturas impostas às prisioneiras.

As prisioneiras que trabalhavam no *Revier* também cumpriram esse papel. Uma oposição entre a morte e a cura no campo está nas prisioneiras Gerda Quernheim que realizava abortos nos campos e ajudava os médicos e Dra. Loulou que fez o possível para salvar a maior quantidade de mulheres que conseguisse.

A Dra. Gerda Weyand procurou tratar as mulheres que eram transferidas para o *Revier*. “(...) Gerda Weyand, tinha mais paciência com elas, mais humanidade. Ela indagava os sintomas, as examinava e nunca as espancava nem ofendia.”<sup>194</sup>

O Dr. Franz Lucas da SS chegou ao campo no final de seu funcionamento, mas de acordo com os testemunhos ele realmente tratava as doentes e ajudava as mulheres que o procuravam. “Ele vestia o mesmo uniforme da SS, o mesmo boné.” Mas logo Loulou percebeu que Lucas agia de modo diferente. ‘Ele nos trazia medicamentos, e às vezes examinava uma paciente. Treite costumava tratá-las com as

---

<sup>192</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 159.

<sup>193</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 163.

<sup>194</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 159.



botas.”<sup>195</sup> Apesar de ter esse comportamento em Ravensbrück ele selecionava judeus para a câmara de gás em Auschwitz, o que levou Loulou a acreditar que suas ações em Ravensbrück foram uma forma de tentar se salvar com o final da guerra.

Quando Percival Treite chegou a Ravensbrück as mulheres pensaram que a situação do *Revier* melhoraria, pois ele começou a fazer mudanças imediatas, chegou a ajudar algumas mulheres a escapar das seleções para as câmaras de gás, mas somente para que suas ações o ajudassem no seu julgamento.

Um dos médicos mais sádicos a passar por Ravensbrück foi Walter Sonntag. Antes de ser mandado ao campo, ele realizou vários experimentos com o gás mostarda e em Ravensbrück foi responsável por experimentos sobre doenças infecciosas e esterilização. Ele se recusava a atender pacientes judias e fazia cirurgias desnecessárias nas prisioneiras.

Nenhuma prisioneira que tenha trabalhado com ele tinha a menor dúvida de que Sonntag fosse um sádico. Para ele, o “prazer extremo” era extrair dentes sãos. As mulheres chegavam com um dente infectado e ele extraía outro, um molar perfeitamente sadio. “As extrações eram feitas sem anestesia. Os gritos terríveis eram ouvidos em todo hospital. Ele saía do consultório radiante”(…).<sup>196</sup>

Ele era responsável por atestar as chibatadas e preparar as listas para as câmaras de gás e administrou injeções letais em diversas prisioneiras. Além disso, cometeu diversos atos cruéis e sádicos com as judias do campo.

Quando Sonntag pediu que Erika listasse as tatuagens, era como se tivesse dando uma pista do que estava por vir. Mas só depois da guerra, no julgamento de Buchenwald, ela soube que a SS usava a pele tatuada de prisioneiros para fazer marcadores de livros, carteiras e outros emblemas.<sup>197</sup>

Herta Oberheuser chegou ao campo para substituir Sonntag e assim como Karl Gebhardt, Fritz Fischer, Rolf Rosenthal e Ludwig Stumpfegger participou das seleções para as câmaras de gás, dos experimentos médicos e de esterilização e fazia uso das injeções letais.

---

<sup>195</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 662.

<sup>196</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 160.

<sup>197</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 167.

Algumas prisioneiras foram tão cruéis quanto os médicos. Além de Quernheim e Mory, Vera Salvequart começou a trabalhar no *Revier* do campo principal e foi transferida para o Campo Juvenil onde foi responsável pela morte de diversas prisioneiras ao administrar injeções letais e um pó branco que quando ingerido levava à morte.

## 5. LIBERTAÇÃO

### 5.1 Reféns para troca

Cada mulher teve sua própria experiência em Ravensbrück, seja pela trajetória singular ou pela forma que foram tratadas no campo. Cada grupo de prisioneiras teve um tratamento específico, sendo o pior reservado para as judias. Um grupo de prisioneiras que ainda não foi apresentado é o das reféns para troca. Esse grupo consistia em mulheres importantes para oficiais de países inimigos, e foram mantidas no campo com condições relativamente melhores que as outras prisioneiras. Essas mulheres desfrutavam de certos “privilégios” no campo e não eram colocadas nas listas de morte das câmaras de gás. Gemma La Guardia Gluck<sup>198</sup>, citada anteriormente, era uma dessas prisioneiras.

Essas mulheres eram mantidas em condições melhores para, caso a Alemanha perdesse a guerra, os comandantes nazistas tivessem a possibilidade de ganhar sua liberdade em troca de uma dessas prisioneiras, indo contra a vontade de Hitler. Elas tinham acesso a livros, material para costura, uniformes melhores, possuíam sua própria cama, e às vezes um quarto especial, podiam escrever e receber cartas, o trabalho não era tão pesado e sua alimentação era melhor do que a das “prisioneiras comuns”.

No topo do campo, elas viriam o interior dos blocos ,1,2 e 3, onde as detentas privilegiadas viviam “como a rainha da Inglaterra”, como explicou Germaine, com enxerga individual, lençóis cuidadosamente dobrados, um travesseiro e dois cobertores brancos e azuis para cada uma.<sup>199</sup>

Muitas vezes as condições especiais dessas mulheres no campo vinham a pedido de sua família. Já que a libertação ou troca não eram possíveis no começo, pediam para que fossem bem tratadas e bem alimentadas.

Obviamente, as cartas de Burckhardt fizeram Himmler entender que Lanckoronska era uma refém valiosa, e quando ela chegou a Ravensbrück ele instruiu que fosse extremamente bem tratada. Sua cela tinha a melhor roupa de cama e era abastecida com flores

---

<sup>198</sup> Irmã do então prefeito de Nova York Fiorello La Guardia.

<sup>199</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 489.

frescas. Ela ficou conhecida pelo pseudônimo “*Frau Lange*” e tinha permissão para pedir livros da biblioteca da SS, circulava pelo bunker e pelo jardim atrás da cela e conversava com presos e guardas.<sup>200</sup>

## 5.2 Negociações Suecas

Com o fim da guerra se aproximando, líderes do partido, comandantes dos campos, e também membros de associações compactuantes sabiam que iriam ser acusados e então começaram um processo de trocas de reféns e libertação dos prisioneiros dos campos. A maior dessas operações de libertação de prisioneiros foi realizada pela CICV Sueca. Os horrores dos campos eram conhecidos pelo Comitê Internacional da Cruz Vermelha, e até aquele momento nada tinha sido feito para melhorar as condições dos campos ou para libertar os prisioneiros. O regime havia banido a CICV dos campos, e nenhuma ajuda humanitária era aceita.

Bernadotte, neto do rei Oscar II da Suécia, liderou a missão que permitia entrar em seu país milhares de doentes para ali se recuperarem. Durante a guerra, a Suécia era neutra e acabaram com a Noruega, que não tinha “água pesada” ou tungt vatten, usada para fazer a bomba atômica. Os suecos aprenderam e passaram a industrializar, fazendo um acordo com a Alemanha com a qual mantinham vários negócios, incluindo a construção e consertos de navios. A Suécia tinha muita coisa e era-lhe vantajosa a neutralidade. (...) Não era tão boazinha: era conveniente que ela se mantivesse na neutralidade. A Alemanha também tinha interesse nessa neutralidade como estratégia de guerra.<sup>201</sup>

As negociações dessa libertação foram feitas pelo Conde Folke Bernadotte<sup>202</sup> e os primeiros resgates aconteceram em outros campos, e em Ravensbrück, saíram no final de abril. Conhecidos por Ônibus Brancos, esses transportes conseguiram evacuar milhares de mulheres do campo.

Quando os primeiros transportes começaram um medo se instaurou entre as prisioneiras, pois todo outro transporte levava a morte. Mas assim que viram os

<sup>200</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 467

<sup>201</sup>ARQSHOAH. Testemunho de Israel Apter. Páginas 251-252. Disponível em: [https://www.arqshoah.com/images/imagens/sobreviventes-testemunhos/APTER\\_Israel.pdf](https://www.arqshoah.com/images/imagens/sobreviventes-testemunhos/APTER_Israel.pdf). Acesso em: 14 de setembro de 2022.

<sup>202</sup> Neto do Rei Oscar II da Suécia.

uniformes com emblemas da Cruz Vermelha, um sentimento de alívio tomou conta dessas mulheres, que sabiam que seriam libertadas.



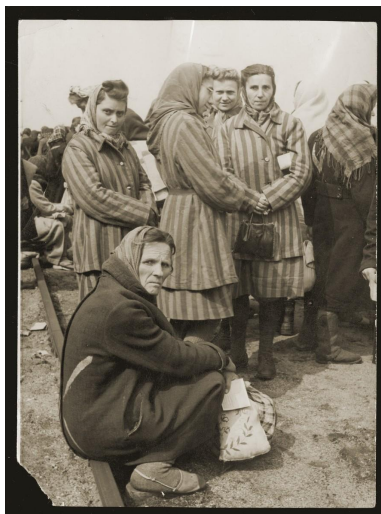
Ônibus brancos. Disponível em: <https://zeit.com.br/post/vita-bussarna-os-onibus-brancos>

No dia seguinte, saímos com nossas roupas novas e caminhamos para o portão. Vimos os ônibus e havia uns suíços de uniformes cinzas e cruzes vermelhas nos braços. Estavam parados do lado de fora do portão. Acho que nos disseram: “Agora vocês vão para Suécia- estão livres.” Antes de irmos, o chefe alemão apareceu e disse: “*Meine Damen, Sie sind Frei* - Minhas senhoras, agora estão livres”. Você pode imaginar? Um alemão chamando-nos *Meine Damen*. Será que estavam mesmo falando conosco? Havia tanto tempo que ninguém nos chamava de “senhoras”. *Meine Damen*.<sup>203</sup>

A fotografia abaixo mostra mulheres judias que foram libertadas por essa operação.

---

<sup>203</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 730. Entrevista de Nelly Langholm à Helm.



“Group portrait of French and Belgian Jewish women recently liberated from the Ravensbrück concentration camp.” Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa1165992>.

O final da guerra se mostrou um período caótico, tanto no front, quanto nos campos. O alto escalão nazista tentava se livrar de provas que os incriminariam, fizeram acordos com prisioneiros para garantir que não seriam mortos, que em troca da sua liberdade, teriam que concordar em depor a favor da SS, em dizer que as condições do campo eram suportáveis, e que sempre foram tratadas com decência.

As aristocratas, adivinhando corretamente, julgaram que seriam mantidas como reféns, se reuniram, raivosas e um “comitê” de protesto (...) foi exigir uma explicação a Suhren. (...) Então a chefe das guardas pôs uma folha de papel na mesa. Se as damas com título de nobreza concordassem em assinar documento dizendo que tinham sido “bem-tratadas”, não seriam executadas, anunciou.<sup>204</sup>

Fritz Suhren tentou fugir com três prisioneiras para Malchow, dizendo para elas que estavam se dirigindo ao exército estadunidense e elas seriam libertadas, mas quando foram parados em um bosque, Odette Sansom revelou a identidade de Suhren e ele foi preso. Algumas mulheres que conseguiram fugir das marchas encontraram uma tropa estadunidense com mais de 1 milhão de prisioneiros alemães<sup>205</sup>.

<sup>204</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 725.

<sup>205</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 807.

(...) Odette viu um grupo de soldados com uniformes que não conhecia em um ponto em que a estrada se afunilava. “Um deles, que tinha uma arma apoiada no antebraço, estava de pé no meio da estrada e mandou o carro parar.” Em um inglês ruim, Suhren disse ao soldado americano: “Esta é Frau Churchill. Ela é parente de Winston Churchill, o primeiro ministro da Inglaterra.” Odette contou que ela então desceu do carro e acrescentou: “ E este é Fritz Suhren, comandante do campo de concentração de Ravensbrück. Por favor, faça-o seu prisioneiro.”<sup>206</sup>

### 5.3 Libertação de Ravensbrück

Com o avanço das tropas soviéticas e estadunidenses os campos precisavam ser evacuados. Desde 28 de abril até o dia da sua libertação, Ravensbrück experienciou um completo caos. Com os constantes bombardeios, os guardas procuravam abrigo e só então as mulheres se sentiam “livres” para explorar o campo. Com a crescente aproximação das tropas soviéticas, muitos guardas fugiram e os que ficaram não conseguiram manter a ordem no campo e se instaurou o caos.

Era o começo de maio - quatro ou cinco de maio - quando nós pudemos ver que tudo estava saindo de controle, até as pessoas que estavam no comando do campo não estavam prestando muita atenção, e todo mundo estava meio que tentando escapar. Nós estávamos recebendo pacotes, nesse ponto o Conde Bernadotte tinha arranjado através da Cruz Vermelha o envio de pacotes para prisioneiros de diferentes campos como Bergen-Belsen e o que estivesse próximo. Então, eles estavam dando os pacotes que chegaram, e nos pacotes tinham chocolates e cigarros. Então os nazistas pegaram os cigarros e os chocolates e distribuíram o resto da comida - bolachas, sardinhas, tudo que estivesse lá, qualquer coisa era ok, talvez até melhor, porque teríamos ficado doentes, Deus sabe lá<sup>207</sup>.

Auschwitz já havia sido libertado e o único campo possível para transferir as prisioneiras era Malchow. Antes de começarem as primeiras marchas de Ravensbrück

<sup>206</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 805.

<sup>207</sup> USHMM Archives RG-50.030\*0396. Interview with Rosalie (Chris) Laks Lerman. Página 85. “It was the beginning of May – fourth or fifth of May – when we could see that the whole thing is getting out of control, even the people who were in charge of the camp were not paying much attention, and everybody was trying to kind of escape. We were getting packages by then the Count Bernadotte has arranged through the Red Cross to send packages to inmates in different campsites like Bergen-Belsen and whatever was close by. So, they were care packages that came, and in the care packages was chocolate and cigarettes. So, the Nazis took out the cigarettes and chocolate and distributed the rest of the food – crackers, sardines, whatever was there, which was okay, maybe it was better, because otherwise we would have gotten sick, God knows what(...)”. Tradução própria. Marcas de oralidade. Testemunha não domina a língua.

os oficiais e guardas do campo começaram a destruição dos prédios e dos arquivos com medo de deixar alguma prova dos horrores que aconteceram no campo para ser usada em um possível julgamento.

As mulheres foram obrigadas a destruir toda evidência que pudesse incriminar os comandantes de Ravensbrück. A câmara de gás foi destruída, os blocos foram pintados, o *Strafblock* foi reformado e móveis foram colocados para aparentar um prédio normal, o *Schreibstube* foi incinerado junto com os documentos e ficha das prisioneiras.

Por ordem do Führer centenas de mulheres foram mortas nesses últimos dias, pois estavam muito debilitadas e não podiam caminhar. Havia ordens de não deixar nenhuma mulher viva no campo. Muitas mulheres começaram a se esconder, pois acreditavam que seriam encontradas pelos aliados e seriam libertadas. Muitas foram encontradas e mortas. Apesar dessas ordens, com todo o caos dos últimos momentos do campo, algumas mulheres permaneceram no Lager, pois os guardas restantes não teriam tempo de matar todas e incinerar os corpos se quisessem fugir.

Muitas mulheres haviam sido libertadas nos Ônibus Brancos e o maior grupo partiu de Ravensbrück no dia 28 de abril de 1945. Durante a marcha qualquer mulher que atrapalhasse o andamento seria assassinada. As mulheres tiveram que não só sobreviver às marchas, mas também aos bombardeios no caminho. Muitas foram mortas por não conseguirem manter o ritmo e por tentarem fugir e se esconder.

Entramos dentro dos barris vazios de cerveja e esperamos. De manhã, ouvimos os da SS gritarem “Raus, raus, schnell, schnell” e os latidos dos cães. Então eles partiram, mas um deles voltou com o cão e eu estava com minha orelha esmagada contra o peito da minha amiga, eu ouvia o coração dela batendo “bum, bum, bum”. Pensei, ai meu Deus, o mundo inteiro está ouvindo, mas o guarda foi embora, e nós e as doentes ficamos para trás. Esperamos várias horas e ouvíamos as doentes pedindo água em todas as línguas, água Wasser, Wasser. Elas eram muitas e estavam morrendo. Então a SS voltou e atirou nelas.<sup>208</sup>

O último grupo saiu do campo dia 29 e as mulheres que ficaram começaram a explorar o campo. Encontraram pilhas de corpos deixados no campo, nas casas dos guardas encontraram comida e nos porões os pacotes enviados pela Cruz Vermelha. “Havia um porão repleto de açúcar, leite em pó, aveia, pão sueco, conservas, sabão,

---

<sup>208</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 788.



pasta de dente, tudo com etiquetas suecas, à exceção dos cigarros americanos.”<sup>209</sup> Encontraram também alguns documentos, recipientes vazios de Zyklon, o gás usado nas câmaras e no bosque encontraram os caminhões que foram usados como câmara de gás.

No dia 30 de abril os soviéticos chegaram ao campo. As mulheres que ainda estavam lá os receberam em prantos.

(...) Passamos por cima do arame farpado com os tanques e derrubamos os portões do campo. Então paramos. Era impossível ir mais adiante, pois uma massa humana cercou nossas viaturas blindadas; as mulheres se meteram debaixo dos tanques e subiram neles, gritando e chorando. Aquilo não tinha fim. Elas tinham um aspecto horrível, usavam macacões, estavam esqueléticas; não pareciam seres humanos. Havia 3 mil doentes, tão doentes que era impossível tirá-las dali; estavam fracas demais.<sup>210</sup>

O alívio das mulheres não durou muito. Os soldados soviéticos começaram a estuprar as mulheres no campo. Eles entravam nos blocos e estupravam as doentes e as mulheres da maternidade. Muitas se trancavam nos blocos para tentar se proteger dos ataques. Muitas mulheres mentiam sobre estar com doenças contagiosas, mas nada funcionava. Todavia, as mulheres que mais sofreram esses ataques foram as alemãs. Os soldados estupravam as mulheres dos vilarejos onde passavam por um senso de “vingança”.

#### **5.4 Fases no campo de acordo com Viktor Frankl**

Viktor Frankl, um psicólogo sobrevivente da Shoah, defende a ideia que os prisioneiros nos campos de concentração passaram por três fases distintas. A primeira se deu na chegada, a segunda durante o tempo no campo e a terceira durante e após a libertação.

A primeira fase, de acordo com Frankl, começa nos transportes, na chegada aos campos. Primeiro vem o terror do desconhecido, o impacto com a sua nova

---

<sup>209</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 793.

<sup>210</sup> HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017. Página 795.

realidade. Alguns prisioneiros se mostraram confiantes de que sua estadia no campo não seria pior do que já haviam passado até aquele momento. E estavam enganados.

Ainda nessa primeira fase vem a descaracterização, a desumanização do indivíduo, onde ele deixa de ser único e se torna parte da massa de prisioneiros sem nome, que possuíam apenas um número. Como ele mesmo conta: “Aí percebo em que pé estão as coisas. Faço aquilo que representa o ápice de toda essa primeira fase de reações psicológicas: dou por encerrada toda minha vida até ali.”<sup>211</sup>

A segunda fase acontece durante o tempo em que ficam aprisionados. O psicólogo sobrevivente define essa fase com uma palavra: apatia. À medida que o tempo vai passando e as condições no campo não melhoram, os prisioneiros se sentem anestesiados com todo aquele horror. Já não mais se espantam com a violência, já não mais lidam com a morte do mesmo jeito, a apatia toma conta do cotidiano.

A apatia e a insensibilidade emocional, o desleixo interior e a indiferença - tudo isso são características do que designamos de segunda fase dentro das reações psicológicas do recluso no campo de concentração - muito cedo também tornam a vítima insensível aos espancamentos diários e em quase toda hora. Essa ausência de sensibilidade constitui uma couraça sumamente necessária da qual se reveste a alma dos prisioneiros..<sup>212</sup>

Esses sentimentos se tornam necessários para a sobrevivência no campo, pois sem isso os prisioneiros não teriam forças para persistir. Com isso, os sonhos se tornam mais frequentes. Os mais comuns são com comida, com a família, com a libertação. Mas assim que despertam encaram a realidade, e a apatia volta a tomar conta do indivíduo. Como explica Frankl: “(...) naquele momento, me conscientizei com muita nitidez de que nem mesmo o sonho mais terrível poderia ser tão ruim como a realidade que nos cercava ali no campo (...)”<sup>213</sup>

A terceira fase se passa durante e após a libertação dos campos. Ao contrário do esperado, o sentimento que tomou conta dos prisioneiros não foi a felicidade, nem o alívio.

---

<sup>211</sup> FRANKL, Viktor. Em Busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração. 48. Ed – São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2019. Página 28.

<sup>212</sup> FRANKL, Viktor. Em Busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração. 48. Ed – São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2019. Página 38.

<sup>213</sup> FRANKL, Viktor. Em Busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração. 48. Ed – São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2019. Página 45.

## 5.5 Dificuldades após a libertação

O sofrimento dos prisioneiros não acabou com a libertação dos campos de concentração. Além de estarem severamente desnutridos e debilitados, muitos não sabiam onde a família estava, nem se ainda estavam vivos. Stella Kugelman Nikiforova era uma criança de seis anos quando foi obrigada a participar das marchas. Stella só conseguiu sobreviver à marcha pela bondade e auxílio de outras prisioneiras. Stella e outras crianças foram separadas do grupo e uma prisioneira soviética a pegou na esperança de não ser levada a julgamento e a levou para um orfanato.

“Se a mulher me tivesse levado de volta ao campo, meu pai me teria encontrado”, explicou ela. Porém a médica levou Stella para a União Soviética e só doze anos depois é que ela teve a oportunidade de descobrir que seu pai sobrevivera ao campo de Buchenwald. A médica regressou à União Soviética com Stella e outra criança para ser ‘reabilitada’ como heroica salvadora de crianças, em vez de correr o risco de ser acusada de traição por divulgar segredos como prisioneira de guerra<sup>214</sup>.

Quando pode sair do orfanato, não sabia onde estava seu pai e somente anos depois descobriu que ele residia no Brasil. Quando se reencontraram as diferenças entre os dois eram muitas, inclusive a língua falada, e por causa disso não ficou no Brasil com seu pai. Stella culpava a médica soviética por não ter se reunido com seu pai. “Disse-lhe que arruinara minha vida. Salvou-me a vida, e também a arruinou.”<sup>215</sup>

Essa era a ideia que muitos tinham após a libertação: “Todos no campo de concentração sabíamos e dizíamos um ao outro: Não há felicidade sobre a terra capaz de compensar nosso sofrimento.”<sup>216</sup>

Quando Glória Lyon e sua família chegaram a Auschwitz, Joseph Mengele fez a seleção. Ela e sua mãe foram colocadas na mesma fila, a dos que foram selecionados para trabalhar, mas sua irmã Anushka, que tinha 12 anos, foi colocada na outra fila. Como a irmã não queria se separar de sua família, ela pulou do caminhão de transporte e foi ao encontro de sua mãe e irmã, assim se salvando da câmara de gás.

---

<sup>214</sup> SAIDEL, Rochelle G. As Judias do Campo de Concentração Ravensbrück. São Paulo. EdUsp, 2009. Página 90.

<sup>215</sup> SAIDEL, Rochelle G. As Judias do Campo de Concentração Ravensbrück. São Paulo. EdUsp, 2009. Página 90.

<sup>216</sup> FRANKL, Viktor. Em Busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração. 48. Ed – São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2019. Página 119.

Mais tarde, Glória foi separada de sua família e passou por seis diferentes campos. Com o fim da guerra, ela foi transportada para Copenhague, onde recebeu tratamento. Seu maior medo era de ter perdido toda sua família. Inicialmente ela correspondeu com uma família que queria adotá-la, mas ela se recusou dizendo que tinha esperança de que sua família estivesse viva. E caso ninguém houvesse sobrevivido ela desejava viver junto aqueles que compartilharam da mesma experiência e poderiam entendê-la.

Ela procurou em listas de sobreviventes, enviou cartas ao antigo endereço, anunciou seu nome nas rádios procurando algum sobrevivente de sua família. Somente um tempo depois ela conseguiu lembrar-se do endereço do seu tio que morava nos Estados Unidos e lhe mandou uma carta. Enfim ela recebeu a notícia que tanto esperava, sua mãe e sua irmã estavam vivas. Elas trocaram cartas e em uma destas cartas sua mãe diz para Glória “Por mais que nós queiramos que você venha pra casa, achamos que você terá uma vida muito melhor nos Estados Unidos.”<sup>217</sup> e sua mãe morreu pouco após isso.

Apesar de haver inúmeras histórias que demonstram que o período pós-libertação foi difícil para essas mulheres, algumas delas tiveram boas histórias para contar, como é o caso de Olga Weiss Astor.

No momento em que estavam todos muito debilitados, os que estavam mais saudáveis, que conseguiam andar, estavam ajudando a carregar os enfermos para os campos de refugiados. Ela conta:

Quando chegamos a Feldafing, dois homens vieram me tirar da ambulância (...). Um rapaz me levantou, eu olhei pra ele e gritei bem alto porque envergava um uniforme da *Wehrmach*. Disse-lhe: ‘Você...’, quer dizer, comecei a xingar em alemão. Sei xingar em muitas línguas. Sou muito talentosa nisso. E ele me mostrou seu número de Auschwitz. Isso me deixou satisfeita e, vou lhe dizer, tive de abraçá-lo, sabe como é, porque ele me carregou nos braços, e eu quase desmaiei... ele tinha um cheiro bom. E se tornou o meu marido.”<sup>218</sup>

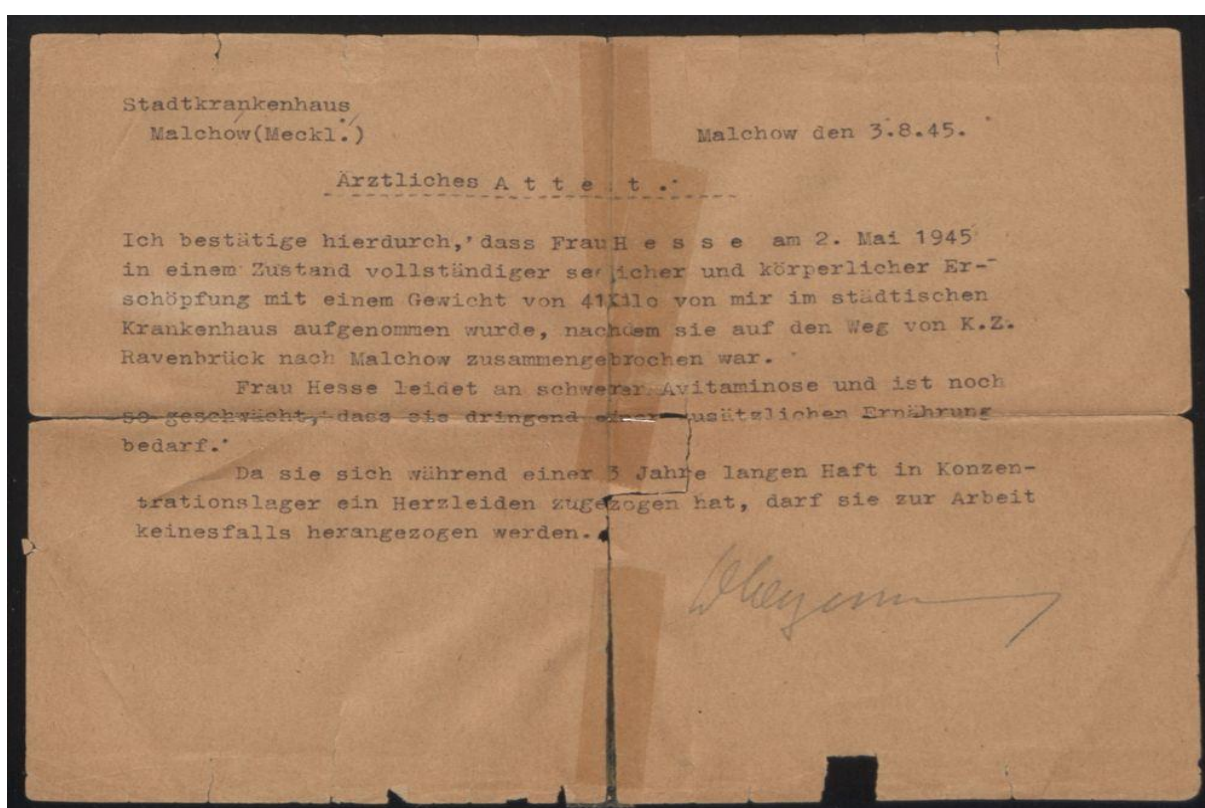
Após a libertação as mulheres foram levadas para os campos de refugiados e aquelas que estavam muito debilitadas foram levadas para hospitais e centros de

<sup>217</sup> USHMM Archives RG-50.477.0420\_02\_trs\_en. Interview with Glória Lyon. Página 24. “As much as we would love to have you come home, we think you will have a much better life in America.” Tradução própria. Marcas de oralidade. Testemunha não domina a língua.

<sup>218</sup> Entrevista de Olga Weiss Astor à Rochelle Saidel em: SAIDEL, Rochelle G. As Judias do Campo de Concentração Ravensbrück. São Paulo. EdUsp, 2009. Página 213.

tratamento. Um dos problemas a ser enfrentado foi a alimentação, já que estavam severamente desnutridas. Estavam famintas e muitas durante o primeiro momento de liberdade comeram sem restrições o que causou vômitos e diarréias, levando a infecções e a morte de algumas sobreviventes.

Nos centros de tratamento receberam alimentação em quantidade adequada até estarem preparadas para voltar à normalidade. As feridas foram tratadas. Muitas não conseguiam andar e tiveram que fazer sessões de fisioterapia. A foto abaixo tirada do arquivo do USHMM mostra o atestado dado a Frau Hesse por esgotamento físico e mental por seu tempo em Ravensbrück, estando pesando apenas 41 Kg.



Atestado médico de Frau Hess. Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/im35210>

## 5.6 Responsabilidade

Muitas vezes, a responsabilidade do holocausto recai somente sobre os líderes nazistas. Mas é pertinente pensar sobre a culpa das empresas que forneceram serviços para o reich. As empresas que usavam mão de obra escrava dos prisioneiros, as empresas que planejaram e montaram as câmaras de gás, e as

empresas que forneceram o gás utilizado para assassinar milhões de pessoas. Era quase impossível ser responsável por fornecer esses serviços e não saber o que estava acontecendo, e não ter nenhuma responsabilidade.

O gás usado, Zyklon B, era usado para desinfecção de porões de navio, por que o regime precisaria de quantidades absurdas desse gás? Para qual finalidade estavam sendo projetadas câmaras lacradas, com apenas uma entrada de gás? Por que não questionar os enormes fornos construídos nesses campos, que incineraram os corpos de inúmeros seres humanos?

É difícil pensar que os funcionários dessas empresas não se dessem conta do significado expresso pela qualidade ou pela quantidade das mercadorias e dos equipamentos que eram encomendados pelos comandos SS. A mesma argumentação se pode fazer, e foi feita, em relação ao fornecimento do veneno empregado nas câmaras de gás em Auschwitz: o produto, substancialmente ácido cianídrico, há muitos anos era usado para a desinfecção dos porões de embarcações, mas o brusco aumento das encomendas a partir de 1942 não podia passar inobservado. Devia gerar dúvidas, e certamente as gerou, mas elas foram sufocadas pelo medo, pela avidez de lucro, pela cegueira e estupidez voluntária que mencionamos, e em alguns casos (provavelmente poucos) pela fanática obediência nazista.<sup>219</sup>

Não somente empresas, mas pessoas, que sabiam dos horrores dos campos e mesmo assim ajudaram o regime. Essa ajuda pode ter tido inúmeras razões, até mesmo a tentativa de salvar a si mesmo e sua família, mas alguns atos, como o Sonderkommando (SK)<sup>220</sup>, foram estrategicamente planejados pelos nazistas, para colocar a vítima no lugar do opressor e assim transferir a culpa.

Nesse grupo de colaboradores se incluem os *Kapos*, as *Blockovas*, as *Lagerälteste*. Apesar da possibilidade de escolha no Lager ser mínima, alguns desses prisioneiros ultrapassaram o limite entre obediência e sadismo. Batiam, não porque a SS mandava, mas sim porque queriam. Não ajudavam os médicos nos experimentos e nas cirurgias torturantes porque eram forçados, mas porque queriam ajudar.

Essa ajuda veio com benefícios, seja para o indivíduo ou para a empresa. Os Kapos recebiam ração extra, o trabalho era menos desgastante, e assim aumentavam

---

<sup>219</sup> LEVI, Primo. Os afogados e os sobreviventes. Tradução de Luís Sérgio Henriques – 3ª edição- São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. Página 11.

<sup>220</sup> Prisioneiros escolhidos nos campos para colocar em prática os planos de execução, seja na câmara de gás ou nos fornos crematórios. Eles ficavam responsáveis por levar as pessoas à morte, retirar tudo que seria valioso para o Reich, como dentes de ouro, cabelo, etc, levar os corpos para os fornos e os queimar.

as chances de sobreviver no campo. As empresas lucravam com as encomendas e o uso da mão de obra desses prisioneiros por um preço mínimo que iria para o Estado.

A “Zona Cinzenta” descrita por Primo Levi era composta desses prisioneiros que contribuíram para o regime e não pode ser julgada da mesma forma que as empresas que apenas queriam lucro. Como Levi coloca em seu livro “Os Afogados e os Sobreviventes”: “Por isto, peço que a história dos ‘corvos do forno crematório’ seja meditada com piedade e rigor, mas que o julgamento sobre eles fique suspenso.”<sup>221</sup>

Alguns desses colaboradores foram julgados e condenados, mas a maioria passou sem nenhuma punição. Foi aberto um processo contra alguns membros executivos da I.G. Farben, dentre as acusações estavam a de uso de mão de obra escrava, crimes de guerra e crimes contra a humanidade e envolvimento com a distribuição do Zyklon-B. Nem todos os acusados foram condenados e as penas variaram de 1 ano e meio a 8 anos de prisão. Levi afirma em “Os afogados e os sobreviventes” que não perdoou seus carrascos, e que não tem a intenção de perdoá-los.

## 5.7 VIDA PÓS-HOLOCAUSTO

Depois de se recuperarem fisicamente, de procurarem suas famílias, os sobreviventes do Holocausto tiveram que enfrentar outros problemas, dentre eles o fato de suas casas terem sido leiloadas, suas contas congeladas e não possuírem dinheiro. Muitos ficaram sob custódia do governo e alguns contaram com a ajuda de amigos e familiares que os receberam.

Sem documentos eles não podiam emigrar, e a grande maioria já não queria viver na Alemanha, parte pelo trauma sofrido como conta Irene Salomonawicz Fleming “Foi muito difícil porque cada pedra estava coberta de sangue e nós sabíamos, e nós, para qualquer alemão que olhávamos nós pensávamos que talvez era o assassino do meu pai.”<sup>222</sup> A espera pelos documentos era muito grande e a fila para a emigração também.

---

<sup>221</sup> LEVI, Primo. Os afogados e os sobreviventes. Tradução de Luís Sérgio Henriques – 3ª edição- São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. Página 47.

<sup>222</sup> USHMM Archives RG-50.030\*0366. Interview with Irene Salomonawicz Fleming. Página 32. “It was very difficult because every stone was full of blood and we knew it, and we, whenever we looked at a German we thought maybe you were the killer of my father.” Tradução própria. Marcas de oralidade. Testemunha não domina a língua.

Durante esse período muitos desses sobreviventes testemunharam nos julgamentos. As mulheres de Ravensbrück foram essenciais para os veredictos dos médicos que realizaram os experimentos.

Os Julgamentos de Ravensbrück, sete no total, aconteceram entre 1947 e 1948. Não somente os guardas foram julgados, mas também os médicos, enfermeiras e alguns prisioneiros que auxiliaram a SS. Dos nomes que são citados acima, Dorothea Binz, Percival Treite, Vera Salvequart, Rolf Rosenthal, Carmen Mory e Walter Sonntag foram réus nesses julgamentos e todos foram condenados à morte por enforcamento.

Herta Oberheuser foi julgada no Julgamento dos Médicos de Nuernberg. Foi indiciada por três crimes e condenada por dois, sendo estes crimes contra a humanidade e crimes de guerra ao realizar os experimentos médicos sem consentimento. Sua pena foi de 20 anos de prisão, que não foi inteiramente cumprida. Anos mais tarde perdeu sua licença médica. Johanna Langefeld foi presa pelo exército estadunidense em dezembro de 1945 e fugiu em 1946 sem ter sido julgada.

Os sobreviventes relatam que tiveram pesadelos por anos sobre o tempo de aprisionamento, e que muitas vezes pensaram que a morte seria menos dolorosa e apenas seguiram vivos por causa de suas famílias.

Apenas por ela, eu estou vivendo. Não por mim. (Chorando) Você sabe, eu não consigo dormir por causa das imagens do que nós passamos não vão embora. Quando eu durmo com minha filha... veja eu moro com meu marido que morreu 14 anos. Quando eu vivo, eu não sei como dormir. Quando eu durmo com minha filha, tudo volta. Porque eu estou gritando, às vezes correndo, gritando e de pé no crematório. Isso não vai embora. Eu estou sempre gritado porque é muito real e eu sonho sobre isso e eu não sei o que está acontecendo sabe. Mas a única coisa, se eu pudesse, se eu não tivesse minha filha porque ela é tão boa pra mim, é inacreditável, eu não estaria viva. Eu acabaria com minha vida porque não teria parentes. (...) <sup>223</sup>

Apesar de tudo, os sobreviventes seguiram em frente. Emigraram, muitos para os Estados Unidos ou para Israel. Se casaram, trabalharam, tiveram filhos. A decisão

<sup>223</sup> USHMM Archives RG-50.030\*0166. LONIA MOSAK interview. Página 7. "Only for her, I'm living. Not for me. (crying) You know, I can't sleep because all the pictures what we went through doesn't go away. When I sleep with my daughter...you see I live along my husband died 14 years old. When I live along, I don't know how I sleep. When I sleep with my daughter, all coming back to ". Cause I'm screaming, sometimes running, screaming and standing by the crematorium. That don't go away." I'm always screaming because it's very real and I dream about it. " and I don't know what's going on you know. But the only thing, if I would...if I wouldn't have my daughter because she's so good to me, it's unbelievable, I wouldn't be alive. I would finish my life because you have no relatives." Tradução própria com marcas de linguagem, o idioma não era dominado pela testemunha..



de ter filhos também foi difícil. Muitas mulheres, durante o tempo nos campos, acreditaram que nunca poderiam ter filhos, tanto pela desnutrição, tanto pela ausência de menstruação durante todo o aprisionamento. Em muitos testemunhos as mulheres narram que, depois de tudo que aconteceu, ter filhos era garantir que os planos de Hitler falhassem.

Quando os memoriais começaram a ser construídos e os testemunhos coletados, muitos sobreviventes sentiram enorme dificuldade de se expressar por inúmeros motivos. Logo após a guerra algumas pessoas não acreditaram no que se passou nos campos, isso fez com que os sobreviventes não falassem tanto sobre sua experiência.

Após os julgamentos, com as provas sendo apresentadas, com todas as evidências e condenações, os sobreviventes passaram a compartilhar sua experiência da exclusão, da vida nos Guetos e nos campos por se sentirem na obrigação de testemunhar para garantir que nenhum evento como esse pudesse se repetir.

Ravensbrück tem seu próprio memorial e seu lago, *Schwedtsee*, que recebeu as cinzas das mulheres que ali foram assassinadas é lembrado por algumas famílias como lugar de descanso de seus entes queridos.

Minha avó é hoje um lago. 'As cinzas', diz mamãe, 'foram espalhadas no lago próximo ao campo, separado dele por um muro de tijolos'. Hoje não existe muro, apenas um lago azul no verdejante cenário alemão. Minha avó é hoje um lago. Antes disso ela foi um cadáver com os olhos abertos e a boca aberta numa massa de cadáveres amontoados. Antes disso ela foi um cadáver identificável perto do esqueleto de uma mulher que a viu, a reconheceu e talvez gentilmente lhe fechou os olhos e depois removeu para a massa de outros corpos.(...)<sup>224</sup>

---

<sup>224</sup> Entrevista de Chaya Lau concedida a Rochelle Saidel. SAIDEL, R. Página 247.

## 6. CONCLUSÃO

A Shoah foi um dos eventos mais desumanos da nossa história. Com ela tivemos campos criados para explorar o trabalho escravo, para matar pessoas de sede e de fome, torturar, para realizar experimentos médicos, para assassinar filhos na frente de suas mães, separar famílias, e assassinar pessoas em câmaras de gás. Tudo isso para a afirmação de uma suposta superioridade racial. Como resultado final perdemos aproximadamente seis milhões de vidas.

Certos grupos foram perseguidos, entre eles podemos citar os judeus, romas, socialistas e comunistas, homossexuais e pessoas com deficiência. Qualquer indivíduo que não se encaixasse no padrão ariano era levado a esses campos.

Com a tomada de poder pelo partido Nazista a perseguição dos indivíduos não-arianos se acelerou exponencialmente. No período pré-guerra a perseguição foi mais voltada para os inimigos do Estado nazista, em especial os comunistas e socialistas, que foram aprisionados nos Early Camps.

Os maiores campos foram construídos seguindo o modelo de Dachau, um dos poucos Early Camps que não foi fechado ou destruído. A princípio um campo feminino não estava nos planos, mas com o crescente aprisionamento de mulheres e as celas das prisões, como Lichtenburg, lotadas, Himmler teve a ideia de construir Ravensbrück.

Apesar de ser classificado como campo de concentração, Ravensbrück foi o único campo em solo alemão a possuir uma câmara de gás em funcionamento. E segundo alguns relatos houve mais uma câmara fixa e uma móvel (diziam que era em um ônibus), porém não há comprovação.

Em meu projeto estabeleci três objetivos principais. O primeiro foi diferenciar a experiência feminina da masculina nos campos de concentração. Apesar de a mesma experiência ser vivenciada de formas diferentes por indivíduos diferentes, há algo comum nas trajetórias daqueles que passaram pelos campos. No quarto capítulo discorro sobre as particularidades desse Lager e pude verificar que houve diferenças baseadas no gênero.

Evidencio a criação de famílias substitutas e a “adoção” das crianças órfãs. Ao contrário dos homens, as mulheres criavam laços e formavam famílias, igualando suas companheiras a familiares e as tratando como tal. Uma vez que esse laço era criado,

elas faziam de tudo para que essa companheira sobrevivesse ao campo, seja roubando alimentos, contrabandeando medicamentos ou até trocando o nome das listas para a câmara de gás.

Os filhos dessas mulheres estavam mortos ou em campos distantes. Não havia muitas crianças nos campos, e as que resistiam eram cuidadas por essas mães, que faziam o que podiam para mantê-las vivas.

Outra diferença a ser destacada é o estupro das jovens nos campos, são somente em Ravensbrück, mas em todos os campos que havia população feminina. Por lei era proibida a relação de arianos com judeus, e a relação com inimigos do Estado ou não-arianos como os ciganos era mal vista. Apesar disso, os guardas dos campos e até mesmo os Kapos estupravam as mulheres mais jovens e mais bonitas e para encobrir seu crime as assassinavam.

Estabeleci como meu segundo objetivo narrar o trauma das prisioneiras e quais mecanismos foram usados para a superação desse trauma. Diante de toda dor e sofrimento nos campos, as mulheres conseguiam cuidar umas das outras como se fossem sua própria família, faziam presentes e entregavam nas datas comemorativas. Faziam bordados, desenhos e grupos de estudo. Ensinavam o que podiam, inclusive o inglês, já que muitas já estavam decididas a mudar para os Estados Unidos assim que saíssem dali. Declamavam poesias, compunham e apresentavam peças de teatro. Juntavam-se à noite e compartilhavam receitas, inclusive sendo publicadas em livros posteriormente. Elas eram unidas e afirmo que essa união tornou o campo mais suportável e isso as ajudou a continuar tentando sobreviver.

Como objetivo final me propus a buscar como ficou a vida dessas sobreviventes no pós-holocausto. Após o regime nazista lhes tirarem tudo que tinham e separá-las de suas famílias. Depois da fome, exaustão, tortura, após a morte de quase todos que conhecia, essas mulheres precisaram recomeçar. Após a libertação dos campos e a recuperação física veio a procura pela família, aquelas que tiveram a sorte de encontrar algum parente vivo tinham ajuda para recomeçar.

A libertação não foi fácil para as mulheres de Ravensbrück pela brutalidade do exército soviético. Muitas mulheres foram estupradas, mas de acordo com relatos elas não foram as mais procuradas por esses homens. Eles procuravam as mulheres alemãs das pequenas vilas com o intuito de vingança pela guerra.

Muitas mulheres morreram nas marchas. Quando finalmente estavam salvas e puderam se alimentar sofreram para conseguirem se nutrir, pois o estado de desnutrição em que estavam não as permitia manter o alimento em seus corpos.

A procura pela família foi um momento de enorme tensão nos sobreviventes. O regime nazista havia tomado suas casas e as leiloadas, então não tinham para onde voltar, e como não havia registro nos campos, por causa da queima de documentos, elas não sabiam se sua família havia sobrevivido. Muitas só foram encontrar a família décadas depois.

Muitos sobreviventes tomaram a decisão de não continuar vivendo na Alemanha, nem mesmo na Europa, pois o trauma era grande demais e resolveram emigrar, muitos para os Estados Unidos, muitos para Israel, pois queriam ficar junto de seu povo, daqueles que passaram pela mesma experiência.

Apesar de terem sobrevivido, carregaram o horror dos campos consigo a vida inteira. A decisão de muitos foi se calar. Tinham medo de não acreditarem nas histórias, pois como alguém acreditaria que um ser humano fora capaz de fazer aquilo? Com o início dos julgamentos algumas pessoas resolveram testemunhar para ter certeza que seus algozes fossem julgados pelos crimes que cometeram. Após um tempo, testemunhos foram recolhidos, livros de memórias escritos, e memórias construídas. Veio a certeza de que narrar era imprescindível para alertar o mundo e tentar impedir que algo parecido pudesse acontecer novamente. A vontade de viver falou mais alto que o trauma.

No fim ainda resta a dúvida colocada por Primo Levi, se através dos testemunhos os sobreviventes conseguiram fazer o mundo compreender os eventos do Holocausto. E se através de toda a vasta pesquisa sobre a Shoah, nós pesquisadores, conseguimos fazer o mundo compreender os terríveis eventos, a imensa dor das vítimas, a crueldade nazista e a necessidade de lutar para que algo parecido jamais aconteça novamente.

## 7. ANEXOS

### 7.1 DICIONÁRIO

**Adjutant** - Ajudante

**Allgemeine-SS** - Ramo da SS incubido do policiamento geral

**Arbeitseinsatz** - Grupo de trabalho

**Arbeitseinsatzführer** - Responsável pelo trabalho

**Arbeitslager** - Campo de trabalho

**Auschwitz** - Campo de concentração situado na Polônia

**Appellplatz** - Praça central do campo

**Bernburg** - Campo instalado em um hospital psiquiátrico

**Blockführer** - Líder do Bloco

**Blockova** - Prisioneira encarregada do bloco

**Effektenkammer** - Depósito dos pertences pessoais

**Folterkeller** - Câmaras de tortura

**Folterstätten** - Lugares de tortura

**Geheime Staatspolizei** - Polícia Secreta

**Ghettos** - Parte da cidade onde os judeus eram obrigados a morar, constituída de pequenas casas

**Inspektion der Konzentrationslager** - Inspeção dos Campos de Concentração

**Judenblock** - Bloco Judeu

**Jugendlager** - Campo da Juventude de Ravensbrück

**Kapo** - Prisioneiro encarregado do bloco

**Kinderzimmer** - Local no campo reservado para as crianças, tradução literal quarto da criança

**Kommandant** - Comandante

**Kommandantur** - Quartel-general

**Konzentrationslager** - Campo de Concentração

**Krankenrevier** - Enfermaria

**Kriminalpolizei** - Polícia Criminal

**Lagerarzt** - Médico do Campo

**Lagerälteste** - Prisioneira chefe

**Lagerläuferin** - Mensageira do campo

**Landesgericht** - Prisão

**Lichtenburg** - Campo de concentração nazista situado em um castelo

**Mauthausen** - Campo de concentração situado na Áustria

**Mecklenburg** - Floresta perto do campo Ravensbrück

**Medizinische Abteilung** - Departamento Médico

**Mischling** - "Mestiça"

**Oberaufseherin** - Chefe das guardas

**Rapportführer** - Responsável pelos relatórios

**Ravensbrück** - Campo de concentração feminino no norte da Alemanha

**Reichstag** - Prédio do parlamento alemão

**Revier** - Enfermaria

**Schreibstube** - Escritório do campo

**Sachsenhausen** - Campo de concentração masculino que mantinha laços com Ravensbrück

**Schutzhaftlager** - Campos de custódia

**Schutzhaftlagerführer** - Líder do Campo de Custódia

**Schutzstaffel (SS)** - Organização militar nazista

**Schwedtsee** - Lago que se localizava ao lado de Ravensbrück

**Sicherheitsdienst (SD)** - Setor de Inteligência nazista

**Sicherheitspolizei** - Polícia de Segurança

**Sonderkommando (SK)** - Grupo de prisioneiros encarregados das câmaras de gás

**SS-Sanitätsdienstgrade** - Serviço Médico Militar da SS

**SS-Lebensborn** - Iniciativa nazista para aumentar o número de nascimentos arianos

**SS-Untersführer** - Sublíder

**SS-Totenkopfverbände** - Unidade cabeças da morte, eram responsáveis pelos campos de concentração/exterminio

**Strafblock** - Bloco de castigos

**Strafkatalog** - Conjunto de regras impostas a todos os campos

**Stubendienst** - Sala de limpeza

**Stubenführer** - Responsável pela limpeza da sala

**Sturmabteilung (SA)** - Tropas de Assalto

**Sturmbannführer** - Equivale a major

**Truppenarzt** - Médico das Tropas

**Vernichtungslager** - Campo de extermínio

**Verwaltung** - Administração

**Waffen-SS** - Ramo da SS incubindo da parte militar

**Wäscherei** - Lavanderia

**Wachtruppe** - Tropa de Guarda

**Wehrmacht** - Força armada

## **7.2 Decree of the Reich President for the Protection of the People and State of 28. February 1933<sup>225</sup>**

On the basis of Article 48, Section 2, of the German Constitution, the following is decreed as a defensive measure against Communist acts of violence that endanger the state:

### § 1

Articles 114, 115, 117, 118, 123, 124, and 153 of the Constitution of the German Reich are suspended until further notice. Thus, restrictions on personal liberty, on the right of free expression of opinion, including freedom of the press, on the right of assembly and the right of association, and violations of the privacy of postal, telegraphic, and telephonic communications, and warrants for house searches, orders for confiscations as well as restrictions on property are permissible beyond the legal limits otherwise prescribed.

### § 2

If any state fails to take the necessary measures to restore public safety and order, the Reich government may temporarily take over the powers of the highest state authority.

### § 3

State and local authorities must obey the orders decreed by the Reich government on the basis of § 2.

### § 4

---

<sup>225</sup> <http://www.worldfuturefund.org/Reports2013/reichfire/reichfire.html>

Whoever provokes, appeals for, or incites the disobedience of the orders given out by the supreme state authorities or the authorities subject to them for the execution of this decree, or the orders given by the Reich government according to § 2, can be punished – insofar as the deed is not covered by other decrees with more severe punishments – with imprisonment of not less than one month, or with a fine from 150 to 15,000 Reichsmarks.

Whoever endangers human life by violating § 1 is to be punished by sentence to a penitentiary, under mitigating circumstances with imprisonment of not less than six months and, when the violation causes the death of a person, with death, under mitigating circumstances with a penitentiary sentence of not less than two years. In addition, the sentence may include the confiscation of property.

Whoever provokes or incites an act contrary to the public welfare is to be punished with a penitentiary sentence, under mitigating circumstances, with imprisonment of not less than three months.

## § 5

The crimes which under the Criminal Code are punishable with life in a penitentiary are to be punished with death: i.e., in Sections 81 (high treason), 229 (poisoning), 306 (arson), 311 (explosion), 312 (flooding), 315, paragraph 2 (damage to railways), 324 (general public endangerment through poison).

Insofar as a more severe punishment has not been previously provided for, the following are punishable with death or with life imprisonment or with imprisonment not to exceed 15 years:

1. Anyone who undertakes to kill the Reich President or a member or a commissioner of the Reich government or of a state government, or provokes such a killing, or agrees to commit it, or accepts such an offer, or conspires with another for such a murder;
2. Anyone who under Section 115, paragraph 2, of the Criminal Code (serious rioting) or of Section 125, paragraph 2, of the Criminal Code (serious disturbance of the peace) commits these acts with arms or cooperates consciously and intentionally with an armed person;







## 7.5 STRAFKATALOG

### Konzentrationslager Dachau

Kommandantur, 1.10.1933

### Disziplinar- u. Strafordnung für das Gefangenenlager

#### Einleitung

Im Rahmen der bestehenden Lagervorschriften werden zur Aufrechterhaltung der Zucht und Ordnung für den Bereich des Konzentrationslagers Dachau nachstehende Strafbestimmungen erlassen. Diesen Bestimmungen unterliegen alle Gefangenen des K.L.D. vom Zeitpunkt der Einlieferung an bis zur Stunde der Entlassung. Die vollziehende Strafgewalt liegt in den Händen des Lagerkommandanten, welcher für die Durchführung der erlassenen Lagervorschriften dem Politischen Polizeikommandeur persönlich verantwortlich ist. Toleranz bedeutet Schwäche. Aus dieser Erkenntnis heraus wird dort rücksichtslos zugegriffen werden, wo es im Interesse des Vaterlandes notwendig erscheint. Der anständige, verhetzte Volksgenosse wird mit diesen Strafbestimmungen nicht in Berührung kommen. Den politisierenden Hetzern und intellektuellen Wühlern – gleich welcher Richtung – aber sei gesagt, hütet euch, dass man euch nicht erwischt, man wird euch sonst nach den Hälsen greifen und nach eurem eignen Rezept zum Schweigen bringen.

#### §1

##### **Mit drei Tagen strengem Arrest wird bestraft:**

1. Wer nach dem Weckruf nicht sofort die Schlafstelle verlässt oder das Bett oder die Stube nicht in Ordnung bringt.

#### §2

##### **Mit fünf Tagen strengem Arrest wird bestraft:**

1. Wer bei Vernehmungen und Verhör wissentlich die Unwahrheit sagt.
2. Wer in dem Lager ohne Berechtigung Zivilkleider trägt.

#### §3

##### **Mit fünf Tagen strengem Arrest und mehrwöchentlicher Strafarbeit wird bestraft:**

1. Wer einem Zählappell oder einem Appell zur Arbeitseinteilung ohne Grund oder Genehmigung seines Stationsführers fernbleibt.
2. Wer sich ohne Grund zum Arzt meldet oder nach erfolgter Krankmeldung nicht unverzüglich den Arzt aufsucht, ferner, wer ohne Wissen des Stationsführers sich zum Arzt oder Zahnarzt meldet oder das Revier aufsucht.

#### §4

##### **Mit 8 Tagen strengem Arrest wird bestraft:**

1. Wer zum Zwecke der Beschwerden Unterschriften sammelt.
2. Wer einen falschen Rapport, eine wesentlich falsche Meldung oder eine unbegründete Beschwerde erstattet oder vorbringt.
3. Wer mehr als 2 Briefe oder 2 Postkarten im Monat schreibt oder zur Erlangung dieses Zweckes unter falschen Namen schreibt.
4. Wer als Stubenältester Gefangenen anderer Stationen oder Stuben den Aufenthalt innerhalb einer Belegschaft gestattet.
5. Wer sich unbefugt in einem fremden Saal, auch innerhalb der eigenen Station, aufhält.
6. Wer sich nicht in die allgemeine Stationsordnung fügt, johlt, schreit oder sich ungebührlich benimmt.
7. Wer als Stubenältester innerhalb seines Ordnungsbereiches Ungeziefer (Wanzen, Läuse, Filzläuse usw.)<sup>[10]</sup> aufkommen lässt: wird dieser Zustand bewusst herbeigeführt oder auf andere Stationsäle übertragen, dann kommt Sabotage in Betracht.
8. Wer mit einer ansteckenden oder übertragbaren Krankheit behaftet ist und bei der Einlieferung keine Anzeige erstattet.
9. Wer erhaltene Bekleidungs- und Ausrüstungsstücke vorsätzlich beschädigt, nicht reinigt und in Ordnung hält; außerdem wird er zum Schadenersatz herangezogen.
10. Wer als Beauftragter bei der Essenausgabe Mitgefangene bevorzugt oder politisch andersgesinnte Gefangene benachteiligt.

#### §5

##### **Mit 8 Tagen strengem Arrest und mit mehrwöchentlicher Strafarbeit wird bestraft:**

1. Wer sich vor der Arbeit drückt oder zur Zwecke des Nichtstuns körperliche Gebrechen vorschützt oder Krankheiten.

2. Wer ohne Befehl eine Arbeitsstätte oder Werkstatt verlässt, vorzeitig einrückt, seine Abmeldung beim aufsichtsführenden SS-Mann unterlässt, sich beim Verlassen bei einem Mitgefangenen abmeldet.

## §6

**Mit 8 Tagen strengem Arrest und mit je 25 Stockhieben zu Beginn und am Ende der Strafe wird bestraft:**

1. wer einem SS-Angehörigen gegenüber abfällige oder spöttische Bemerkungen macht, die vorgeschriebene Ehrenbezeugung absichtlich unterlässt, oder durch sein sonstiges Verhalten zu erkennen gibt, dass er sich dem Zwange der Zucht und Ordnung nicht fügen will,

2. wer als Gefangenen-Feldwebel, als Gefangenen-Korporalschaftsführer oder als Vorarbeiter die Befugnisse als Ordnungsmann überschreitet, sich die Rechte eines Vorgesetzten anderen Gefangenen gegenüber anmaßt, gleichgesinnten Gefangenen Vorteile in der Arbeit oder auf andere Weise verschafft, politisch anders gesinnte Mitgefangene schikaniert, falsche Meldungen über sie erstattet, oder sonstwie benachteiligt.

## §7

**Mit 14 Tagen strengem Arrest wird bestraft:**

1. Wer eigenmächtig ohne Befehl des Kompanieführers die für ihn bestimmte Unterkunft mit einer anderen vertauscht, oder Mitgefangene dazu anstiftet oder verleitet,

2. wer auslaufenden Wäschepaketen verbotene oder im Lager hergestellte Gegenstände beifügt, darin versteckt, oder in Wäschestücken usw. einnäht,

3. wer Baracken, Unterkünfte, oder andere Gebäude außerhalb der vorgeschriebenen Eingänge betritt oder verlässt, durch Fenster oder vorhandene Öffnungen kriecht,

4. wer in den Unterkünften, Aborten und an feuergefährlichen Orten raucht, oder feuergefährliche Gegenstände an solchen Orten aufbewahrt oder niederlegt. Ist infolge Außerachtlassung dieses Verbots ein Brand entstanden, dann wird Sabotage angenommen.

## §8

**Mit 14 Tagen strengem Arrest und mit 25 Stockhieben zu Beginn und am Ende der Strafe werden bestraft:**

1. Wer das Gefangenenlager ohne Begleitperson verlässt oder betritt, wer unbefugt sich einer ausmarschierenden Arbeitskolonne anschließt,
2. wer in Briefen oder sonstigen Mitteilungen abfällige Bemerkungen über nationalsozialistische Führer, über Staat und Regierung, Behörden und Einrichtungen zum Ausdruck bringt, marxistische oder liberalistische Führer oder Novemberparteien verherrlicht, Vorgänge im Konzentrationslager mitteilt,
3. wer verbotene Gegenstände, Werkzeuge, Hieb- und Stoßwaffen in seiner Unterkunft oder in Strohsäcken aufbewahrt.

§9

**Mit 21 Tagen strengem Arrest wird bestraft:**

Wer staatseigene Gegenstände, gleich welcher Art, vom vorgeschriebenen Ort nach einem anderen verschleppt, vorsätzlich beschädigt, zerstört, verschleudert, umarbeitet, oder zu einem anderen als vorgeschriebenen Zweck verwendet; abgesehen von der Strafe haftet nach Umständen der Einzelne oder die gesamte Gefangenenkompanie für den entstandenen Schaden.

§10

**Mit 42 Tagen strengem Arrest oder dauernder Verwahrung in Einzelhaft wird bestraft:**

1. Wer Geldbeträge im Lager ansammelt, verbotene Bestrebungen in- oder außerhalb des Lagers finanziert, oder Mitgefangene durch Geld gefügig macht, oder zum Schweigen verpflichtet,
2. wer Geldbeträge, die aus verbotenen Sammlungen der roten Hilfe stammen, sich schicken lässt, oder an Mitgefangene verteilt,
3. wer Geistlichen Mitteilungen macht, welche außerhalb des Rahmens der Seelsorge liegen, Briefe oder Mitteilungen zur Weitergabe zusteckt, den Geistlichen zu verbotenen Zwecken zu gewinnen sucht,
4. die Symbole des nationalsozialistischen Staates oder die Träger derselben verächtlich macht, beschimpft, oder auf andere Weise missachtet.

§11

Wer im Lager, an der Arbeitsstelle, in den Unterkünften, in Küchen und Werkstätten, Aborten und Ruheplätzen zum Zwecke der **Aufwiegelung** politisiert, aufreizende Reden hält, sich mit anderen zu diesem Zwecke zusammenfindet, Cliques bildet, oder umhertreibt, wahre oder unwahre Nachrichten zum Zwecke der gegnerischen Greuelpropaganda über das Konzentrationslager oder dessen Einrichtungen sammelt, empfängt, vergräbt, weiter erzählt an fremde Besucher oder an andere weitergibt, mittels Kassiber oder auf andere Weise aus dem Lager hinausschmuggelt, Entlassenen oder Überstellten schriftlich oder mündlich mitgibt, in Kleidungsstücken oder anderen Gegenständen versteckt, mittels Steine usw. über die Lagermauer wirft, oder Geheimschriften anfertigt, ferner wer zum Zwecke der Aufwiegelung auf Barackendächer und Bäume steigt, durch Lichtsignale oder auf andere Weise Zeichen gibt oder nach außen Verbindung sucht, oder wer andere zur Flucht oder zu einem Verbrechen verleitet, hierzu Ratschläge erteilt oder durch andere Mittel unterstützt, wird kraft revolutionären Rechts als **Aufwiegler gehängt!**

#### §12

Wer einen Posten oder SS-Mann tötlich angreift, den Gehorsam oder an der Arbeitsstelle die Arbeit verweigert, andere zum Zwecke der Meuterei zu den gleichen Taten auffordert oder verleitet, als Meuterer eine Marschkolonnie oder eine Arbeitsstätte verlässt, andere dazu auffordert, während des Marsches oder der Arbeit johlt, schreit, hetzt oder Ansprachen hält, wird als **Meuterer auf der Stelle erschossen** oder nachträglich gehängt.

#### §13

Wer vorsätzlich im Lager, in den Unterkünften, Werkstätten, Arbeitsstätten, in Küchen, Magazinen usw. einen Brand, eine Explosion, einen Wasser- oder einen sonstigen Sachschaden herbeiführt, ferner wer am Draht Hindernis, an einer Starkstromleitung in einer Schaltstation, an Fernsprech- oder Wasserleitungen, an der Lagermauer oder sonstigen Sicherheitseinrichtungen, an Heizungs- oder Kesselanlagen, an Maschinen oder Kraftfahrzeugen Handlungen vornimmt, die dem gegebenen Auftrag nicht entsprechen, **wird wegen Sabotage mit dem Tode bestraft**. Geschah die Handlung aus Fahrlässigkeit, dann wird der Schuldige in Einzelhaft verwahrt. In Zweifelsfällen wird jedoch **Sabotage** angenommen.

#### §14

Wer einem SS-Mann oder Posten Geschenke anbietet, ihn mit Geschenken, Geld oder anderen Mitteln zu gewinnen sucht, Handlungen zum Zwecke der Zersetzung der SS-Truppe vornimmt, in Gegenwart eines Postens oder SS-Mannes politische Gespräche anknüpft, den Marxismus bzw. eine andere Novemberpartei oder deren Führer verherrlicht, abfällige Bemerkungen über die SS, SA, den nationalsozialistischen Staat, seinen Führer und seine Einrichtungen macht, oder sich sonst widerspenstig zeigt, ferner wer im Lager verbotene Gegenstände zur Zwecke des Kassiberschmuggels oder zu Angriffszwecken herstellt oder an andere weitergibt, wird **wegen Gemeingefährlichkeit dauernd in Einzelhaft verwahrt**. Eine Entlassung für solche Personen kommt nicht in Frage.

#### §15

Wer sich wiederholt von der Arbeit drückt, trotz vorhergehender Verwarnung den Appellen zur Arbeitseinteilung oder den Zählappellen fernbleibt, sich dauernd ohne Grund zu Arzt oder Zahnarzt meldet, körperliche Leiden oder Gebrechen vorschützt nicht ausrückt, dauernd faul und träge sich benimmt, beanstandet wurde, anstößige Briefe schreibt, Mitgefangene bestiehlt, schlägt, wegen ihrer Gesinnung schikaniert, verspottet oder lächerlich macht, wird wegen Unverbesserlichkeit mit dauernder Strafarbeit, mit Arrest, mit Strafexerzieren oder mit Prügel bestraft.

#### §16

Wer nach Eintritt des Zapfenstreichs sich außerhalb seiner Unterkunft bewegt, mit anderen einen Haufen bildet, auf die Aufforderung eines SS-Mannes nicht sofort auseinanderght, nach Eintritt des Alarms nicht sofort seine Unterkunft aufsucht oder während der Dauer des Alarms die Station verlässt oder die Fenster öffnet, **wird vom nächststehenden SS-Mann oder Posten beschossen**.

#### §17

Wer verbotene Gegenstände (Werkzeuge, Messer, Feilen usw.) mit sich führt oder unbefugt Zivilkleidung trägt, kann wegen Fluchtverdachts in Einzelhaft verwahrt werden.

#### §18

Wer als Stubenältester, als Vorarbeiter oder als Gefangener von dem Vorhaben oder Verdacht eine Aufwiegelung, Meuterei, Sabotage oder sonstigen strafbaren Handlung Kenntnis erhält, wird, falls er seine Kenntnisse nicht sofort zur Meldung bringt, als Täter



bestraft. Der Anzeigende wird wegen Erstattung einer falschen Meldung nicht zur Verantwortung gezogen, wenn er durch besondere Umstände getäuscht worden ist.

## §19

Arrest wird in einer Zelle, bei hartem Lager, bei Wasser und Brot vollstreckt. Jeden 4. Tag erhält der Häftling warmes Essen.<sup>[11]</sup> Strafarbeit umfasst harte körperliche oder besonders schmutzige Arbeit, die unter besonderer Aufsicht durchgeführt wird. Als Nebenstrafen kommen in Betracht: Strafexerzieren, Prügelstrafe,<sup>[12]</sup> Postsperre, Kostentzug, hartes Lager, Pfahlbinden, Verweis und Verwarnungen. Sämtliche Strafen werden aktlich vermerkt. Arrest und Strafarbeit verlängern die Schutzhaft um mindestens 8 Wochen; eine verhängte Nebenstrafe verlängert die Schutzhaft um mindestens 4 Wochen. In Einzelhaft verwahrte Häftlinge kommen in absehbarer Zeit nicht zur Entlassung.

Der Kommandant des Konzentrationslagers gez. Eicke SS-Oberführer.<sup>226</sup>

---

<sup>226</sup> Das war Dachau. Luxemburg, 2002. S. 406–411.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**ARENDT**, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

**ARENDT**, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

**ARENDT**, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**. Um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

**ARQSHOAH**. Disponível em: <https://www.argshoah.com/>. Acesso em 10 de janeiro de 2022.

**ARQSHOAH**. Testemunho de Israel Apter.

**BENJAMIN**, Walter. **O narrador**. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986b.

**BEVERNAGE**, Berber. **História, Memória e Violência de Estado. Tempo e Justiça**. Tradução André Ramos, Guilherme Bianchi; Revisão técnica: Valdei Lopes de Araújo, Walderez Ramalho. Serra: Editora Milfontes/ Mariana: SBTHH, 2018.

**BORKIN**, Joseph. **The Crime and Punishment of I.G. Farben**. Printed in Great Britain by Cox & Wyman Limited, London, Fakenham and Reading.

**COGGIOLA**, Osvaldo. Trotsky, **A ascensão do nazismo e o papel do stalinismo**.

Disponível em:

<[https://www.researchgate.net/publication/267702373\\_TROTSKY\\_A\\_ASCENSAO\\_D\\_O\\_NAZISMO\\_E\\_O\\_PAPEL\\_DO\\_STALINISMO](https://www.researchgate.net/publication/267702373_TROTSKY_A_ASCENSAO_D_O_NAZISMO_E_O_PAPEL_DO_STALINISMO)> Visto em 27 de fevereiro de 2021.

**CUPERSHIMID**, Ethel. **Sonhos e Milagres durante a Shoah**. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/issue/view/30>> Acesso em: 02 de maio de 2018.

**EVANS**, Richard J. - **As Mulheres alemãs e o Triunfo de Hitler (Parte III)**. University of Stirling. PDF.

**FINGUERMAN**, Ariel. **A teologia judaica do holocausto: como os pensadores ortodoxos modernos enfrentam o desafio de explicar a Shoá**. 2008. Tese (Doutorado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. doi:10.11606/T.8.2008.tde-12012009-172012. Acesso em: 2020-09-14.

**FRANKL, Viktor. Em Busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração.** 48. Ed – São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2019.

**FRIEDLÄNDER, Saul. A Alemanha Nazista e os Judeus-Volume 2. Os anos de extermínio, 1939-1945.** São Paulo: Perspectiva. 2012. Página 185.

**GELLATELY, Robert. Apoiando Hitler. Consentimento e coerção na Alemanha Nazista.** Rio de Janeiro: Record, 2011.

**GERSHOM, Scholem. A mística Judaica.** São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1972.

**HELM, Sarah. Ravensbrück- A história do campo de concentração nazista para mulheres.** 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017.

**HOLDEN, Wendy. Os bebês de Auschwitz : três jovens grávidas e sua luta pela vida no horror dos campos de concentração nazistas;** tradução Bruno Alexander. – 1. ed. – São Paulo : Globo Livros, 2015.

**KHLEVNIUK, Oleg V. The History of the Gulag. From Collectivization to the Great Terror.** Copyright © 2004 by Yale University.

**LEFORT, Claude. A Invenção Democrática. Os limites do totalitarismo.** Autêntica, 2011.

**LEVI, Primo. Assim foi Auschwitz.** Testemunhos 1945-1986. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

**LEVI, Primo. É isso um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

**LEVI, Primo. Os afogados e os sobreviventes.** Tradução de Luís Sérgio Henriques – 3ª edição- São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

**Ljiljana Heise: Review of: Kretzer, Anette : NS perpetrators and gender. The first British Ravensbrück trial 1946/47 in Hamburg. Berlin 2009 : ISBN 978-3-940938-17-6 , , In: H-Soz-Kult, 23.11.2009, <www.hsozkult.de/publicationreview/id/reb-13190>**

**LOWER, Wendy. As Mulheres do Nazismo.** Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

**MAGALHÃES, Marion Brephol. Campo de concentração: experiência limite.** História: Questões & Debates, Curitiba, n. 35, p. 61-79, 2001. Editora da UFPR

**MILLU, Liana. Smoke over Birkenau.** VARDÁ BOOKS. Skokie, Illinois, USA 5761/200. Translation of: Il fumo di Birkenau. ISBN 0-8276-0398-3. translated from the Italian by Lynne Sharon Schwartz.

**MUHLEN, Bruna Krimberg von Strey, Marlene Neves. As mulheres e o Holocausto.** Arquivo Maaravi. Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG. PDF

**NAIMARK**, Norman M. **Stalin's Genocides**. Published by Princeton University Press, 41 William Street, Princeton, New Jersey 08540.

**ORTH**, Karin. **Die Historiografie der Konzentrationslager und die neuere KZ-Forschung**. *Archiv für Sozialgeschichte* 47, 2007. PDF.

**REES**, Laurence. **THE HOLOCAUST. A new history**. Penguin Random House, UK. First Published 2017.

**SAIDEL**, Rochelle G. **As Judias do Campo de Concentração Ravensbrück**. São Paulo. EdUsp, 2009.

**SCHÄFER**, Silke. **Zum Selbstverständnis von Frauen im Konzentrationslager. Das Lager Ravensbrück**. Von der Fakultät I Geisteswissenschaften der Technischen Universität Berlin genehmigte Dissertation zur Erlangung des akademischen Grades Doktorin der Philosophie. 2002.

**SCHLENKER**, Claudia. **Frauen in nationalsozialistischen Konzentrationslagern**. Philosophische Fakultät der Universität Konstanz Fachgruppe Geschichte. April 1998

**SELIGMANN-SILVA**, Márcio. **A história como trauma**. In: *Catástrofe e representação: ensaios*. São Paulo: Escuta, 2000.

**SNYDER**, Timothy. **Black Earth. The Holocaust as history and warning**. Vintage. 20 Vauxhall Bridge Road, London SW1V 2SA

**SONTAG**, Susan. **Diante da dor dos outros**. Companhia das Letras, 2003.

**South African Concentration Camps**. Disponível em: <https://nzhistory.govt.nz/media/photo/south-african-concentration-camps>, (Ministry for Culture and Heritage), updated 31-May-2016. Acesso em 11 de março de 2021.

**STANISLAV ZAMECNIK**. **Das war Dachau**. Translated by PETER HEUMOS and GITTA GROSSMANN. (Die Zeit des Nationalsozialismus.) Frankfurt a. MFischer.2007.

**USHMM Archives RG-50.030\*028**. Interview with Blanka Rothschild.

**USHMM Archives RG-50.477.0420\_02\_trs\_en**. Interview with Glória Lyon.

**USHMM Archives RG-50.030\*0396**. Interview with Rosalie (Chris) Laks Lerman.

**USHMM Archives RG-50.030\*0166**. Interview with Lonia Mosak.

**USHMM Archives RG-50.030\*0371**. Interview with Walter Meyes.

**USHMM Archives RG-50.030\*0366**. Interview with Irene Salomonawicz Fleming.

**USHMM Archives RG-50.549.02\*0058**. Interview with Rose Warner.

**UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. ENCYCLOPEDIA OF CAMPS AND GHETTOS, 1933–1945**.

**SOFSKY, Wolfgang. [Ordnung des Terrors. English.] The order of terror : The concentration camp / Wolfgang Sofsky :translated by William Templer.**Princeton, New Jersey.

**WAXMAN, Zoë. Unheard Testimony, Untold Stories: the representation of women's Holocaust experiences,** Women's History Review, 12:4, 661-677.(2003).

Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09612020300200715>

**WORLD FUTURE FUND. REICHSTAG FIRE DECREE - TEXT. ORDER OF THE REICH PRESIDENT FOR THE PROTECTION OF PEOPLE AND STATE. FEBRUARY 28, 1933.**Acesso em 10 de janeiro de 2022. Disponível em: <http://www.worldfuturefund.org/Reports2013/reichfire/reichfire.html>.